POLÍTICA A NOVA FACE DO ELEITORADO DE DIREITA, QUE AMEAÇA SE DESGARRAR DA LIDERANÇA DE JAIR BOLSONARO

Editora ABRIL
edição 2908 - ano 57 - nº 35
30 de agosto de 2024

O ESCOLHIDO

As ideias, a trajetória e os desafios de Gabriel Galípolo, o indicado de Lula para comandar o Banco Central a partir de 2025

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas corporativas, projetos especiais e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

EDITORA Abril

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz
Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, José Benedito da Silva, Juliana Machado, Marcela Maciel Rahal, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias, Sergio Roberto Vieira Almeida **Editores-assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Cordeiro Alves Barros, Camila Koester Pati, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laisa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Val de Carvalho Gil, Ramiro Brites Pereira da Silva, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmar Fontes Hupsel Filho, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara **Sucursais:** ***Brasília*** **— Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro*** **— Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Amanda Péchy, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima, **Estagiários:** Gisele Correia Ruggero, Julia Sofia Silva, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Mariana Carneiro de Souza, Marília Monitchele Macedo Fernandes, Paula de Barros Lima Freitas, Sara Louise França Salbert, Thiago Gelli Carrascoza **Arte — Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Mailson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

CO-CEO Francisco Coimbra, **VP DE PUBLISHING (CPO)** Andrea Abelleira, **VP DE TECNOLOGIA E OPERAÇÕES (COO)** Guilherme Valente, **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO, LOGÍSTICA E CLIENTES** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **GERENTE-EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 908 (ISSN 0100-7122), ano 57, nº 35. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

www.grupoabril.com.br

LALO DE ALMEIDA/FOLHAPRESS

TON MOLINA/FOTOARENA

INVESTIGAÇÃO A ministra Marina Silva *(à esq.)* não descarta a ação de bandidos nas chamas do Pantanal: crime ou não, o desafio pela frente é imenso

VIGILÂNCIA PERMANENTE

A TERRA VIVE evidente desequilíbrio climático "e não temos nem plano B nem planeta B", como pontuou o então secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, em 2015, em frase inteligente e ferina. Na semana passada, aliás, o português António Guterres, o atual líder da organização diplomática, emitiu um alerta de "catástrofe" devido à ele-

vação acelerada das águas do Oceano Pacífico, com possíveis repercussões em todo o mundo, em futuro breve. O aquecimento global é outro capítulo de preocupação inescapável — e parece improvável que a civilização consiga respeitar o Acordo de Paris, estabelecido em 2015 por 196 países signatários, segundo o qual se deve manter o aumento médio das temperaturas no máximo em até 2 graus acima dos níveis pré-industriais e, de preferência, limitá-lo a 1,5 grau. A situação, de fato, preocupa e não há outra saída a não ser o zelo pelo meio ambiente.

Lamentavelmente, os sinais de danos despontam com incômoda frequência. Por aqui, o país está em chamas. Nos seis primeiros meses de 2024, os biomas brasileiros registraram um número inédito de queimadas. O Pantanal e o Cerrado totalizaram a maior quantidade de focos de incêndio para o período, desde o início das medições, em 1988. No Pantanal, de 1º de janeiro a 23 de junho, foram detectados 3 262 episódios, mais de 22 vezes em relação ao mesmo período de 2023. No primeiro semestre deste ano, quase todos os biomas brasileiros tiveram um aumento de queimadas em comparação a 2023, exceto o Pampa, afetado por chuvas responsáveis pelas enchentes no Rio Grande do Sul. Trata-se de um cenário assustador e, de recorde em recorde, como mostra a reportagem a partir da pág. 60, podemos chegar ao ponto de não retorno. A ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, nome de relevo internacional no tema, não descarta nem mesmo

ações criminosas nos recentes focos (e investigações policiais atuam para entender o que houve).

A bandidagem é inaceitável, e precisa ser condenada. Não se pode ser negligente, também, com todo tipo de planejamento e vigilância, que se pressupõe permanente. Durante o governo de Jair Bolsonaro e de um ministro que sugeriu "passar a boiada" para eliminar restrições ambientais, o país transformou-se de modelo a ser seguido em vilão. Com a presidência de Lula, e especialmente com o empenho de Marina, os humores e as prioridades mudaram. Contudo, vale ressaltar, em ritmo demasiadamente lento. Não por acaso, o ministro Flávio Dino, do STF, determinou que a União mobilize, em no máximo quinze dias, o maior número de agentes das Forças Armadas, Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal e Força Nacional para combater os incêndios no Pantanal e na Amazônia. São lições que precisam ser imediatamente assimiladas. O Brasil necessita correr e estar atento para não passar vergonha na COP30, a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, prevista para ocorrer em novembro de 2025, em Belém, no Pará. Seria constrangedor assistir a uma tragédia ambiental durante um evento dessa magnitude. O desafio é imenso. ■

GOIÁS CONQUISTA 1º LUGAR NO IDEB E TEM MELHOR EDUCAÇÃO DO BRASIL

Estado tem a melhor média no Ensino Médio. Goiás está entre os três únicos estados que bateram a meta de desempenho estipulada pelo Ministério da Educação

A rede pública estadual de Educação de Goiás é a primeira em todo o país no Ensino Médio com média 4,8. Os dados são do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) 2023, que mede a qualidade do ensino no Brasil.

O Estado também ficou entre as únicas três unidades da federação que atingiram a meta, junto com Pernambuco e Piauí. Os dados, elaborados a partir do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), aplicado durante o mês de outubro do ano passado, foram divulgados pelo Ministério da Educação (MEC).

Além de ter o melhor resultado nacional, com nota de 4.8 no Ideb, Goiás ultrapassou a meta estipulada, que era de 4.7.

ENSINO FUNDAMENTAL NO TOPO

O resultado histórico também coloca Goiás em primeiro lugar nos anos finais do Ensino Fundamental, que é majoritariamente ofertado nas escolas públicas estaduais. Ao lado do Ceará e do Paraná, o Estado alcançou a média 5,5.

Para que a rede estadual avançasse, o Governo de Goiás, por meio da Secretaria de Estado da Educação (Seduc), desenvolveu vários projetos de recomposição da aprendizagem. Entre eles estão o Revisa Goiás, o Goiás Bem no Enem (GoBem) e o Ser Goiás, além da implantação do programa GoiásTec.

O conjunto de ações garantiu a melhoria da aprendizagem dos alunos em todas as modalidades e etapas da Educação Básica.

Goiás implementou ainda os programas Bolsa Estudo e AlfaMais. O Bolsa Estudo tem assegurado a frequência e as boas notas dos adolescentes e jovens das escolas estaduais. O AlfaMais Goiás

PRODUZIDO POR **ABRIL BRANDED CONTENT**

vem garantindo a alfabetização das crianças na idade certa, além de melhorias já nos anos iniciais do Ensino Fundamental, que obteve média 6,3 no Ideb.

INVESTIMENTO EM EDUCAÇÃO SUPERA R$ 7,4 BILHÕES

O primeiro lugar de Goiás no Ideb é reflexo de um investimento pesado por parte do Governo de Goiás, que desde 2019 não mede esforços em aplicar recursos na Educação.

Nos últimos cinco anos e meio foram destinados R$ 7,4 bilhões à Educação pública goiana. Somente em obras de infraestrutura foram mais de R$ 1,5 bilhão, na construção de 30 novos prédios, reformas de todas as instituições de ensino, com construção inclusive de quadras poliesportivas, além da implantação de sistema fotovoltaico e poços artesianos, gerando economia para o Estado.

Das mais de mil escolas da rede estadual, 252 funcionam em tempo integral. Os Centros de Ensino em Período Integral (CEPI) estão instalados em 41 municípios, abrangendo todas as regiões de Goiás. E a previsão é que esta modalidade abra 16 mil novas vagas.

PIONEIRISMO: BOLSA ESTUDO COMBATE EVASÃO ESCOLAR

O Governo de Goiás é pioneiro no país na criação de ferramentas que combatem a evasão escolar. Um dos principais programas é o Bolsa Estudo, que oferece R$ 111,92 mensais para 265 mil alunos do Ensino Médio e também do 9° ano do Ensino Fundamental.

GOIÁS TEM MAIOR REDUÇÃO DE ANALFABETISMO DO PAÍS

Goiás apresentou a maior redução do país na taxa de analfabetismo entre as pessoas de 15 anos ou mais. O índice goiano, entre os anos de 2016 e 2023, saiu de 5,9% para 4% – queda de 32,2%. No mesmo período, a redução nacional foi de 19,4%. Os dados são do IBGE.

TECNOLOGIA: ALUNOS TÊM ACESSO À ROBÓTICA E INOVAÇÃO

O projeto Jornada para o Futuro, uma parceria entre a Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação (Secti) e a Seduc, oferece aos alunos do ensino médio a oportunidade de se aprofundarem em cursos de tecnologia e terem certificação de formação técnica.

Essa iniciativa permite que os estudantes tenham acesso a conhecimentos avançados em áreas como programação, robótica e inovação.

TAUAN ALENCAR/MME

“SOU BOM DE BRIGA”

Ministro exalta programa que provocou divergências com a equipe econômica, ressalta que Lula é quem dá a palavra quando há impasse e crava que o presidente será candidato à reeleição

MARCELA MATTOS

ALEXANDRE SILVEIRA tem convivido com o bônus e o ônus de ser o mais lulista de todos os ministros do governo — muito mais do que os próprios petistas. Ex-senador do PSD, ele assumiu o cargo por conta de um arranjo político e admite que não tinha grande afinidade com assuntos relacionados a gás, petróleo ou mineração quando decidiu topar o desafio de comandar o Ministério de Minas e Energia. Agora está à frente de uma ambiciosa agenda que promete colocar o país no trilho do desenvolvimento econômico e sustentável, uma demanda que se impõe aos olhos do mundo, acompanhada de avanços na área social, a histórica bandeira do petista. Na última semana, Silveira lançou um pacote de medidas voltadas à transição para uma economia verde e um novo programa que pretende ampliar o acesso ao gás de cozinha para cerca de 80 milhões de brasileiros. Planejado para se consagrar como a maior marca do Lula 3.0, o Gás para Todos foi inaugurado sob aplausos e pompa do presidente, num desfecho que encerrou uma batalha de cerca de um ano com a equipe econômica, preocupada com as contas que não fecham, já que o custo estimado pode chegar a 13 bilhões de reais por ano. Reza a lenda que Silveira é um dos únicos auxiliares do presidente que desafia abertamente a equipe econômica, particularmente o ministro da Fazenda. Reza a mesma lenda que ele faz isso com a autorização expressa do próprio Lula. Dizendo-se um “atacante” disposto a fazer gols, Silveira já entrou em vários embates — e é alvo de disparos amigos. Em resposta, saca uma frase

que atribui ao presidente: "Firula não me para. Sei aonde quero chegar", afirma. Confira a entrevista.

O governo lançou a Política de Transição Energética que olha para o futuro num momento em que o país arde em chamas como no passado. Não é um paradoxo? As queimadas nos preocupam demasiadamente e demonstram, mais uma vez, a necessidade de aperfeiçoarmos os nossos mecanismos de controle e de apuração de responsabilidades. Mas é importante dizer que esses acontecimentos não são consequência da falta de política pública. A transição energética vem para tentar minimizar os impactos de efeitos climáticos que você não controla. Se há algum aperfeiçoamento de legislação ou alguma tipificação criminal que precisa ser acrescentada ao Código Penal, os acontecimentos vão nos levar a refletir. Mas são fatores que fogem

"Sempre lembro ao mercado que o projeto de país que ganhou as eleições foi o do presidente Lula, cuja prioridade é resgatar os programas sociais e reestruturar as políticas públicas"

ao controle humano. Daí a importância das medidas que estamos anunciando.

Como as adaptações às energias limpas estão aliadas ao crescimento econômico e social? Eu tenho defendido que não há salvação fora da nova economia, que é a economia verde. Achavam que passar a boiada seria um bom negócio, mas o que estamos vendo é a necessidade de um desenvolvimento econômico sustentável e com frutos sociais. Precisamos desse equilíbrio, sabendo que, fora da sustentabilidade, nós vamos para o isolamento internacional. Projetos que estamos avançando, como o do combustível do futuro, significam colocar 250 bilhões de reais nessa indústria. Acredito muito que os biocombustíveis são para o Brasil o que o petróleo é para a Arábia Saudita.

O senhor disse recentemente que o setor elétrico brasileiro está à beira do precipício. Por quê? Nós temos o maior e melhor sistema energético do mundo. Uma dessas queimadas atingiu uma linha de transmissão e interrompeu o abastecimento do Acre e de Rondônia. Em três horas nós restabelecemos a luz. Se isso tivesse acontecido no Texas, nos Estados Unidos, teriam ficado no escuro, no mínimo, por três ou quatro dias. O meu comentário sobre o precipício foi em relação à tarifa. E repito: há uma esquizofrenia na questão tarifária do Brasil. Nós temos uma das melhores matrizes do planeta. Mas, em contrapartida, temos uma das tarifas mais caras.

O governo pretende intervir nesse setor como fez a ex-presidente Dilma? O que acontece é que o presidente Lula não consegue conceber o fato de a grande indústria pagar menos do que o consumidor regulado, que é o pobre e a classe média. Por isso, estamos concluindo o que chamamos de reforma do setor elétrico, com justiça tarifária, liberdade para o consumidor e equilíbrio do setor. Se nós não contivermos os interesses individuais dos segmentos que representam a geração de energia — interesses republicanos, porque é uma disputa de mercado —, vamos caminhar para o colapso do setor elétrico.

O governo também lançou o programa Gás para Todos. Não é contraditório isso acontecer num momento em que se busca corte de gastos? Hoje já temos o Auxílio Gás, que atinge 5,6 milhões de famílias e tem 3,6 bilhões de reais de custo. Notamos que esse recurso acabou sendo absorvido como parte do Bolsa Família, e as pessoas não compram o gás e continuam cozinhando com lenha, álcool e serragem, que trazem riscos de acidente e à saúde. Agora, todos vão passar a retirar o botijão na distribuidora. Estamos falando de 20 milhões de famílias beneficiadas, um total de 80 milhões de pessoas, a um custo de 13,6 bilhões de reais. Isso não é nada para um país como o Brasil.

Foi fácil convencer a equipe econômica? Boa pergunta. Tivemos um ano de negociações na Esplanada, discutindo os

impactos regulatórios e financeiros. O presidente tem total visão de que há que manter o equilíbrio das contas, há que melhorar a qualidade do gasto, que fazer os abatimentos devidos na dívida pública. Sempre lembro ao mercado que o projeto de país que ganhou as eleições foi o do presidente Lula, cuja prioridade é resgatar os programas sociais e reestruturar as políticas públicas. E é isso que vamos fazer. O início do programa é imediato, e até dezembro de 2025 tem de estar 100% implantado. Estamos falando de atender um terço das famílias do país que cozinham com botijão de gás. Em paralelo, estou lançando um outro programa de fornecimento de fogão e geladeira. Será um investimento de algo em torno de 3 bilhões de reais a mais por ano. Juntos, serão os maiores programas sociais desta gestão.

Esses aumentos de despesas são vistos como uma derrota do ministro da Fazenda, Fernando Haddad. No governo Bolsonaro, quem mandava era o ministro da Economia, Paulo Guedes. Eu não vou dizer que o Haddad é o oposto do Paulo Guedes, mas posso dizer que o Brasil tem um presidente da República, o Brasil tem quem decide, e o nome dele é Lula. O mercado dizer que o ministro da Fazenda é quem tem de decidir a política econômica do país, me desculpe, é errado. Na minha opinião, o ministro da Fazenda tem de ser o auxiliar do presidente para a construção da política econômica do país. O ministro que procura constranger o presidente — e não estou falando do ministro Haddad, estou falando de forma geral —

não é correto com o país, com a consciência dele, e não tem lealdade ao presidente da República. Era o que o Guedes fazia.

Como define a sua relação com o presidente Lula? Só nós conhecemos as nossas origens e como cada um se edificou. Eu sou filho de um operário e de uma dona de casa, meu pai nunca dirigiu um carro. A maior alegria dele era chegar em casa carregando duas sacolas com legumes e comprar a carne para fazer o churrasquinho no final de semana. A gente morava literalmente na boca de uma favela. Quando o presidente Lula me convidou para o cargo, disse a ele que eu seria ministro com o único objetivo de ajudar o país. É preciso ter respeito. Aprendi que a última palavra é a dele. Ou seja, você pode conversar com o presidente da República sobre o que você pensa, dar sugestões, palpites — claro que tem momentos e formas para isso, e não precisa falar com plateia. É quí-

“O Brasil tem quem decide, e o nome dele é Lula. O mercado dizer que o ministro da Fazenda é quem tem que decidir a política econômica do país é, me desculpe, errado”

mica pura entre nós, porque tem respeito, porque tem leitura de país e tem lealdade.

A sua proximidade com o presidente incomoda e, consta, também gera intrigas por parte de alguns aliados. Trato isso com extrema naturalidade, sabendo que são coisas do embate político. O ciúme dessa minha proximidade com o presidente vem das próprias pessoas que já o conhecem há muitos anos. Sou bom de briga, mas tem hora para brigar. Dentro do processo eleitoral, você briga. Fora do processo eleitoral, você é servidor público. Aqui, o que me realiza é fazer gol.

O senhor foi responsável pela demissão do ex-presidente da Petrobras, Jean Paul Prates? Quem sou eu? Jamais teria essa intenção ou força com o presidente Lula. Para mim, lealdade é um traço de caráter. Eu nunca tratei do nome Jean Paul com o presidente que não fosse na presença dele. Nunca. Todos os embates ou foram públicos ou foram na presença do Jean. Agora, eu sei o que o presidente quer para o Brasil. Nunca aceitaria fazer algum tipo de aliança que contrariasse o presidente. Quem for ao gabinete do Lula achando que vai induzi-lo ou convencê-lo a errar já entra derrotado.

O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, seu aliado, é um potencial candidato ao governo de Minas com o apoio do Planalto. Hoje, segundo alguns políticos do estado, o senhor seria o principal adversário dele. Isso é fato? O Ro-

drigo é uma das pessoas mais bem preparadas que eu conheci, alguém com estofo para ocupar qualquer cargo na República, e eu acho que pode ser candidato a governador no eleitorado do Lula. Mas, para a sobrevivência política, é importante que você tenha clareza de que o Brasil ainda está dividido. Então, é importante que você se posicione de um lado ou de outro. O Rodrigo, injustamente, paga um preço muito caro por ter sido um freio aos arroubos do Bolsonaro. Dizem que eu sou o mais paulista dos mineiros. O Rodrigo nasceu em Rondônia, ele é o mais mineiro dos rondonienses. Porque o Rodrigo faz as coisas do jeito dele, de forma cirúrgica, com o jeito elegante. Inclusive deve incomodá-lo muito o meu jeito de agir. O que eu penso, eu falo.

O presidente Lula será candidato à reeleição? O presidente Lula é uma necessidade para o Brasil. Ele só conseguirá entregar um país menos atritado e mais pacificado depois da reeleição, em 2030. Não temos ninguém que o substitua. Do outro lado, também não temos nenhum líder capaz de assumir o Brasil. Claro que isso tudo depende da popularidade do presidente até lá. Tem muita gente falando bobagem. Quero aproveitar para criticar a leitura equivocada da Faria Lima, quando começa a cogitar que fulano é opção, sicrano é opção a Lula. Não há opção a Lula. O único líder neste momento da história que tem voto no Brasil é o presidente Lula. Todos os outros são o retrato do que estamos vendo na eleição de São Paulo: políticos sem conexão com a realidade. ■

ESCALADA DE BOMBARDEIOS

UMA DAS REGIÕES mais tensas do globo, a fronteira entre Israel e o Líbano experimenta dias de alerta máximo. No domingo 25, caças israelenses bombardearam mais de quarenta alvos da milícia xiita Hezbollah, que estaria preparando um ataque para vingar o assassinato de um de seus principais líderes, Fouad Shukr. O Hezbollah, em seguida, **lançou cerca de 300 mísseis e drones**

JALAA MAREY/AFP

contra alvos militares do outro lado da linha divisória, a maioria neutralizada no ar pelo Domo de Ferro, o sistema de defesa antiaérea de Israel. A troca de fogo suspendeu os voos nos aeroportos de Beirute e Tel Aviv e reforçou o temor de uma guerra regional de grandes proporções. Foi a pior escalada de violência entre os dois lados desde o início do conflito na Faixa de Gaza, em 7 de outubro do ano passado, desencadeado por atentados cometidos por outro grupo islâmico, o Hamas, contra o território israelense, que resultou na morte de 1 500 pessoas e no sequestro de 250. Em apoio aos palestinos de Gaza, o Hezbollah, financiado pelo Irã, passou a realizar ataques quase diários na fronteira, forçando o deslocamento de 60 000 pessoas do lado israelense e 110 000 no libanês. "Isso não é o fim da história", alertou o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu — que nos dias seguintes atiçou outra frente ao fechar cidades da Cisjordânia ocupada, em uma operação com blindados e helicópteros que deixou nove mortos. Sob pressão interna e externa, o governo de Netanyahu vem sendo acusado de prolongar as tensões para se manter no poder. ■

Ernesto Neves

“VAPE É EPIDEMIA GRAVE”

A pneumologista que ganhou notoriedade no Brasil durante o combate à pandemia de covid-19 recebe a mais alta honraria do governo francês e expõe um novo desafio para a saúde pública

VOZ DA CIÊNCIA
Cigarro eletrônico: “Em cinco dias, o indivíduo está dependente”

LÉO RAMOS CHAVES

A senhora acabou de receber a comenda francesa Legião de Honra por sua contribuição para a ciência e a saúde pública. Como foi obter esse reconhecimento? Sempre tive muita relação com a França, até pelo meu trabalho na Fiocruz. Recebi uma carta do presidente Emmanuel Macron e depois houve uma cerimônia no Rio de Janeiro com meus amigos. Foi muito alegre. Inclusive com a participação do Gilberto Gil, que foi meu paciente e é meu amigo. Recebi esse prêmio com muita surpresa e a modéstia necessária.

O Brasil inteiro conheceu a senhora a partir das suas manifestações durante a pandemia. Apesar de tantas mortes e pessoas doentes, houve e ainda há negacionismo. Como lida com essa situação? Vejo tudo isso com muita preocupação. As pessoas falam da pandemia de covid-19 como se fosse a gripe espanhola. Só que o vírus não vai mais embora. Ele virou uma endemia, com a qual teremos de conviver. E a população precisa entender de uma vez por todas que as vacinas salvam vidas.

Quando se deu conta de ter se tornado uma voz tão relevante em um momento crítico para a humanidade? Gravei um vídeo elementar no momento em que o estado de emergência internacional tinha acabado de ser decretado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Em 36 horas, havia 2 milhões de visualizações. Depois que dei a primeira entrevista, foi uma atrás da outra, inclusive para veículos e

emissoras de TV estrangeiras. Fora que ainda fazia quinze consultas médicas on-line por dia. Hoje, fico contente de receber demonstrações de confiança. Nunca recebi hostilidades. Elas estão só nas redes sociais.

O Senado voltou a debater a produção e a comercialização dos vapes, os cigarros eletrônicos, proibidos pela Anvisa. Qual é a sua leitura? A indústria produtora de tabaco é esperta no mau sentido. Criou esse instrumento, que é uma das mais terríveis invenções. O vape é uma epidemia grave, e o Brasil tem um papel pioneiro proibindo a propaganda e a fabricação desses dispositivos. O argumento dos que querem legalizá-lo se baseia em duas premissas falaciosas: a primeira é a redução de danos, mas, em cinco dias, o indivíduo está completamente dependente. As pessoas chegam ao consultório com tosse e falta de ar, perdem performance ao se exercitar e até para namorar. A segunda falácia, ainda mais grave, é a arrecadação dos impostos. Não se pode arrecadar com o que faz mal à saúde. Além disso, o que se ganhará com isso será inferior ao que se gasta com a saúde. ■

Paula Felix

O BRASIL DO FUTURO COMEÇA HOJE

Bioparque de energia Bonfim, estrutura da Raízen em Guariba (SP) que recentemente passou a produzir etanol de segunda geração (E2G)

Transição energética e desenvolvimento sustentável estão no centro da estratégia da Cosan

Num contexto em que gestores globais têm afirmado publicamente em palestras, artigos e eventos que o Brasil será a bola da vez em termos de atração de investimentos e de desenvolvimento sustentável, a Cosan assume um papel de destaque, uma vez que possui ativos posicionados em setores essenciais da economia brasileira.

Ancorada em um modelo de gestão próprio e em uma cultura empresarial única e empreendedora, a companhia impulsiona pessoas e negócios em direção ao seu máximo potencial. Por meio da combinação de talentos com excelência operacional, de governança robusta e de execução ágil com responsabilidade, promove investimentos assertivos, reforçando seu papel como investidora de referência em todos os seus negócios.

Cultura única

Segundo Ricardo Lewin, vice-presidente de portfólio e desenvolvimento de negócios da Cosan, o diferencial da empresa é seu modelo de gestão. A companhia conseguiu montar equipes e reter talentos com capacidade para planejar e executar grandes investimentos em setores estratégicos para o país. Com investimentos entre 15 bilhões e 20 bilhões de reais por ano, a empresa aposta na união da capacidade financeira com a intelectual, o que garante a alta execução dos projetos.

Potencial do país

Nos principais setores em que o Brasil é apontado como referência mundial a Cosan está presente. "O agronegócio continuará avançando por meio de sistemas integrados de alimentos e energia que geram empregos e um PIB diferenciado", diz o professor Marcos Jank, do Insper. Para Adriano Pires, sócio-diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE), o Brasil já é um dos principais países que garantem a segurança alimentar do mundo.

> **A gente não espera o Brasil ser a bola da vez. A gente faz o Brasil ser a bola da vez porque acredita que o país tem oportunidades de geração de valor em infraestrutura, transição energética e agricultura"**
>
> Ricardo Lewin, vice-presidente de portfólio e desenvolvimento de negócios da Cosan

Impacta o dia a dia das pessoas por meio da participação em seis empresas:

RAÍZEN
Referência em distribuição de combustíveis (postos Shell), e na produção de açúcar, bioenergia, biocombustíveis e soluções renováveis para a transição energética.

COMPASS
Investe na infraestrutura e a desenvolve para a ampla distribuição de gás natural para o mercado brasileiro.

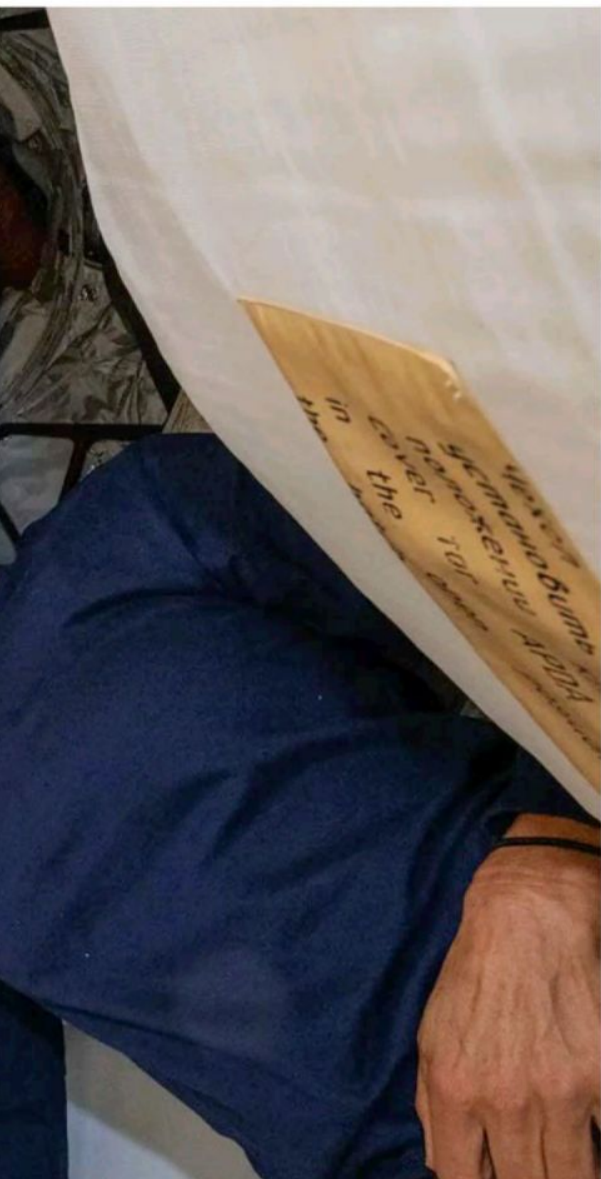
RUMO
Com eficiência logística da ferrovia e tecnologia, conecta as regiões produtoras agrícolas brasileiras aos principais portos do país.

RADAR
A partir da gestão de terras, contribui para o desenvolvimento do agronegócio brasileiro e para a preservação florestal em áreas de reservas legais.

MOOVE
Produz e distribui os lubrificantes da marca Mobil, assegurando a sustentabilidade da cadeia de valor dos seus clientes.

VALE
Uma das maiores mineradoras do mundo, produz minério de ferro de alto grau de pureza e metais-base fundamentais para a transição energética.

PASSEIO PROLONGADO

Eles foram dar uma voltinha de oito dias até a Estação Espacial Internacional (ISS), estacionada a 400 quilômetros da Terra, e terão de ficar por lá até fevereiro de 2025 — serão oito meses em órbita. Em 24 de agosto, a Nasa in-

NASA/AFP

EM ÓRBITA Wilmore *(à esq.)* e Williams: oito meses presos na Estação Espacial

formou que os astronautas **Butch Wilmore e Suni Williams** precisarão de um pouquinho de paciência até pegarem carona em uma cápsula privada da SpaceX, de Elon Musk. A dupla subiu ao infinito a bordo da Starliner, da Boeing. Uma sucessão de falhas — como vazamentos de gás hélio e problemas em cinco de seus 28 propulsores — impediu o retorno. Depois de muitos testes e prognósticos construídos por algoritmos, deu-se o veredicto. "A decisão é resultado de compromisso com a segurança", disse Bill Nelson, administrador da Nasa. O zelo é compreensível: pairam no ar, como sombras incômodas, as tragédias do Challenger e do Columbia, com catorze mortes. "Treinamos muito para situações extraordinárias como essa", disse Williams. "Sabemos tudo sobre os procedimentos e como melhorar nossa situação." O otimismo associado à ciência vale ouro.

TRAGÉDIA EM CAMPO

Aos 39 minutos do segundo tempo da partida entre São Paulo e Nacional, pela Libertadores, o zagueiro uruguaio **Juan Izquierdo** se desequilibrou e caiu sozinho no gramado. O desespero dos outros 21 jogadores em campo antecipou o drama. O atleta de 27 anos teve uma arritmia, com alteração no ritmo normal dos batimentos seguida de uma parada cardíaca. Atendido ainda no estádio MorumBis, foi levado para o Hospital Albert Einstein. Durante quatro dias ficou sedado e respirou com o auxílio de ventilação mecânica, mas não resistiu. Izquierdo morreu em 27 de agosto. No início da carreira, em 2014, uma anomalia no coração chegou a ser detectada em um exame de rotina — mas sucessivos controles, ao longo dos anos, nada apontariam. O segundo filho de Izquierdo nascera onze dias antes da tragédia.

INSTAGRAM @NACIONAL

DRAMA Juan Izquierdo: o zagueiro teve um filho onze dias antes da morte

UM MESTRE DO FUTEBOL

Em janeiro deste ano, o treinador de futebol sueco **Sven-Göran Eriksson** surpreendeu o mundo do futebol ao anunciar que não tinha mais do que um ano de vida, com um câncer de pâncreas em estado avançado. E, no entanto, a seu feitio, ainda assim não deixou de sorrir. "Com sorte, as pessoas dirão que eu era um bom homem, mas nem todos falarão isso", disse em depoimento para um documentário do Amazon Prime Video. Afeito a montar times com desenho tático cuidadoso, de mãos dadas com mestres como Johan Cruyff e Pep Guardiola, ele ganhou diversos títulos pela Lazio, da Itália, e pelo Benfica, de Portugal. Foi o primeiro treinador estrangeiro a assumir o comando da seleção da Inglaterra, que dirigiu de 2001 a 2006 — era Eriksson quem estava no banco da equipe de David Beckham e cia. na derrota para o Brasil de Ronaldo, Ronaldinho e Rivaldo nas quartas de final da Copa do Mundo de 2002. Ele morreu em 26 de agosto, aos 76 anos. ■

ROSS KINNAIRD/GETTY IMAGES

EXCEÇÃO Eriksson: o primeiro estrangeiro a dirigir a seleção inglesa

EDUCAÇÃO E PESQUISA PARA LEVAR MAIS SAÚDE PARA OS BRASILEIROS

Mais de 15,7 milhões de vidas sob os cuidados da Hapvida NotreDame Intermédica

Desde 2022, a maior operadora de saúde e odontologia da América Latina, a Hapvida NotreDame Intermédica, tem investido no seu Instituto Internacional de Pesquisa e Educação (IPE), que tem o propósito de desenvolver ensaios clínicos e estudos inovadores, fomentar a capacitação dos profissionais da saúde e a qualificação médica.

Com 78 anos de experiência no mercado, 803 unidades próprias em todo o país e atendendo a quase 16 milhões de pessoas, o próximo passo da companhia não poderia ter sido diferente. De acordo com Kenneth Almeida, diretor executivo de Educação e P&D da empresa, o IPE contribui e complementa o trabalho já realizado em saúde.

"A pesquisa e o desenvolvimento são ferramentas fundamentais para prevenção, diagnóstico e tratamento de doenças. Sabemos que o nosso assegurado está procurando o melhor tratamento. E essa área de pesquisa traz ainda mais possibilidades", afirma.

Além de idealizar, realizar e divulgar pesquisas clínicas em todas as fases de desenvolvimento no Brasil, o IPE ainda oferece treinamentos para profissionais da saúde e programas de formação e residência nos hospitais da rede.

O instituto conta com sete centros de pesquisa próprios, em várias cidades do país e mais de 12 programas de residência realizados nos hospitais da rede própria da Hapvida, com mais de 800 estudantes em formação, só em 2023 realizou 123 produções científicas. Atualmente, cerca de 200 pacientes estão participando de suas pesquisas clínicas, com expectativas de duplicação desse número até o final de 2024.

PARCERIAS ESTRATÉGICAS E O FUTURO

As parcerias são fundamentais para a realização do trabalho do IPE – hoje, são 11 em andamento na linha de pesquisa. Em território nacional, destaca-se instituições de referência, como A.C Camargo, Beneficência Portuguesa e o Centro de Pesquisa L2IP, em Brasília. No cenário internacional, o IPE atua ao lado da Escola de Saúde Pública de Harvard, a T. H. Chan, e a The City College of New York. Em breve, uma nova parceria será anunciada com uma renomada instituição em Israel.

A escolha dos parceiros é feita com base na experiência da instituição na condução dos estudos clínicos e sua reputação na comunidade científica. O processo é gerenciado por uma equipe multidisciplinar, totalizando 40 profissionais. "Precisamos de parceiros com quem possamos trocar e agregar conhecimento. Nas nossas parcerias de educação, o mesmo princípio é seguido", afirma.

Atualmente, 50% dos estudos do IPE estão voltados para a oncologia. As doenças neurodegenerativas, estudos populacionais, envelhecimento da população e prevenção também aparecem como foco.

Como próximo passo, o IPE deve acelerar sua atuação em estudos clínicos, firmar novas parcerias e investir em mais tecnologia para chegar a resultados cada vez mais inovadores.

Instituto Internacional de Pesquisa e Educação (IPE)

Estrutura verticalizada com estratégia focada em pesquisa e inovação.

Maior base de dados integrada da América Latina.

ALIANÇAS GLOBAIS EM SAÚDE

Mais de **11 parcerias** nacionais e internacionais

- Escola de Saúde Pública de Harvard
- The City College de New York
- + de 200 Pacientes em Pesquisa Científica
- + de 800 alunos em formação pelo IPE

PRODUZIDO POR ABRIL BRANDED CONTENT

FERNANDO SCHÜLER

MUSKFOBIA

"PRATICA atos satânicos", diz Nicolás Maduro sobre Elon Musk, que entre outras coisas teria "hackeado o sistema eleitoral venezuelano". O.k., não dá para levar o Maduro a sério. É apenas um exemplo pitoresco do haterismo global em torno de Musk. De um jornalista, leio que o dono do X, o antigo Twitter, "é o grande perigo para a democracia no planeta". Assim, no seco. A razão principal seria que ele espalha "inverdades", em sua conta, na rede. Além de ser dono da própria rede. Não entendi bem o que teria uma coisa a ver com a outra. Em algum momento, o sujeito diz que o problema seria manter uma "plataforma não mediada". O risco à democracia viria do próprio excesso de liberdade. Sinal dos tempos. A lógica foi repetida por Edward Luce, do *Financial Times*. "As democracias não podem mais ignorar", diz Luce, a "ameaça" de Musk. Suas reclamações incluem um vídeo satírico de Kamala Harris usando IA e muitos amigos de "direita". E essa maldita Primeira Emenda, que permite que "quase tudo seja dito". O que mais achei engraçado foi ler que Musk era um "menino mimado". O sujeito que apanhava de cinta do pai, um completo maluco, e saiu de casa para se tornar a quase perfeita expressão do self-made man da

nossa época. Sujeito que inventou o "foguete que dá marcha a ré" e anda prestes a revolucionar áreas tão distantes como robôs humanoides, neurotransmissores e inteligência artificial. E não parece dar muita bola para a incrível quantidade de raiva e despeito que recolhe todo santo dia.

O fato é que fazia tempo que o planeta não contava com um bad boy global. Na minha época, lembro que Francis Fukuyama cumpriu um pouco esse papel, com sua tese sobre o "fim da história". Mas era só no meio intelectual. No caso de Musk, seu primeiro pecado é justamente ser um bilionário. Acho certa graça nisso. Por vezes me dá a impressão de que alguém acha que o sujeito já nasceu no topo da lista da *Forbes*. O bebê bilionário. As pessoas parecem esquecer um pequeno detalhe. A maior parte da fortuna de Musk vem da Tesla. E isso acontece pelo fato simples de que perto de 1,6 milhão de pessoas, a cada ano, acham que comprar um daqueles carros faz sua vida ficar melhor. É o mesmo motivo que faz do Jeff Bezos o segundo da lista. Porque ele vende livros mais baratos e entrega mais rápido do que os Correios. A liçãozinha simples, que as pessoas deveriam aprender no colégio, é que alguém só fica bilionário, em uma economia de mercado, seguindo as regras do jogo, se melhorar a vida de um monte de gente. Melhorar, bem entendido, não do meu ou do seu ponto de vista, mas do ponto de vista das próprias pessoas. Não acho que essas coisas sejam muito difíceis de entender, mas posso estar sendo otimista. Dias atrás escutei a Anitta, em um dia de socióloga, sugerir que

INCÔMODO O criador sul-africano: nem aí para quem o critica sem parar

“ninguém deveria ter mais de 1 bilhão”. Fiquei me perguntando o que o sujeito deveria fazer se as ações de sua empresa atingissem esse valor. Vender e colocar o dinheiro no banco não iria adiantar. Ele continuaria tão rico quanto antes, talvez apenas mais preguiçoso. Vender e jogar do alto de um helicóptero no Centro de São Paulo? O.k. O sujeito perderia o controle da própria empresa e ficaria sem o dinheiro. Por que então ele continuaria empreendendo? Por esporte? Se um dia tiver chance, pergunto a Anitta.

APU GOMES/GETTY IMAGES

“Fazia tempo que o planeta não contava com um bad boy global”

A segunda razão da muskfobia vem da política. Musk simpatiza com o mundo libertário. Gosta de tipos “errados”, como Jordan Peterson, e tem verdadeiro horror à ideologia woke. Musk acha que foi a doutrinação woke, na escola, que o fez perder o filho. O guri que virou marxista, mudou de sexo e renegou o próprio pai. Não é pouca coisa, ainda que nada garanta que ele tenha razão sobre isso. Musk é um meritocrata. Quando assumiu o Twitter, reuniu os funcionários e deixou claro que políticas de diversidade “não eram prioridade”. O foco era a engenharia e a excelência. Musk tem certo horror ao coitadismo, à cultura da fragilidade, o que não deixa de ser um elogio de sua própria história de vida. Há um abismo aí. A paixão pelo risco, de um lado, e a proteção contra o dano, de outro. Há quem goste de viver em um mundo programado e seguro, talvez como aquela bolha do *Show de Truman*. E há quem goste da vida na selva. Abrir empresas em série, arriscar tudo no lançamento daquele foguete, depois de três explosões. E toda a história que conhecemos.

Por fim, há o pecado dos pecados: Musk gosta da liberdade de expressão. O que isso significa, na prática, não é muito difícil de entender. Mark Zuckerberg reconheceu que foi pressionado pelo governo e cedeu, censurando informações "indesejáveis" durante a pandemia e escondendo notícias sobre o caso Hunter Biden, o filho do presidente americano. Sendo claro: censurou uma informação que desagradava ao governo. Isso não é uma atitude compatível com uma grande democracia. Musk, ao menos em tese, não faria isso em sua rede social. É o que veremos. A questão em jogo é sempre a mesma: diante da superabundância de informação, o que devemos fazer? Rechear o mundo de regulações, em uma ladeira escorregadia possivelmente sem fim? Ou firmar posição com a cultura da Primeira Emenda? Na prática, delegando aos cidadãos, e não ao Estado, o juízo sobre o odioso, o inaceitável, o falso e o verdadeiro. Musk vai por aí. De onde ele tirou esse gosto, não sei. Talvez de sua infância, ainda durante o apartheid, na África do Sul. Quem sabe de suas leituras do *Mochileiro das Galáxias*. É difícil seguir o rastro da alma humana até as profundezas. E cada um pode fazer essa mesma pergunta para si mesmo.

De minha parte, gosto da não conformidade. O velho J.S. Mill já havia identificado na Inglaterra da década de 1850, quando a Revolução Industrial já ia longe, os riscos da crescente massificação e padronização da cultura. "Agora todos leem as mesmas coisas, vão aos mesmos lugares, sentem esperanças e temores com os mesmos objetos." Mill pressentia

um mundo crescentemente hostil à ideia de individualidade. Quando observo a fúria padronizadora em nossa época, em especial do wokeísmo e sua tara pelo controle da linguagem, pela "limpeza" dos livros, da estatuária, do humor, da arte, penso que Mill tinha razão. E lembro de sua terapia: "É preciso garantir um lugar para os excêntricos". Os tipos irritantes. Que erram e acertam, mas tomam o risco da dissidência. Os tipos que incomodam, nos grupos de WhatsApp, que teimam em buscar alguma evidência na direção contrária do que pensa a maioria. E que por aí ajudam a fazer o mundo andar para frente. Além de ser um lugar um pouco menos xarope. É isso. Há um lugar para o dissidente em nossa cultura. Tipos como Musk, cujo talento parece ser o de dizer exatamente o que os outros não querem escutar. E cuja autoestima não depende em nada de nossa aprovação. Sua única demanda é a liberdade. E por aí, quem sabe, deixam esse rastro de incomodo e furor por onde passam. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

GUSTAVO PIMENTA
Em uma vitória contra as tentativas de intervenção do governo Lula na cúpula da Vale, o atual vice-presidente de finanças e de RI será o novo comandante da companhia.

EDUARDO SAVERIN
Um dos cofundadores do Facebook, o empresário é o brasileiro mais rico da história segundo a lista de bilionários da *Forbes*, com fortuna de 155,9 bilhões de reais.

OASIS
Sucesso nos anos 90, a banda inglesa dos irmãos Noel e Liam Gallagher voltará aos palcos em turnê no ano que vem.

DESCE

PAVEL DUROV

O dono do Telegram foi preso na França na segunda 26. Ele é acusado de doze crimes relacionados ao aplicativo de mensagens, entre eles, abuso infantil e fraude.

BUTANVAC

A vacina desenvolvida pelo Instituto Butantan contra a covid-19 não atingiu os resultados esperados e sua produção foi descontinuada.

MARVEL

A produtora terá de pagar uma indenização de 200 000 reais à família da vítima de um acidente fatal ocorrido durante as filmagens da série *Wonder Man*.

NELSON ALMEIDA/AFP

“Vocês têm que entender que eu tenho que dar satisfação a três mulheres só. Minha mãe, minha mulher e a presidente do Palmeiras. São as únicas que têm o direito de falar comigo e pedir explicações.”

ABEL FERREIRA, treinador do alviverde paulista, depois de ouvir a pergunta de uma repórter. Ele pediria desculpa depois pela absurda postura misógina

"Manda o Pix que já te mando dinheiro pra procurar tratamento psiquiátrico."

PABLO MARÇAL, candidato à prefeitura de São Paulo, em comentário dirigido a Carlos Bolsonaro, que reluta em apoiar o franco-atirador, influenciador que se autointitula "coach"

"Nosso compromisso é com a ciência e a saúde da população."

ESPER KALLÁS, diretor do Instituto Butantan, de São Paulo, ao anunciar a suspensão do desenvolvimento de uma vacina contra a covid-19, a Butanvac, que não obteve os resultados clínicos previamente desejados

"Não podemos continuar pisando no produto que nós vendemos."

DORIVAL JÚNIOR, treinador da seleção brasileira masculina de futebol, ao dizer que continuará a chamar jogadores de clubes brasileiros, apesar do esperneio dos cartolas de times do Rio e de São Paulo

"A melhor homenagem que podem prestar a ele é ter muito juízo, humildade e aprender cada vez mais para valorizar ainda mais não só o império milionário, mas principalmente a obra que ele deixou."

FAUSTO SILVA, em comentário dirigido para as filhas de Silvio Santos

“Achei bacanérrima.
Parece arte moderna.”

CAETANO VELOSO, a respeito da versão em funk de sua música *Você É Linda*, produzida pelo mineiro Davi Kneip

“Não me interessam os filmes de super-heróis, nem as sequências, nem as ‘prequels’.”

PEDRO ALMODÓVAR, cineasta espanhol

“O Gosling é uma lenda.
Sou apenas o Glen.”

GLEN POWELL, ator americano, rechaçando qualquer comparação com Ryan Gosling, o Ken do megassucesso *Barbie*

“Não invoque um poder que você não pode controlar.”

YUVAL NOAH HARARI, escritor israelense, um tantinho assustado com os recursos de inteligência artificial (IA)

“Nunca é tarde, mas ainda é tarde.”

GIOVANNA EWBANK e **BRUNO GAGLIASSO,** em postagem conjunta nas redes sociais, ao registrar a condenação a oito anos de prisão da influenciadora Dayane Alcântara Couto de Andrade, que em 2017 fez comentários racistas contra um dos filhos do casal

"Quero comer pão de queijo e feijão com arroz."

MARIAH CAREY, empolgada em voltar ao Brasil com duas apresentações em setembro. Na semana passada, ela revelou a morte da mãe e de uma irmã em um mesmo dia – e, apesar do drama, seguirá com seus planos

KEVIN MAZUR/GETTY IMAGES

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia,
Nicholas Shores e Pedro Pupulim

Laços de família

Lula disse outro dia que considera **Rui Costa** um “primeiro-ministro” e garantiu que “dorme tranquilo” com o baiano na Casa Civil. Os elogios do presidente surgem num momento delicado para o gerentão baiano. A insatisfação dentro do governo com a atuação dele nunca esteve tão latente.

Na frente do chefe...

Além de marcar reuniões e não aparecer ou surgir atrasado, Costa, garante um colega de governo, é grosseiro, destrata técnicos e outros ministros sem dó. “É

FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

IMPOPULAR Rui Costa: o chefe da Casa Civil tem poucos amigos no governo

dupla personalidade. Na frente de Lula, é todo sorridente. Sem ele, não respeita nada", diz um colega.

Tensão no ar

Costa e Alexandre Padilha, por exemplo, não se suportam. Com Ricardo Lewandowski, o problema é de pontualidade nas reuniões. "Deu a hora e ele não chegou? O Lewandowski levanta e vai embora", diz um auxiliar.

Pedra no caminho

Outros dois importantes ministros dizem que Costa ignora propostas, perde prazos e prejudica agendas positivas por falta de visão. "É o atrapalhador oficial do governo", diz um deles.

Ossos do ofício

Costa, em sua defesa, diz aos colegas que paga o preço de ser acionado a todo momento por Lula, não conseguindo ser pontual, e que é duro nas reuniões porque tem de cobrar resultados.

Petit comité

Janja completou 58 anos na terça. Deu um jantar só para suas figuras preferidas no governo.

Demissão em massa

Cruzando dados de militares com uma lista de doadores de Jair Bolsonaro, o GSI descobriu recentemente uma série de apoiadores do ex-presidente. Todos foram retirados do Planalto.

Os infiltrados

Situação bem diferente vivem dois outros militares do GSI que são amigos pessoais de Janja. Estão prestigiados, mas são vistos pelos

colegas como "olheiros" da primeira-dama no órgão.

Sem bala na agulha

O corte de orçamento levou a equipe de segurança de Lula a racionar munição em treinamentos. A coisa nunca esteve tão feia para os militares, mas os gastos com supérfluos no gabinete presidencial não foram afetados.

Hora de encerrar

Depois de 29 operações, a Polícia Federal avalia que chegou aos últimos alvos envolvidos nos atos de 8 de janeiro. A investigação caminha para o fim.

Em plena campanha

Nas próximas semanas, a PF vai concluir a investigação do plano bolsonarista de golpe de Estado. Além de Jair Bolsonaro, o caso pega ex-integrantes da cúpula do governo passado e ex-comandantes militares. Vai ter barulho.

Não pode e pronto

Valdemar Costa Neto enviou manifestação a Alexandre de Moraes dizendo que sofre "prejuízo político-eleitoral" por não poder falar com Bolsonaro. O ministro não se comoveu.

Curte e compartilha

A decisão de Moraes de notificar Elon Musk por postagem no X pegou de surpresa até ministros do STF. Há dúvida sobre o procedimento, mas ninguém vai discordar em público.

Nas mãos de Deus

Na reunião com líderes da Câmara, Lula quase puxou

7 DE SETEMBRO
Militares: desfile em Brasília terá pelotão de resgate que foi ao RS

CARLOS FABAL/AFP

um pai-nosso contra Trump nos EUA: "Deus queira que Kamala ganhe essa eleição", disse.

De Lula para Temer

Lula também surpreendeu os deputados quando definiu Michel Temer como "o melhor presidente que a Câmara já teve". Temer, claro, gostou.

Vou sumir

Depois de deixar o comando do Senado, em fevereiro, Rodrigo Pacheco diz que pretende "mergulhar" por ao menos três meses para descansar. Nada de chefiar comissão nem ministério.

Hora de voltar

A pandemia já se foi há tempos, mas muita gente na máquina federal ainda não voltou ao trabalho presencial. O governo avalia editar uma medida para obrigar a turma a sair de casa.

Boa causa

Um pelotão formado por trinta **militares das Forças Armadas** que atuaram no resgate às vítimas das enchentes no Rio Grande do Sul vai desfilar na Esplanada dos Ministérios no dia 7 de setembro. A catástrofe ambiental no estado atingiu 2,3 milhões de pessoas.

Cães resgatados das enchentes e seus tutores também desfilarão.

Que sufoco

Geraldo Alckmin foi na janela durante um voo recente de classe econômica. A passageira ao lado, uma senhora, dormiu boa parte da viagem — e o vice não quis acordá-la para ir ao toalete.

Fé na TV

Para Baleia Rossi, Ricardo Nunes tem tudo para melhorar nas pesquisas com a campanha na TV. "O Ricardo é o único que tem o que mostrar", diz Rossi.

Perrengue chique

Numa ação por calote de honorários advocatícios, a Justiça do Rio bloqueou, recentemente, a venda do 8º andar do Edifício Cap Ferrat, em Ipanema. Coisa de 80 milhões de reais.

Aposta concreta

A CSN vai investir 3 bilhões de reais numa nova fábrica de cimento e calcário no Paraná de Ratinho Junior.

Até o próximo desastre

O plano de Marina Silva para prevenir e combater desastres climáticos está parado na Casa Civil há dois meses.

Ficou no prejuízo

Neto de Lula, Thiago Lula da Silva passou sufoco ao ter um voo para Santarém (PA) cancelado pela Azul. Ele processou a companhia pedindo indenização de 20 000 reais, mas o juiz arquivou o caso dizendo que não tinha competência para atuar no tema.

Monsieur Carlinhos

Carlinhos Brown será a grande atração da 23ª Lavagem da Madeleine, o mais importante evento de tradição afro-brasileira na Europa, entre 10 e 15 de setembro, em Paris. "Venho desde o início. Este ano, compus em francês, em homenagem às três Madalenas: a Santa Madalena, a minha filha Madah, e a minha mãe Madalena", diz Brown. ■

HEBER BARROS

PARIS Carlinhos: cantor deve atrair 60 000 pessoas em show na Europa

RADICAIS LIVRES

A nova face do eleitorado de direita, que ameaça se desgarrar da liderança de Jair Bolsonaro, abraça cada vez mais o discurso antissistema, reforça de forma estridente o combate às pautas progressistas e incorpora entre suas bandeiras temas como o empreendedorismo

RAMIRO BRITES, ISABELLA ALONSO PANHO E **LAÍSA DALL'AGNOL**

EM MARCHA Marçal: ele faz motociata como Bolsonaro, mas está em pé de guerra hoje com a família

SAULO DIAS/ BRAZIL PHOTO PRESS/AGÊNCIA O GLOBO

Em grande medida, as eleições municipais representam um bom teste para avaliar a capacidade de liderança de Jair Bolsonaro entre o público conservador. Mesmo sendo alvo de várias e complicadas ações na Justiça, ele segue firme no jogo. Acredita reverter a condição de inelegível para 2026 e tenta transferir seu capital político a uma série de candidatos no pleito deste ano. Até o momento, de forma surpreendente para quem apostava na capacidade do ex-capitão de seguir no comando absoluto da turma à direita, surgiram dúvidas sobre isso no horizonte. Em São Paulo, Pablo Marçal (PRTB) sobe nas pesquisas, roubando votos principalmente de Ricardo Nunes (MDB), prefeito candidato à reeleição, apoiado pelo ex-presidente. No Rio de Janeiro, berço político dos Bolsonaros, a situação é ainda mais complicada. Concorrente ungido pela família, Alexandre Ramagem (PL), ex-chefe da Abin, a Agência Brasileira de Inteligência, pontua com apenas 9%, muito atrás do favorito, Eduardo Paes (PSD), que caminha para mais um mandato à frente da administração carioca e com chances reais de liquidar a fatura em primeiro turno.

Em uma espécie de efeito rei Midas ao contrário, o condão de Bolsonaro sobre seus ungidos parece não ter o resultado esperado também em outras capitais onde o mito decidiu lançar ou apoiar candidatos às prefeituras. Mesmo em turnê pelo país desde o início do ano — arrastando apaixonadas multidões por onde passa, vale lembrar —, o

YURI MURAKAMI/FOTOARENA

DIFICULDADE O ex-presidente e Nunes: luta para chegar ao segundo turno

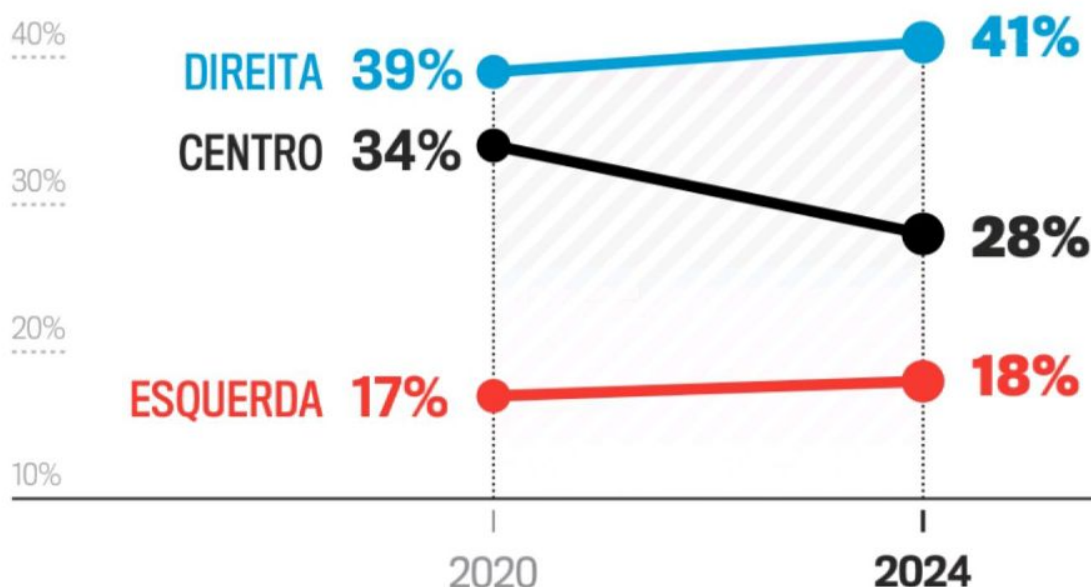
ex-presidente tem se deparado com desempenhos pífios de seus escolhidos em pesquisas de intenção de voto em cidades importantes. No Recife, tudo caminha para uma derrota acachapante do ex-ministro e sanfoneiro Gilson Machado (PL). João Campos (PSB), atual prefeito, lidera com folga a corrida *(veja a reportagem "Herdeiro em alta")*. Em João Pessoa, Marcelo Queiroga (PL), que ocupou a pasta da Saúde na gestão passada e contou com a presença do ex-chefe no lançamento oficial da campanha, amarga ainda posições intermediárias. Na capital do Ceará, o atual líder, Capitão Wagner (União Brasil), que no passado era aliado de Bolsonaro, tem procurado hoje manter distância dele.

Claro que é cedo para conclusões definitivas, mas o quadro atual inegavelmente aponta para uma nova face do eleitorado à direita no país. No caso de São Paulo e de outras capitais, candidatos muito competitivos correm na faixa conservadora, mas não necessariamente ligados à liderança de Bolsonaro. Na maior metrópole do país, aliás, fruto da alta temperatura do cabo de guerra entre as campanhas de Marçal e Nunes, o coach trocou farpas pesadas nas redes sociais com os filhos do ex-capitão. Na noite de quarta 28, os dois lados ensaiaram um armistício. Em comum, esses políticos repetem várias das bandeiras, símbolos e valores do ex-presidente, sem ter de lidar com a rejeição gerada pelo desgaste de uma gestão conturbada no Planalto e com os problemas do ex-capitão na Justiça. “Eles têm o bônus do bolsonarismo, sem o ônus do Bolsonaro”, define Renato Meirelles, presidente do Instituto Locomotiva.

Especialistas já batizaram o movimento como “nova cepa da direita”. O grupo entoa os velhos gritos de guerra dos mais conservadores, a exemplo do feroz discurso antipetista, mas acrescentou pautas da atualidade, em especial as ligadas ao desejo de empreender e de obter uma rápida ascensão social. Um dos modelos mais admirados são os influenciadores digitais, a turma que muitas vezes consegue fortuna com um celular na mão. A ojeriza ao establishment ganhou contornos ainda mais raivosos em meio ao movimento. “O eleitor de Bolsonaro era um antissistema, o de agora é um niilista convicto”, compara Eduardo Grin, cientista social e professor da FGV.

No bolo do eleitorado que compõe hoje a direita no país, preenchido por evangélicos, liberais e militaristas, entre outros grupos *(veja o quadro)*, o discurso rebelde e antissistema ressoa de forma mais efetiva entre os jovens. Não apenas por terem menos a perder e, por consequência, aderirem com mais facilidade a extremismos e propostas ir-

CONSERVADORISMO VERDE-AMARELO

Balança ideológica pende mais à direita desde a eleição de 2020

* Os totais não somam 100% porque há entrevistados que não souberam ou não quiseram responder

SETE FACES DA DIREITA BRASILEIRA

ANTIPETISTA

A rejeição ao PT e à esquerda e o temor em relação a uma guinada comunista no Brasil uniram a direita na maioria das eleições presidenciais pós-ditadura

EVANGÉLICA

A expansão dessa vertente, que caminha para ser a maior do Brasil, sustentou a ascensão bolsonarista. Hoje, 52,5% desse segmento diz que votaria em Bolsonaro contra Lula

LIBERAL

Parte expressiva da direita brasileira apoia o liberalismo econômico, a diminuição da máquina pública, a redução de impostos e a menor interferência possível do Estado na vida das pessoas

RURALISTA

Com poderosa bancada no Congresso, seus integrantes impõem muita resistência ao PT e a Lula, que em 2022 foi derrotado em oito dos dez maiores estados do agronegócio no país

AUTORITÁRIA

Defensores do endurecimento penal, da maior repressão policial, da liberação de armas e do caráter totalitário da ditadura militar compõem esse setor expressivo da direita

EXTREMISTA

Grupos minoritários, mas perigosos, que defendem golpes de Estado, ataques às instituições, se inspiram em movimentos supremacistas e difundem discursos de ódio nas redes sociais

REACIONÁRIA

Parte da sociedade que se une para rejeitar pautas progressistas, como liberação da maconha, descriminalização do aborto, uso de linguagem neutra e políticas para a comunidade LGBTQIA+

Fonte: *Ipec – março de 2024*

responsáveis, mas por um aspecto fundamental: a familiaridade com o ambiente tecnológico. O letramento digital da juventude reforça a lógica de rede em que se criam comunidades com um propósito — cada usuário se vê engajado no objetivo de espalhar uma mensagem com um potencial ilusório de "hackear" o sistema. Além disso, pesquisas qualitativas apontam que esse eleitorado é mais identificado entre os que ganham mais de cinco salários mínimos e na classe C, que se vê pressionada pela dificuldade de atingir metas materiais, como ter a casa própria. O público também é majoritariamente masculino, composto por homens que sentem ter perdido o poder de decisão num mundo no qual o patriarcado é cada vez mais questionado e relativizado.

Representante mais barulhento dessa onda, Pablo Marçal fez fama como coach e usa, na atual campanha, o mesmo tom de discurso motivacional, prometendo progresso e riqueza aos seus eleitores. Notam-se ali elementos do protestantismo clássico e da teologia da prosperidade. "Ele mostra uma vida de luxo, mas não se porta como uma pessoa da elite", analisa o cientista político Bruno Soller. Uma de suas claras fontes de inspiração é Javier Milei, o excêntrico presidente da Argentina. As semelhanças vão desde a força das redes sociais como meio de propagação de discursos, passando pela estratégia de campanha, até a forma de "fisgar o eleitor" com um tom agressivo e direto.

FRACASSO O senador Flávio Bolsonaro com o candidato Ramagem: perspectivas de uma grande derrota no Rio

Como mostra o que ocorreu com Marçal na última terça, 27, o clássico corpo a corpo com os eleitores virou peça secundária na campanha. Na ocasião, o coach prometeu uma caminhada pela Avenida Paulista que, na prática, durou metade de um quarteirão e aglutinou cinco ou seis dezenas de pessoas na rua. Já o vídeo feito para as redes sociais do candidato teve 1,6 milhão de visualizações em menos de 24 horas. A forte presença dele na internet não foi abalada por uma decisão da Justiça que derrubou todos os seus canais, por suspeita de abuso de poder econômico na campanha. Quase imediatamente, Marçal abriu outros perfis que amealharam de forma rápida milhões de seguidores.

INSTAGRAM @BOLSONAROSP

ESFORÇO Eduardo Bolsonaro: tentativa de frear Pablo Marçal em São Paulo

Até então, o maior exemplo de sucesso de um outsider na política era justamente Bolsonaro, que investiu em 2018 no discurso antissistema, mesmo depois de quase três décadas na Câmara dos Deputados. Em grande medida, a facada sofrida em Juiz de Fora (MG) reforçou ao eleitorado a figura de alguém que incomoda tanto o *establishment* a ponto de ser vítima de uma tentativa de assassinato (nesse caso, pouco importa a verdade, claro). Depois da vitória numa eleição, no entanto, manter essa imagem de forasteiro é o grande desafio que se impõe a esses candidatos, uma vez que, empossados, precisam investir em composições — o que Bolsonaro fez no Palácio do Planalto e segue fazendo nas atuais eleições, como mostra a aliança em São Paulo com Ricardo Nu-

DISTÂNCIA Capitão Wagner: apoio de Bolsonaro a ele ficou no passado

nes, um político muito mais próximo do Centrão do que do bolsonarismo raiz. Por isso, dentro dessa engrenagem, o voto ao outsider demanda uma novidade a cada pleito.

O público disposto a apoiar esse tipo de político não cresceu no país ao longo da história, mas de uns tempos para cá deixou de votar por exclusão, passando a votar por convicção. Durante muito tempo, grande parte desse público fechou com o PSDB, sendo que o partido jamais se assumiu como uma sigla de direita. Com o surgimento de forças mais radicais na política, dispostas a empunhar de forma explícita bandeiras conservadoras, o mesmo grupo de eleitores saiu do armário. “Em 1989, quando fui candidato à Presidência, havia um sentimento abafado por parte da po-

A DIREITA NAS URNAS

Da UDN ao bolsonarismo, como o conservadorismo se saiu nas eleições presidenciais

UDN

A União Democrática Nacional defendia a moralidade e o liberalismo clássico e se opunha ao populismo de Getúlio Vargas. Com o brigadeiro **Eduardo Gomes,** estreou na eleição de 1945, perdeu, mas conseguiu 35% dos votos. Em 1960, chegou ao poder apoiando Jânio Quadros

1989

Na primeira eleição pós-ditadura, a direita se dividiu em candidaturas como as de Paulo Maluf, Aureliano Chaves e Ronaldo Caiado, e chegou a 47% dos votos no primeiro turno, o mesmo percentual da esquerda. No segundo, uniu-se em torno de **Fernando Collor** para derrotar Lula

1994

Boa parte da direita, representada pelo PFL (herdeiro da Arena e antecessor do DEM), apoiou FHC, que derrotou Lula no primeiro turno. A surpresa da eleição foi o médico **Enéas Carneiro,** do direitista Prona, que chegou em terceiro lugar, com 7,4% dos votos

pulação conservadora, muitas vezes por falta de capacidade de vocalizar. Esse resgate veio com o Bolsonaro", afirma Ronaldo Caiado (União Brasil), governador de Goiás.

Depois de rasgar a fantasia e passar por um momento de autoafirmação em 2018, esses eleitores ganharam uma motivação extra na batalha contra propostas típicas do progressismo — como a descriminalização do porte de maconha para consumo pessoal, a legalização do aborto, a liberdade da população LGBTQIA+. Ao mesmo tempo que essas questões importantes entraram no debate público, houve o efeito colateral na forma de uma forte e agressiva reação conservadora a elas. "Há poucos anos, essas discussões sequer existiam, porque havia consensos generalizados que foram quebrados", explica o cientista político Alberto Almeida.

É cedo ainda para prognósticos de vitória nas eleições de 2024 dos candidatos emergentes da direita no país. Mesmo Pablo Marçal, que vem subindo nas pesquisas a ponto

1998 a 2014

Motivada pelo antipetismo, a direita caminharia com o PSDB nas cinco eleições presidenciais seguintes – ganharia de novo com FHC em 1998, mas seria derrotada em 2002 e 2010 com José Serra, em 2006 com Geraldo Alckmin e em 2014 com Aécio Neves

2018

Apesar de ser deputado por quase trinta anos, **Jair Bolsonaro** apresentou-se como um candidato antissistema pelo nanico PSL. Apoiado em temas como família, Deus, pátria e liberdade, arrastou o eleitorado de direita e triunfou sobre Fernando Haddad (PT)

de praticamente dividir a liderança com os dois favoritos (o prefeito Nunes e o deputado Guilherme Boulos, do PSOL), terá testes duríssimos pela frente, com o aumento do tiroteio dos adversários dentro do horário eleitoral gratuito, que começou a ser veiculado nesta sexta, 30. Mas não há dúvidas a respeito de quais são os riscos de um debate eleitoral empobrecido pelos discursos desse e de outros outsiders, vazios de promessas e cheios de perigosos ataques à política. "Para essa turma nenhum partido presta, o Congresso não presta, o Supremo também não, numa toada de teses incompatíveis com a democracia", critica Ronaldo Caiado . "Querer falar que vai governar sem isso é uma bobagem, não existe governar sozinho. A menos que você implante uma ditadura", completa o governador.

Para além das eleições municipais, o movimento em curso certamente terá repercussão importante na disputa à Presidência em 2026. "Entender como o conservadoris-

2022

Candidato à reeleição após uma gestão tumultuada, marcada pela pandemia, pela tensão política e pelas crises institucionais, Bolsonaro arrancou na reta final da campanha, foi ao segundo turno e acabou derrotado por Lula por apenas 1,8 ponto percentual

ROBERTO SETTON

FÉ Culto evangélico: conquista do público com a teologia da prosperidade

mo vai se comportar no pleito de 2024 vai dar pistas para a direita daqui a dois anos", avalia Pablo Nobel, responsável pela comunicação política da campanha de Tarcísio de Freitas (Republicanos) ao governo de São Paulo. O próprio Caiado é um dos nomes cotados para "herdar" o espólio político de Bolsonaro em caso de confirmação de sua inelegibilidade — aliás, ele é o único desse grupo que já se lançou oficialmente como candidato ao Planalto. Além dele, nomes como os dos governadores Tarcísio de Freitas, Ratinho Jr. (PSD), do Paraná, e Romeu Zema (Novo), de Minas Gerais, também são ventilados como alternativas para ocupar essa faixa política. Para um ex-ministro de Bolsonaro, o ex-presidente ainda é o líder incontes-

ORIGEM As manifestações de 2013: sementes da revolta contra o "sistema"

tável da direita no país, mas o tamanho político dele no futuro e o peso das maiores forças só ficarão mais claros após o saldo deste ano. "É o eleitor que está esperando se entregar para alguém", afirma.

Se o escolhido for um dos membros dessa nova cepa de direita, em vez de propostas novas, há um risco claro de termos de forma amplificada as velhas queixas contra o "sistema". Nessa visão estreita, ele existe para oprimir adversários e trabalhar de forma perpétua para a manutenção do *status quo.* O conservadorismo brasileiro, que já teve pensadores como Roberto Campos e Mario Henrique Simonsen, merecia representantes mais destacados e um debate de melhor nível. ■

COMPRAM-SE VOTOS

Enquanto enfrenta desafios complexos à democracia, como redes sociais e inteligência artificial, o país ainda convive com crimes eleitorais típicos da época do império **BRUNO CANIATO**

REINCIDENTE Candidato a vereador, Dinho Resenha *(de azul-claro)* é preso no Rio: tentativas de fraude em 2020 e 2024

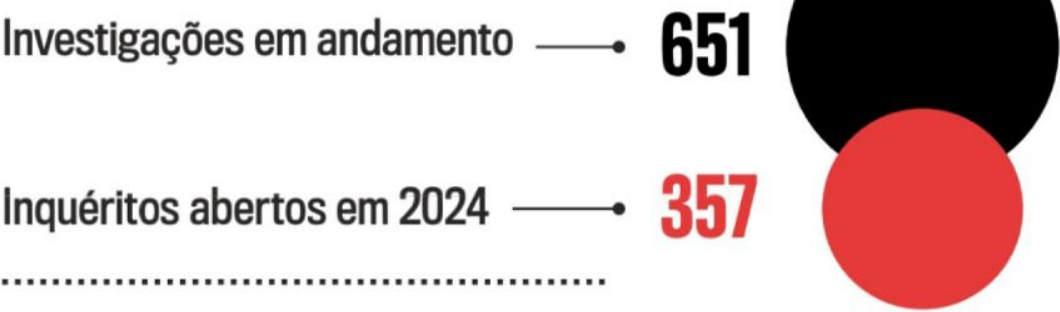
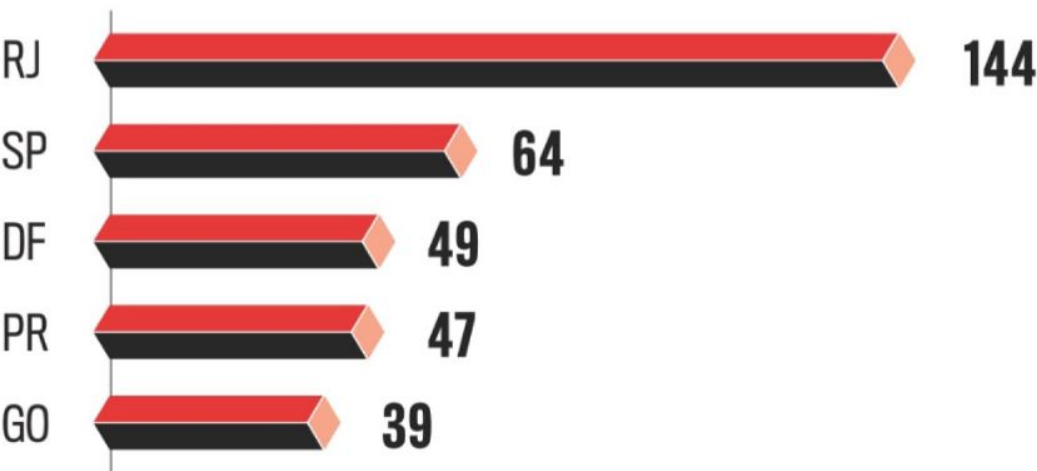
REPRODUÇÃO

O BRASIL era um império governado por dom Pedro II e o direito ao sufrágio político ainda era uma coisa para poucos quando o senador João Maurício Wanderley, o Barão de Cotegipe, subiu à tribuna da Casa, no dia 16 de outubro de 1880, para criticar a primeira forma conhecida de compra de votos na história brasileira. “Forma-se assim um corpo eleitoral não das melhores pessoas residentes na freguesia, mas daquelas que

JOGO SUJO

O cerco da PF contra crimes eleitorais

* Entre o total de investigações em andamento

chamam-se 'eleitores do cabresto'", denunciou, em referência à corrupção praticada corriqueiramente pelos coronéis baianos nas eleições parlamentares indiretas. Com isso, imortalizou a expressão usada para a coerção e suborno do eleitorado mais pobre. Passados quase 150 anos, em que pese os avanços da democracia brasileira, a compra da vontade do eleitor persiste como uma chaga que desafia o poder público.

O número de novos "coronéis" a investir na aquisição de vantagens eleitorais não é pequeno. A Polícia Federal tem 1 820 inquéritos em andamento sobre crimes eleitorais — desses, 1 091 foram abertos neste ano. As suspeitas mais recorrentes envolvem fraudes em inscrição de eleitor, compra de votos e omissão de gastos de campanha. Com frequência, as três práticas estão relacionadas entre si.

Segundo especialistas, as irregularidades no cadastro de eleitor não costumam ser meros erros burocráticos, mas tentativas de burlar a regra do domicílio. “As inconsistências mais comuns são pedidos de transferência com comprovantes falsos de endereço, que geralmente ocorrem quando o candidato oferece benefícios a pessoas de municípios vizinhos em troca de votos”, explica Janiere Portela, membro da

Academia Brasileira de Direito Eleitoral e Político (Abradep) e servidora do Tribunal Regional Eleitoral da Bahia. Já a não declaração de despesas, conhecida como "caixa dois", é um mecanismo corriqueiro para mascarar uma série de fontes ilegais de recursos e destinação ilícita de valores, incluindo montantes reservados para o suborno do eleitorado.

O conceito de compra de votos tornou-se bastante ampliado nos últimos anos. Sob a lei eleitoral, qualquer transação que envolva a troca de benefícios por apoio nas urnas, seja dinheiro, seja bem material ou cargo, pode ser enquadrada nesse crime. Vale destacar que a punição não é prevista só ao candidato, mas também ao eleitor. Para especialistas, existe um fator cultural na política brasileira, herança do coronelismo e agravado pela desigualdade social, que naturaliza o câmbio de favores. "O que se vê é que a própria população, especialmente em regiões mais vulneráveis, já espera do candidato um favor em troca do apoio nas urnas", avalia Samuel Falavinha, advogado especialista em direito eleitoral e membro da Abradep. Alguns analistas destacam que a ascensão das lideranças comunitárias, religiosas e até criminosas, particularmente em periferias, torna o comércio de votos cada vez mais sofisticado: ao invés de cooptar um eleitor por vez, o candidato se reúne com pessoas de alta influência local e negocia a troca de centenas ou milhares de votos por benesses, numa espécie de coronelismo moderno. "Essa prática de comprar o voto 'no atacado' ao invés do 'varejo' pode até ajudar o candidato diante da lei, já que ele não estaria direta-

DINHEIRAMA Apreensão em São Luís: ex-assessores do prefeito envolvidos

mente adquirindo o voto de cada eleitor, mas fazendo uma 'cegueira deliberada' para a coação por essas lideranças", diz Fernando Neisser, professor de direito eleitoral na FGV-SP.

A evolução do mercado de eleitores, porém, não invalida a mais tradicional forma de corrupção: dinheiro vivo por voto. Prova disso é o caso ocorrido em Roraima, em abril, quando um motorista do senador Mecias de Jesus (Republicanos), com o carro do parlamentar, foi preso no município de Alto Alegre carregando 50 000 reais em notas de 100 escondidas nas calças e meias. A detenção aconteceu a três

dias de uma eleição suplementar para a prefeitura. A PF, que pediu autorização ao Supremo para investigar o senador, suspeita que a quantia seria destinada à compra de votos — o parlamentar nega. Em São Luís, em julho, policiais encontraram 1,1 milhão de reais no porta-malas de um carro. A investigação liga o veículo, o local onde foi estacionado e os dois homens flagrados por câmeras ao prefeito Eduardo Braide (PSD) e sua família. Uma das suspeitas é que o dinheiro seria usado para a compra de votos — o prefeito diz que não teme a apuração. Na semana passada em Belford Roxo, na Baixada Fluminense, o candidato a vereador Sérgio Accioly dos Santos (Republicanos), conhecido como Dinho Resenha, foi preso por participar não de um, mas de dois esquemas de compra de votos — nas eleições atuais e de 2020. O esquema previa gasto de 50 reais por eleitor. Há pistas de envolvimento dele com chefes do tráfico local e um policial militar preso por vender armas da corporação.

É inegável que a estrutura de combate à corrupção eleitoral evoluiu significativamente desde os tempos do coronelismo, na virada entre os séculos XIX e XX, quando nem sequer existiam tribunais eleitorais. Naquele período, a realização e fiscalização dos pleitos eram competências do Legislativo — caso um rival "indesejável", superando as expectativas, conseguisse os votos necessários para se eleger, bastava uma articulação entre parlamentares para invalidar sua vitória, prática que ficou conhecida como "política da degola".

NA MIRA Mecias de Jesus: carro do senador levava 50 000 reais às vésperas de eleição em Roraima

A própria Justiça Eleitoral foi criada apenas em 1932, justamente como reação à manipulação das urnas pelos coronéis. O primeiro Código Eleitoral, além de inaugurar o voto secreto e expandir o direito às mulheres, previa pena de até dois anos de prisão por compra e venda de votos. A punição foi endurecida para quatro anos com o Código Eleitoral de 1965, que, ironicamente, foi aprovado durante a ditadura militar e vigora até hoje. Atualmente, tramita no Senado uma nova proposta de código que, para especialistas, aborda uma das principais dificuldades para se investigar casos

REPRODUÇÃO

de troca de favores: a pena sobre o eleitor que vende seu voto, considerada desproporcional e contraproducente para os julgamentos. "O eleitor envolvido é um dos poucos capazes de denunciar o crime, e geralmente não o faz por medo da lei. É preciso modernizar a legislação com conceitos de corrupção passiva, ativa e delação", explica Neisser, que foi consultor jurídico na elaboração do texto.

O país se debruça ainda na tentativa de enquadrar um delito que já perpassa três séculos, enquanto novos desafios, muito mais complexos, se avizinham. Entre eles, es-

tão as fraudes trazidas pelas novas tecnologias — como o uso de redes sociais e de inteligência artificial — e o cumprimento de cotas de gênero e raça, que, em vez de promover maior diversidade, virou porta aberta para outra praga aparentemente interminável: a dos candidatos laranjas. A maior ameaça, no entanto, vem da internet. "Temo pela criação de um novo coronelismo no mundo, o coronelismo digital", disse a ministra Cármen Lúcia ao ser eleita presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em maio. Por uma triste ironia, esses novos inimigos digitais convivem agora com as velhas ferramentas criadas para corromper o processo. A persistência do crime da compra de votos no Brasil é um acinte ao país porque ela não é só um anacronismo, mas um ataque frontal a um princípio basilar da democracia: o da livre vontade do eleitor. ■

ALEJANDRO ZAMBRANA/SECOM/TSE

NOVA AMEAÇA Cármen Lúcia: ministra teme consolidação de um "coronelismo digital" nas eleições

MURILLO DE ARAGÃO

MUITO ALÉM DAS EMENDAS

A disputa atual entre Executivo e Legislativo é por poder

A DISPUTA entre Executivo e Legislativo por verbas discricionárias envolve aspectos que têm passado despercebidos. Imaginem se o Congresso fosse majoritariamente de centro-esquerda e esquerda. Haveria, por acaso, uma disputa do Executivo contra as emendas dos parlamentares no STF? Dificilmente. Isso porque o governo, junto com seus aliados, orientaria o uso das emendas em conformidade com suas políticas, sem necessidade de conflitos.

Entretanto, como o governo é minoritário no Congresso e depende de acordos pontuais para avançar sua agenda, a perda dessas verbas se torna um grande problema. Além de reduzir sua capacidade de investimento (considerando que 90% do Orçamento é vinculado a destinações específicas), o governo perde recursos essenciais para implementar políticas públicas e fortalecer seus aliados.

Assim, independentemente do argumento de que a questão afeta só 10% dos recursos não vinculados, a disputa é por poder. Com os parlamentares dispondo de verbas

para as bases eleitorais, a cooptação de apoio se torna significativamente mais cara. Esses congressistas sentem-se autônomos e livres para votar conforme seus interesses.

Esse cenário traz outro efeito negativo para o governo. O Congresso opera sob uma lógica semelhante ao "axioma" de Dominguinhos: "Olha, isso aqui tá muito bom... Isso aqui tá bom demais... Olha, quem tá fora quer entrar... Mas quem tá dentro não sai". Um parlamentar que souber distribuir bem suas verbas dificilmente perderá a reeleição. A renovação do Congresso em 2026 tende a ser mais baixa, pois os atuais membros dispõem de recursos para assegurar apoios em suas bases, sem depender do Executivo. Há exceções. Estados como a Bahia, que têm grande dependência do governo federal, podem ver o PT sair-se bem. O Congresso caminha para se transformar em uma espécie de "capitanias hereditárias", onde os atuais ocu-

"O Congresso caminha para se transformar em uma espécie de 'capitanias hereditárias' "

pantes têm o poder de garantir suas reeleições ou determinar quem os substituirá. Mesmo que o presidente Lula venha a se reeleger.

Ironicamente, mesmo aqueles que são parte do universo lulista não querem perder suas verbas e lutam para mantê-las ("farinha pouca, meu pirão primeiro"). A guerra por procuração (by proxy), na qual o Executivo recorre ao Judiciário para neutralizar o Legislativo na questão das verbas, tende a agravar ainda mais as relações entre os Poderes. Primeiro, porque o STF já reconheceu as "emendas Pix" e outras. Não há como recuar sobre a sua validade sem agravar a crise política. Segundo, porque a ação que gerou a atual confusão buscava acabar com as emendas — uma proposta, no mínimo, delirante, que só serviu para acirrar os ânimos dos parlamentares. Terceiro, porque o Congresso tem instrumentos poderosos de retaliação. O diálogo entre os poderes, promovido pelo presidente do STF, Luís Roberto Barroso, foi uma iniciativa louvável e saudada por Lula, mas os termos do acordo não estão totalmente sacramentados, e resistências importantes no Congresso precisam ser superadas.

Finalmente, é importante lembrar que o Brasil vive sob um regime presidencialista, com um Congresso que tem uma alma parlamentarista, e uma Constituição que se aproxima do semipresidencialismo, dada a soma de poderes conferidos ao Legislativo, ao Judiciário, ao Ministério Público e aos órgãos de controle. Enfim, é o que temos para hoje. ■

NAVEGANDO NO ESCURO

TCU diz que programas sociais importantes não têm planejamento e funcionam sem controles e sem avaliação de resultados – o que resulta no desperdício de bilhões de reais **LARYSSA BORGES**

ROMBO Evento do Fies no primeiro mandato de Lula: 54 bilhões de reais em dívidas

AILTON DE FREITAS/AGÊNCIA O GLOBO

DESDE O INÍCIO do terceiro mandato de Lula, o governo aposta em medidas destinadas a aumentar a arrecadação para tirar as contas públicas do vermelho. Diante dos protestos contra o peso da carga tributária, só recentemente passou a trabalhar também num plano de redução de gastos, prometendo, inclusive, revisar o pagamento de benefícios sociais. Essa iniciativa é meritória, mas esbarra num entrave político: até aqui, o presidente da República resiste a aprimorar alguns de seus programas de estimação, com medo de que regras adotadas para combater irregularidades e desperdícios de recursos públicos sejam interpretadas como cortes na área social. Eterno candidato, Lula prefere a propaganda fácil à eficiência — e quem paga a conta, como de costume, é o contribuinte.

Duas das principais bandeiras do PT na área da educação, exploradas à exaustão em períodos de campanha eleitoral, ilustram bem a situação. Projetado há mais de 25 anos para reduzir o abismo que existe entre o ensino universitário e a fatia mais carente da população, o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) é um dos mais vistosos programas da gestão Lula. Financia a juro zero mensalidades em centenas de instituições privadas de ensino, tem quase 2,6 milhões de jovens pendurados em linhas de crédito e, pela primeira vez, reservará neste ano vagas exclusivas para quilombolas, indígenas e pessoas com deficiência. Na teoria, é uma vitrine da política educacional do PT. Na prática, é uma iniciativa quase insustentável. Responsável há mais de dez anos por escrutinar as raízes do problema, o Tribunal de

ANDRÉ SOUSA BORGES/FOTOARENA

ÀS CEGAS Haddad no lançamento do Prouni: falta de dados atrapalha a eficácia

Contas da União (TCU) concluiu em uma nova auditoria que o governo não tem informações mínimas para medir sequer a necessidade de existência do Fies, que, entre 2010 e 2022, tem saldo devedor de mais de 110 bilhões de reais e amarga taxas de inadimplência acima dos 51%.

Não se sabe, por exemplo, se os estudantes permanecem nos cursos, se conseguem empregos melhores depois de formados, se o endividamento dos alunos compensa a perspectiva futura de carreira ou se as graduações ofertadas atendem às necessidades do mercado de trabalho. Sob todos os aspectos, o Fies é uma usina de problemas. Segundo o TCU, o programa foi lançado, ainda no governo de Fernando Henrique Cardoso, sem que tivessem sido tabuladas nem mesmo as necessidades educacionais mais prementes do país. Até hoje, não há metas de acesso pleno à graduação, políticas contra a evasão escolar, estudos sobre permanência no curso ou esta-

tísticas sobre quais resultados o Fies produziu em mais de duas décadas. Nada disso parece incomodar Lula e o PT, que fazem questão de convidar para eventos públicos um ou outro aluno que credita à iniciativa a oportunidade de cursar a universidade. Nessas ocasiões, convenientemente, só a história pessoal de superação é destacada.

Ano após ano, o TCU tem repetido o puxão de orelha e cobrado, entre outras coisas, controle governamental, ofertas racionais de vagas, medições de empregabilidade dos formados e argumentos que justifiquem a manutenção de uma plataforma que não se paga sozinha — as receitas chegaram a menos de 27% das despesas no período de 2013 a 2022. "A ocorrência de taxa de inadimplência superior a 50% dos contratos, as concessões de condições especiais de descontos na cobrança de mais de 300 000 contratos do Fies, resultando em descontos de aproximadamente 10 bilhões de reais, e a existência de subsídios implícitos de aproximadamente 95 bilhões de reais representam gastos com o Fies que encarecem o programa, não retornam aos cofres públicos (ou retornam em valor inferior ao previsto) e não favorecem a sustentabilidade do programa", concluiu o tribunal. Por influência do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, o governo foi obrigado recentemente a reconhecer o peso do Fies nas contas públicas e teve de abrir mão de 10 bilhões de reais com a renegociação das dívidas de alunos inadimplentes. Em casos específicos, o desconto chegou a 99%.

Em campanha quase solitária para equilibrar o orçamento, Haddad dificilmente virá a público criticar o calote no pro-

ANTONIO LEAL/TCU

TCU TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO TC 016.100/2023-9

SUMÁRIO: AUDITORIA OPERACIONAL. AVALIAÇÃO DA ESTRUTURAÇÃO DO FIES E DO PROUNI, BEM COMO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS A ELES ASSOCIADAS. REVISÃO DE GASTOS. DETERMINAÇÕES. RECOMENDAÇÕES.

105. Isso se deu, conforme análises adiante, devido aos seguintes fatores: i) O MEC não estabeleceu uma sistemática de avaliação dos programas Fies e Prouni e tampouco realizou avaliações pontuais acerca desses programas; ii) não estabelecimento de objetivos e metas específicas para cada indicador de resultado desses programas; iii) deficiências e lacunas verificadas em relação às políticas públicas que Fies e Prouni operacionalizam. Essa situação encontrada tem gerado decisões sobre continuidade ou modificação dos referidos programas não embasadas em evidências apropriadas, aumentando significativamente os riscos de desperdício de recursos públicos e de perda de eficiência, eficácia e efetividade das intervenções governamentais associadas, além de prejuízos à transparência da ação governamental.

RELATÓRIO TCU: auditoria do órgão cobra fiscalização governamental, pede estabelecimento de metas para os programas e alerta para desperdício de recursos

jeto de crédito estudantil. O Fies e outro programa celebrado pelo PT, o Universidade para Todos (Prouni), serviram de trampolim político para o ministro quando, em meados dos anos 2000, ele saltou da condição de funcionário de segundo escalão do Ministério da Educação para chefe da pasta. Lula gostou tanto de seu desempenho na função que fez do Fies e do Prouni bandeiras da campanha presidencial de Dilma Rousseff e, dois anos mais tarde, ungiu Haddad candidato a prefeito de São Paulo. Na seara administrativa, o Prouni também foi alvo de auditoria do TCU. Criado para oferecer a fundo perdido bolsas de estudo integrais e parciais em instituições privadas de ensino, saiu de pouco mais de 112 000 vagas no primeiro processo seletivo, em 2005, para o recorde de 402 000 neste ano. Entre as descobertas do tribunal, auditores concluíram que em muitos casos o Fies disputa espaço com o Prouni pelo mesmo perfil de estudante — dos vinte principais cursos contemplados pelos dois programas, 80% deles são oferecidos tanto pelo Prouni quanto pelo Fies.

Ainda há um agravante: ao analisar o universo de alunos que pediram renegociação de dívidas do crédito estudantil nos últimos anos, o TCU detectou que 84% dos acordos foram feitos com pessoas que também estariam enquadradas no perfil de renda elegível para bolsas integrais do Prouni. Isso significa que, se o Executivo priorizasse o Universidade para Todos, uma parcela significativa de universitários poderia ter se formado sem contrair dívidas, e o governo não teria precisado arcar com custos como manutenção da fiança do estu-

dante, pagamento de taxas à Caixa (foram 200 milhões de reais em quatro anos) e isenções de crédito dadas a estabelecimentos de ensino que aderiram ao financiamento estudantil. Procurado, o Ministério da Educação informou que vai "adotar todas as medidas pertinentes" e disse que a Secretaria de Educação Superior "não medirá esforços para cumprir as determinações apontadas, como forma de aperfeiçoar cada vez mais os programas e ações sob sua responsabilidade".

Juntos, Fies e Prouni transformaram instituições privadas de ensino em uma das categorias empresariais mais prósperas do país, porque elas se beneficiam de isenção fiscal para abrir cada vez mais as portas aos estudantes, sem necessariamente ofertar um ensino de qualidade. "A auditoria realizada pelo TCU acende um alerta importante sobre a qualidade do ensino superior no Brasil, especialmente em cursos tão procurados como o de direito", diz o presidente da OAB Nacional, Beto Simonetti. O curso foi o mais escolhido por estudantes do Fies e do Prouni entre 2014 e 2021. Dos mais de 100 000 inscritos no último exame da OAB, apenas 17% foram aprovados. Antes de a dupla Fies e Prouni estar sob o fogo cruzado do TCU, era o Bolsa Família — e seu dispêndio mensal de mais de 14 bilhões de reais pagos aos beneficiários — um dos mais relevantes projetos do governo auditados pelo tribunal. A falta de controle no Cadastro Único, que identifica as famílias de baixa renda, e na transição do antigo Auxílio Brasil para o atual Bolsa Família levou o TCU a contabilizar prejuízos de 34 bilhões de reais no maior programa de transferência de renda do país.

ROBERTA ALINE/MDS

AJUSTES O ministro Wellington Dias: "O controle externo é muito importante"

Responsável pelo Bolsa Família, o ministro Wellington Dias informou ao TCU que, desde a auditoria do ano passado, 15,3 milhões de famílias tiveram a renda atualizada, 1,2 milhão foram desligadas por não atenderem aos critérios para receber os repasses e mais de 900 000 foram excluídas por problemas cadastrais. "O controle externo é muito importante porque, a partir de relatórios assim, temos mais segurança na tomada de decisão e no planejamento. Já encontramos 3,7 milhões de benefícios que tinham fraude e conseguimos fechar a porta para esses desvios", disse Dias a VEJA. "Combater a fraude é importante não como estratégia de equilíbrio fiscal, mas para que o próprio país tenha eficiência em suas políticas sociais", acrescentou. O esforço para melhorar o gasto, aliado ao planejamento e à fiscalização, é a melhor receita para garantir a saúde e a sobrevivência dos programas. ■

RICARDO RANGEL

O QUE KAMALA TEM A NOS ENSINAR

A leveza e a esperança precisam retornar à política brasileira

KAMALA HARRIS está dando uma lição ao mundo. Infelizmente, nós, brasileiros, não estamos prestando atenção.

Menos de 24 horas depois da desistência de Joe Biden, ela uniu o Partido Democrata e mudou o tom da campanha da água para o vinho. Enquanto Biden dava importância a Trump, tratando-o como um bicho-papão destruidor da democracia, Kamala e seu vice, Tim Walz, tratam o ex-presidente como "weird" (esquisito, amalucado), o tipo de pessoa de quem é melhor manter distância. Alguém cuja eleição pode ter consequências sérias, mas que não é, ele mesmo, uma pessoa séria.

Americanos sempre trataram a política de um jeito leve, divertido, como uma festa, mas isso mudou com Trump, um homem carrancudo, agressivo, maledicente. A política americana virou um baixo-astral. Mas Kamala, que ri muito, um riso franco, cheio de dentes, trouxe o bom humor de volta. A palavra mais pronunciada na convenção do Partido Democrata foi "alegria": a gratidão por ter ela devolvido a leveza à política era evidente.

"Tem algo maravilhosamente mágico no ar, não é? Uma sensação que ficou enterrada muito fundo por tempo demais. Vocês sabem do que estou falando", afirmou Michelle Obama em seu (espetacular) discurso. Todo mundo sabia. "É a força contagiosa da esperança."

A candidata democrata defende deixar para trás a polarização e o cinismo e trazer de volta um projeto comum de país, a busca renovada do sonho americano, o ideal liberal de liberdade e igualdade. Nos EUA, democratas se concentram na igualdade e republicanos privilegiam a liberdade, mas a liberdade que Trump defende (como o faz Bolsonaro no Brasil) não é a liberdade liberal, que acaba quando a do próximo começa. É a liberdade de o mais forte oprimir o mais fraco. Kamala, ao enfatizar a liberdade de cada um amar quem quiser, de ter ar puro para respirar, de viver sem a ameaça das armas, tomou-lhe a tradicional bandeira.

"A candidata democrata defende deixar para trás a polarização e o cinismo e trazer de volta um projeto comum de país"

Kamala não para de subir nas pesquisas e está na frente em estados-chave. Trump não está conseguindo reagir.

No Brasil, as forças supostamente democráticas estão na contramão do caminho de Kamala. Lula esnoba o centro que garantiu sua vitória, puxa briga com o eleitorado de oposição, se recusa a defender a democracia na política externa. O PT reconheceu a vitória de Maduro, elogia a China e assinou um acordo de cooperação com o Partido Comunista do Vietnã. A campanha de Guilherme Boulos em São Paulo, em provocação desnecessária (e eleitoralmente estúpida), entoou o *Hino Nacional* em linguagem neutra.

O Supremo se mete na política e continua avançando o sinal no que pretende ser a defesa da democracia. Alexandre de Moraes mandou investigar mais um (suposto) crime no qual foi a vítima e que será juiz e proibiu a entrevista de um homem que manteve preso por seis meses até hoje não se sabe por quê.

O eleitorado paulistano responde dando um caminhão de votos para um candidato ainda mais agressivo, mais mentiroso, mais vazio, mais antissistema do que Jair Bolsonaro — que, eleito, periga ser o próximo presidente da República. É bom prestar atenção em Kamala antes que seja tarde. ■

HERDEIRO EM ALTA

Maior favorito na disputa das capitais, João Campos (PSB) encaminha nova vitória em Recife e avança para se consolidar como uma grande liderança regional

VALMAR HUPSEL FILHO

POPULAR O prefeito durante ato de campanha: seis anos após estrear na política, ele já mira o comando de Pernambuco

RODOLFO LOEPERT

O PREFEITO de Recife, João Campos (PSB), iniciou sua busca pela reeleição apoiado em simbolismos. Nos primeiros minutos do último dia 16, início oficial da campanha, foi com sua mãe, Renata, e três irmãos ao Morro da Conceição, um lugar religioso onde os moradores da capital de Pernambuco vão pedir proteção e boas energias. Lá, a família posou ao pé da estátua da Imaculada Conceição, de 3 metros de altura e 2 toneladas, trazida de navio da França em 1904. Naquela semana completavam-se dez anos do acidente fatal de seu pai, Eduardo Campos (por queda de avião na eleição presidencial de 2014), e dezenove da morte do bisavô Miguel Arraes, ambos ex-governadores de Pernambuco e que, numa coincidência infeliz, faleceram em um 13 de agosto.

As referências ao pai e ao bisavô foram uma constante nos dias que marcaram o início da nova empreitada de João Campos. "A maior homenagem é seguir trabalhando, honrando sua história e legado", disse em 26 de julho, em São Paulo, na entrega póstuma do título de cidadão paulistano ao pai pela Câmara de Vereadores. Foi alavancado pela família que João entrou na política. Em sua primeira disputa, aos 24 anos, elegeu-se o deputado federal mais votado do estado, em 2018. Dois anos depois, conquistou a prefeitura. Aos 30, tenta a reeleição com alta taxa de aprovação e 76% das intenções de voto *(veja quadro na pág. ao lado)*, que o consolidam como o herdeiro de uma das mais longevas dinastias políticas do Nordeste.

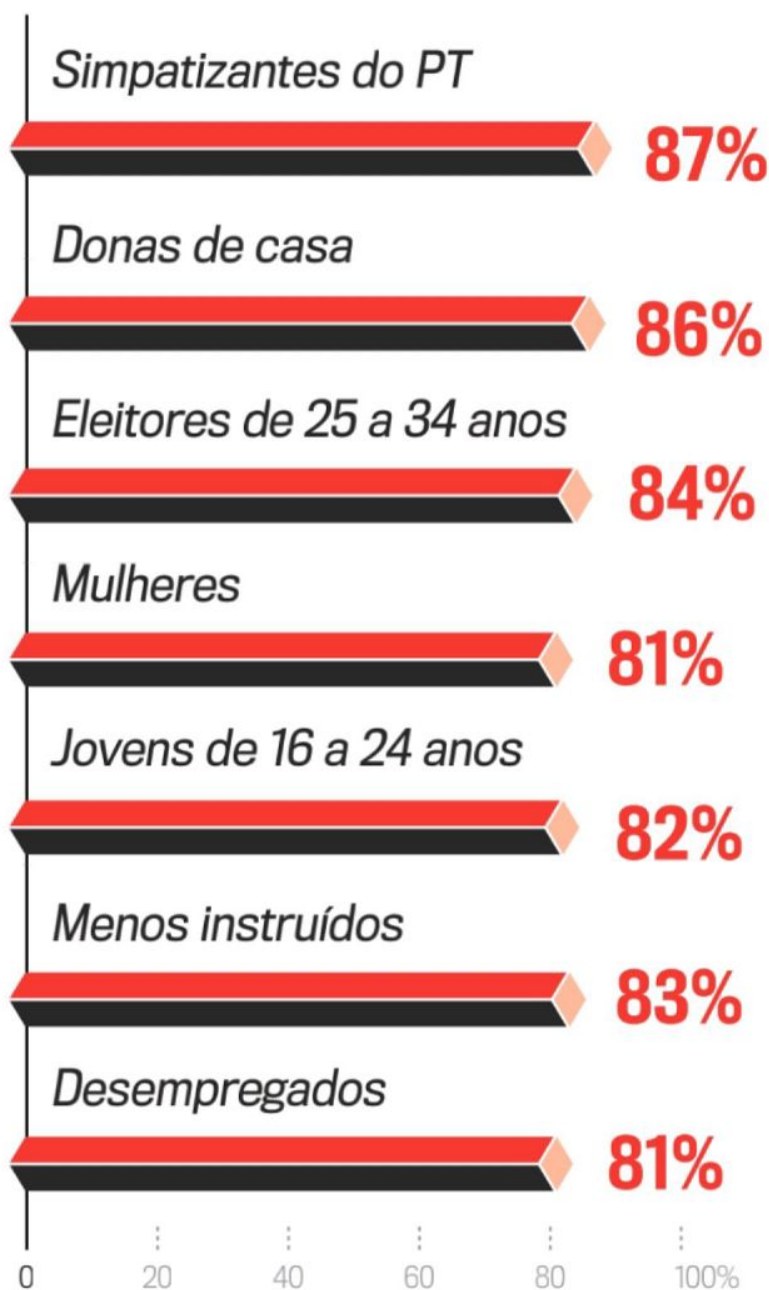
João parece estar decidido a renovar a hegemonia do clã. Confortável com a possibilidade de reeleição — segundo o

GESTÃO APROVADA

Desempenho na capital pernambucana alavanca planos eleitorais de Campos

DAS INTENÇÕES DE VOTO TEM JOÃO CAMPOS PARA A PREFEITURA

DOS ELEITORES RECIFENSES CONHECEM O CANDIDATO

DIZEM QUE NÃO VOTARIAM NELE DE JEITO NENHUM, A MENOR TAXA DE REJEIÇÃO

Fonte: *Datafolha – pesquisa feita entre 20 e 21 de agosto com 910 eleitores. A margem de erro é de 3 pontos percentuais. Registro no TSE sob o nº PE-06023/2024*

Datafolha, o adversário mais próximo, o sanfoneiro e ex-ministro Gilson Machado (PL), tem 6% —, o prefeito já se movimenta para fora de Recife. Nas últimas semanas, emprestou seu prestígio para fechar pessoalmente acordos em cidades como Caruaru, Olinda e Jaboatão dos Guararapes. Em algumas, bancou candidatos do PSB, em outras costurou apoio a nomes do PT, um parceiro estratégico no estado. Já apontado como potencial candidato ao comando de Pernambuco em 2026, quando a governadora Raquel Lyra (PSDB) tentará a reeleição, o prefeito dá sinais de que tocará o projeto. Na escolha do vice, resistiu ao assédio do PT, indicando Victor Marques (PCdoB), amigo de faculdade e ex-chefe de gabinete, sinalizando que, se deixar a prefeitura, manterá o controle sobre ela. Questionado se ficará no cargo caso seja reeleito, tergiversa. "Nesta eleição vou falar apenas desta eleição", repete.

João é um legítimo representante das oligarquias que se consolidaram no país desde a formação, estabeleceram-se como donas de latifúndios e símbolos de poder regional. "Pernambuco é uma das capitanias hereditárias que 'deram certo', e onde se formou uma elite política forte", diz Leonardo Rodrigues, doutorando em ciências políticas da UFPE e estudioso das dinastias. O patriarca do clã, Miguel Arraes, foi uma espécie de "coronel de esquerda": resistiu à ditadura, foi preso e exilado e se tornou o governador "pai dos pobres", algo que permanece no inconsciente coletivo pernambucano. Esse legado elegeu pai, primos, irmão e tio de João. Para Ricardo Ismael, professor da PUC-Rio, o histórico ajuda a entrar na polí-

RODOLFO LOEPERT/FRENTE POPULAR DO RECIFE

X @JOAOCAMPOS

LEGADO
Família Campos: João, com a mãe e irmãos no Morro da Conceição, em Recife *(acima)*, e em tributo ao pai na Câmara de São Paulo *(ao lado)*

tica, mas não basta. “Se não tiver talento ou vocação, não vai adiante, porque o político tem de alçar voo próprio”, diz.

A boa avaliação de João Campos é inconteste — apenas 4% dos recifenses, segundo o Datafolha, consideram seu trabalho ruim ou péssimo. A alta aprovação é resultado de entregas, principalmente na periferia, do que o prefeito chama de “infraestrutura social”, como escadarias, contenção de encostas e ampliação de serviços na assistência social, além de unidades habitacionais. Também fez obras viárias estratégicas e tem a zeladoria elogiada. Na educação, ampliou de 6 500 para 13 000 as vagas em creches. A comunicação é um ponto importante. Quando vai aos bairros, circula pelas ruas, cumprimenta as pessoas, almoça em restaurantes populares e capitaliza isso nas redes sociais, usando linguagem, edição e visual jovens.

Embora seja herdeiro de uma longa dinastia, João consegue com isso passar a imagem de novidade política. Para o PSB, o surgimento dele e de sua namorada, a deputada e candidata à prefeitura de São Paulo, Tabata Amaral, simboliza a renovação da sigla. “O país sofre com a ausência de lideranças novas, e o PSB incentiva gente jovem”, diz o presidente, Carlos Siqueira. O caminho para João está aberto. Ele deu um passo decisivo em 2020, na disputa pela prefeitura, ao derrotar a prima Marília Arraes numa guerra eleitoral que rachou o clã, mas foi determinante para seu futuro. A partir dali, reagrupou a família e fez dela parte inseparável de sua identidade e propaganda política. A próxima batalha agora se desenha para além de Recife. ■

AMEAÇA DOS CÉUS

Palácio do Planalto, Congresso e Supremo Tribunal Federal terão sistema de proteção similar ao de países como Israel para evitar atentados e ataques terroristas **HUGO MARQUES**

ALERTA Prevenção: novo equipamento de segurança vai permitir a interceptação de drones num raio de até 50

OS DETALHES do esquema de segurança de qualquer presidente da República, por razões óbvias, são mantidos sob sigilo. Mas há um protocolo de regras básicas e medidas excepcionais que são adotadas conforme a situação e as exigências do mandatário. Jair Bolsonaro, por exemplo, exigia que alguém experimentasse suas refeições antes de serem servidas. Tinha medo de envenenamento. O capitão também dormia com uma pistola carregada sob o travesseiro, segundo ele uma cautela para o caso de invasores entrarem durante a noite nas dependências do Palácio da Alvorada. Lula, até onde se sabe, não leva os cuidados a esse nível de preocupação, o que também não significa absoluto descaso. Pelo contrário. Mantidas as proporções, em breve o Palácio do Planalto será protegido por um sistema de vigilância similar ao que Israel utiliza para evitar ataques terroristas. O equipamento que será adquirido vai permitir a detecção e a interceptação de drones que se aproximarem da Praça dos Três Poderes.

A decisão de comprar o sistema, que vai custar 62 milhões de reais, foi tomada depois da constatação de que os drones estão sendo cada vez mais utilizados como arma em atentados políticos. Consta que Nicolás Maduro, o ditador venezuelano, escapou de um desses ataques, em 2018, quando participava de uma solenidade militar. Dois aparelhos equipados com bombas explodiram em frente ao palanque onde estava o presidente. Maduro saiu ileso, mas sete pessoas teriam ficado feridas. No Brasil, o Gabinete de Segurança Institucional (GSI) da Presidência da República, responsável pela seguran-

BOMBAS Maduro: o ditador venezuelano foi alvo de um ataque durante uma solenidade militar

ça do mandatário e do Palácio do Planalto, já interceptou mais de uma dezena de drones que tentaram se aproximar de locais em que Lula estava presente. É, portanto, perfeitamente justificável a preocupação com esse novo tipo de ameaça. "O sistema antidrone é hoje um equipamento essencial para a proteção de autoridades e pessoas importantes", diz Avrahan Divr, representante da Sentrycs, empresa israelense fabricante desse tipo de equipamento.

O projeto, que está sendo implementado pela Polícia Federal, prevê a instalação de bases estacionárias do equipamento não só no Palácio do Planalto, mas também no Congresso Nacional e no Supremo Tribunal Federal. Essas estações serão capazes de detectar a aproximação de drones num raio que pode chegar a 50 quilômetros. O funciona-

mento do sistema é relativamente simples. Depois de rastrear o drone através de um radar, o equipamento emite um sinal de rádio que interfere na comunicação com o piloto, permitindo que a polícia assuma o comando do aparelho, que pode ser destruído ou direcionado para um lugar seguro. A Sentrycs informa que esse sistema já é usado em mais de quarenta países e a tecnologia empregada é similar à utilizada pelas Forças Armadas de Israel.

A Polícia Federal e o GSI não fornecem maiores detalhes sobre o projeto. "Ações de segurança, incluindo tipos de armamento, equipamentos e materiais comumente empregados, estratégias e protocolos de atuação, entre outras informações sensíveis, são mantidos em sigilo, haja vista que, se caírem em domínio público, podem vulnerabilizar a segurança das pessoas protegidas, comprometendo o desempenho da atividade", explica a PF. Sabe-se, porém, que, além das sete bases fixas, o sistema que será adquirido também contará com unidades móveis que serão utilizadas nas viagens do presidente Lula. Mais limitado, esse equipamento é capaz de escanear, identificar e neutralizar um drone a uma distância de até 5 quilômetros. A ideia é que o todo aparato esteja em plena operação já a partir do ano que vem.

Na campanha presidencial de 2022, um drone sobrevoou o local onde o então candidato Lula fazia um comício, em Uberlândia (MG), e despejou sobre a plateia um líquido "malcheiroso". Era apenas uma provocação de adversários políticos, mas poderia não ser. Na posse do presidente, em 2023, a

VIGILÂNCIA Radares: torres fixas serão instaladas no teto dos prédios em Brasília

Polícia Federal interceptou um outro que tentava se aproximar da Esplanada dos Ministérios. O aparelho não representava perigo, mas o caso serviu para revelar uma deficiência do esquema de segurança. O equipamento utilizado para interceptar o drone fora emprestado pela polícia de São Paulo e tinha capacidade de detectar invasores no raio de apenas 1 quilômetro — arriscado demais, segundo especialistas, principalmente porque os drones mais modernos são capazes de carregar fuzis e atingir alvos a longa distância. Desde o início do atual governo, catorze aparelhos foram interceptados pelo GSI em ações preventivas nos arredores de eventos que tinham a participação do presidente. Agora, a segurança ganha um importante reforço. ■

PEDRO GIL

Com reportagem de Diego Gimenes, Felipe Erlich e Juliana Machado

DIVULGAÇÃO

À FRENTE Mansur, da Reag: primeira casa de investimentos com ações na bolsa

Na porta

A Reag, gestora de **João Carlos Mansur,** com 180 bilhões de reais sob administração, está pronta para abrir o capital na Bolsa de Valores de São Paulo. Será a primeira casa de investimentos com ações na B3. Há conversas com os bancos Itaú, BTG Pactual e Bradesco para dar andamento à oferta.

Apetite alto

Em 2024, a Reag já realizou cinco aquisições — e quer chegar a dez incorporações nos próximos meses. No momento, a empresa negocia a compra de três casas de *wealth management* (gestão patrimonial).

Dinheiro novo

O grupo Casas Bahia está na fase final de estruturação de um fundo de até 200 milhões de reais para aumentar a oferta de seu crediário. Bradesco e Banco do Brasil, os principais credores da dívida da varejista, devem comprar grande parte das cotas.

Banho de loja

Enquanto arruma as finanças, a Casas Bahia deve desembolsar 300 milhões de reais para reformar as suas cerca de 1 000 lojas. A partir do segundo semestre do ano que vem, a expectativa é voltar a abrir pontos físicos, com investimentos de 500 milhões de reais até 2028.

Pelos ares

A disparada do dólar em 2024 é uma das razões para o aumento da dívida da fabricante brasileira de aeronaves Embraer. No segundo trimestre, o passivo chegou a 7,2 bilhões de reais — o valor estava em 5,2 bilhões de reais no período imediatamente anterior.

Dinheiro caro

Oficialmente, executivos da Embraer afirmam que o sobe e desce do dólar tem efeito limitado em seus resultados. Contudo,

83% dos custos da empresa estão atrelados à moeda americana.

Apetite insaciável

O Grupo Fleury, que atua no mercado de medicina diagnóstica, gastou 1,7 bilhão de reais com aquisições desde 2017, ano em que abriu o apetite para as compras. Desde então, foram dezessete negócios. E vem mais por aí.

Na janela

A Alibra, fabricante de ingredientes para a indústria alimentícia, pode abrir o capital assim que uma janela de ofertas surgir. A gestora Axxon, que comprou o negócio em 2021 por 300 milhões de reais, saiu de dois investimentos anteriores via oferta de ações.

Reforma da casa

Enquanto a Axxon não define a saída do negócio, a Alibra segue investindo em sua fábrica no Paraná, que está próxima do limite da capacidade produtiva. Serão empenhados 100 milhões de reais em adequação industrial até o início de 2025.

Devagar

As rodadas de investimentos em startups no Brasil caíram 43% em 2023 ante o feito em 2022, segundo estudo da consultoria Sling Hub. Foram registradas 53 operações desse tipo, que somaram 400 milhões de dólares — uma queda de 73% na comparação anual. ■

NOSSO FUTURO EM SUAS MÃOS

Dono de uma inteligência afiada e bom negociador, Gabriel Galípolo foi escolhido por Lula para comandar o Banco Central. Conheça sua trajetória, ideias e os enormes desafios que terá pela frente

MÁRCIO JULIBONI, JULIANA ELIAS E **JULIANA MACHADO**

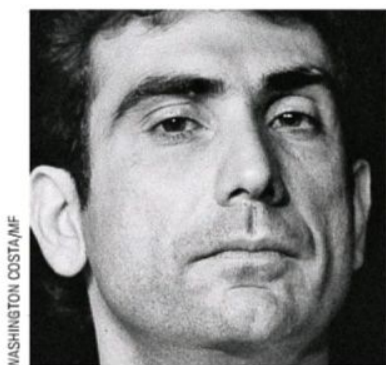
O ESCOLHIDO Galípolo: o "menino de ouro" de Lula precisa demonstrar que conduzirá a autarquia de forma independente

TON MOLINA/FOTOARENA

No Brasil, figuras públicas costumam imolar o passado em troca de apoio no presente que lhes garanta alguma chance de sucesso no futuro. Esse rito recai, sobretudo, sobre aqueles que precisam convencer a sociedade de que não incendiarão o país com práticas extravagantes. Em 1993, diante da tarefa de explicar ao mercado que o Plano Real, em gestação pelo governo de Itamar Franco, não traria maluquices como o congelamento de preços do fracassado Plano Cruzado, o então ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, teria recomendado a empresários com quem almoçava em São Paulo que esquecessem o que escrevera, referindo-se a seu passado de sociólogo. É verdade que FHC nega, sempre que pode, ser o autor da frase, mas ela faz parte do anedotário político. Seu rival à época, Luiz Inácio Lula da Silva, também renegou sua face radical na eleição de 2002, quando publicou a Carta ao Povo Brasileiro, em que jurava combater a inflação, respeitar contratos e manter as contas públicas em ordem. Guardadas as proporções, a indicação do economista Gabriel Galípolo, 42 anos, para substituir Roberto Campos Neto na presidência do Banco Central, a partir de janeiro de 2025, desperta a mesma cautela. “O Galípolo vem de uma formação heterodoxa, então sempre fica a dúvida”, diz Sérgio Vale, economista-chefe da consultoria MB Associados. “Alguém com essa trajetória chega ao BC e muda completamente?”

O QUE PENSA GALÍPOLO

Autor de livros em parceria com o economista Luiz Gonzaga Belluzzo, o indicado ao comando do Banco Central oscila entre afagos ao mercado e críticas ferrenhas

WASHINGTON COSTA/MF

"A nova finança e sua lógica notabilizam-se por sua capacidade de impor vetos às políticas macroeconômicas. A despeito do desemprego e da desigualdade escandalosa, as ações compensatórias dos governos sofrem fortes resistências das casamatas conservadoras."

(No livro *Manda Quem Pode, Obedece Quem Tem Prejuízo*, publicado em 2017)

"No Olimpo das finanças, homens que não sabem o que fazem ganham o que não merecem."

(No livro *Manda Quem Pode, Obedece Quem Tem Prejuízo*, publicado em 2017)

"Os bancos centrais da cúspide capitalista, capitaneados pelo Fed, são os gestores do sistema monetário universal, encarregados de garantir a sobrevivência do direito de propriedade."

(No livro *Dinheiro: o Poder da Abstração Real*, publicado em 2021)

"A criação de uma moeda sul-americana é a estratégia para acelerar o processo de integração regional, constituindo um poderoso instrumento de coordenação política e econômica para os povos sul-americanos."

(Em artigo na *Folha de S.Paulo*, em abril de 2022)

“A regra de oferecer alguma previsibilidade sobre o gasto oferece, de uma maneira inteligente, esse tipo de anticiclicidade por reflexividade.”

(Em entrevista ao InfoMoney, em março de 2023)

“O BC é sempre aquele cara na festa que está pedindo para baixar o som, para o pessoal tomar cuidado com a bebida, acaba sendo um pouco o chato da festa.”

(Em entrevista a VEJA, em junho de 2024)

“No Brasil, criou-se uma dualidade entre o que é o Estado e o mercado. Isso é uma falsa dicotomia.”

(Em entrevista a VEJA, em junho de 2024)

"Nunca pensei em trilhar o caminho da política. Eu me vejo muito mais como alguém que tem a oportunidade de aprender com pessoas de experiência incrível na vida pública."

(Em entrevista a VEJA, em junho de 2024)

"Temos que ganhar credibilidade* (do mercado). *Eu pessoalmente, mas acho que os novos diretores* (também), *perante o mercado."

(Em agosto de 2024, durante evento promovido por uma gestora)

Filho de uma família de uruguaios que imigrou para o Brasil, Galípolo frequentou a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), cujo curso de economia é visto com reservas pela corrente acadêmica predominante. Aluno aplicado e leitor voraz, logo chamou a atenção pela inteligência afiada. "Ele nunca teve receio de expor suas ideias e sempre ia além do básico", afirma Antonio Corrêa de Lacerda, um de seus professores na PUC. Ainda na graduação, estabeleceu

amizades com docentes e, com isso, passou a conviver com expoentes da universidade em jantares e eventos sociais. Num deles, em 2004, já perto de se formar, conheceu o economista heterodoxo Luiz Gonzaga Belluzzo. Logo, apesar de uma diferença de idade de quarenta anos, Galípolo e Belluzzo descobriram que suas afinidades iam além de serem torcedores do mesmo time de futebol — o Palmeiras — e consolidaram uma parceria intelectual que renderia dezenas de artigos acadêmicos e três livros em coautoria nos anos seguintes.

Nas obras, a dupla disparou sua artilharia contra o que considerava ser a tomada do Estado pelo capital financeiro, que só aceitaria o aumento da dívida pública se fosse para salvar os especuladores da ruína causada pelo estouro das bolhas criadas por eles próprios. “A dívida pública é riqueza privada”, afirmam os autores em *Dinheiro: o Poder da Abstração Real*, publicado em 2021. Na mesma obra, sugerem que as crises são oportunidades para impor o controle público sobre o capital financeiro, o que envolveria “a socialização do investimento e a eutanásia do rentista”. Para o mercado, isso soaria como jacobinos erguendo guilhotinas em plena Avenida Faria Lima. Quem conhece Galípolo, contudo, defende que não se trata de um radical. “Ele é eclético. Não tem como colocar numa caixa”, diz Igor Rocha, economista-chefe da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo e amigo de Galípolo há quinze anos. O próprio Belluzzo se recusa a rotular o pupilo. “Gabriel tem uma cultura econômica muito ampla. Seria incorreto chamá-lo de hete-

TON MOLINA/FOTOARENA

PARCERIA Fernando Haddad: o ministro da Fazenda dividiu a criação do novo arcabouço fiscal com o pupilo Galípolo

rodoxo", diz. Procurado por VEJA, Galípolo não deu entrevista. Nunca é demais lembrar que as pessoas podem mudar de ideia, algo de que Galípolo parece ser não apenas capaz, mas também, a julgar por suas mais recentes falas, ter efetivamente se transformado *(veja o quadro "O que pensa Galípolo").* "Ele tem a mente muito aberta, está sempre aprendendo", diz Paulo Gala, economista-chefe do Banco Master e amigo do futuro mandatário do BC há vinte anos.

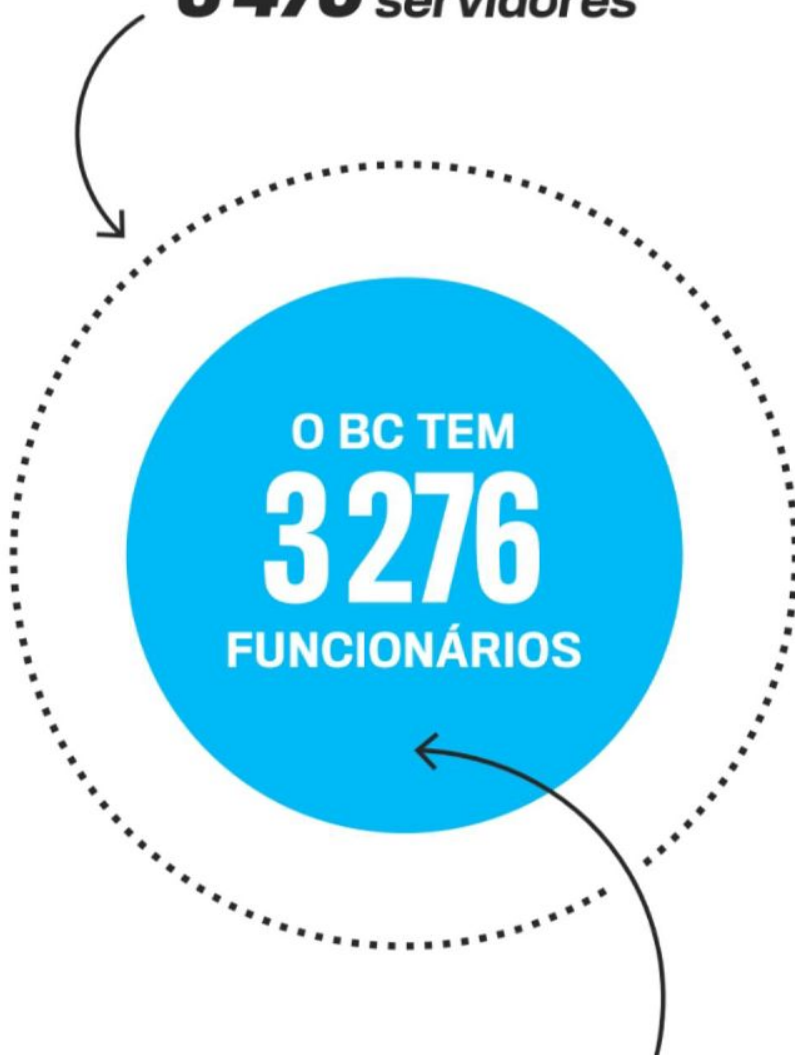
O ecletismo e a capacidade de adaptação marcam também sua trajetória profissional. Em 2007 e 2008, quando o

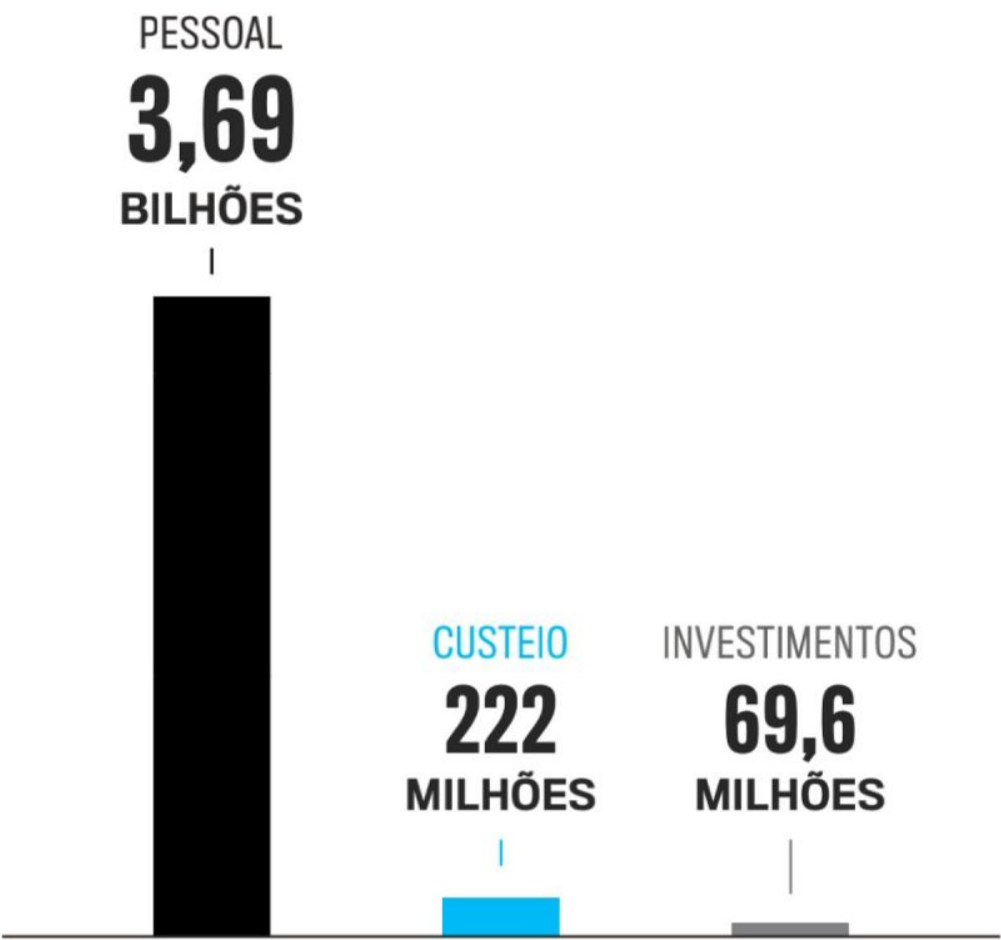
CRISTIANO MARIZ/AGÊNCIA O GLOBO

CONTINUIDADE Roberto Campos Neto: o atual presidente do Banco Central promete transição suave a seu sucessor

tucano José Serra governava o estado de São Paulo, Galípolo chefiou a assessoria econômica da Secretaria de Transportes Metropolitanos, e dirigiu a área de concessões e privatizações da Secretaria de Economia e Planejamento. Em 2009, abriu sua própria consultoria para oferecer projetos de infraestrutura. Em 2017, seu conhecimento na área chamou a atenção de Walter Appel, controlador do Banco Fator. Desde 2013, a instituição acumulava prejuízos. Appel decidiu apostar na assessoria de privatizações, e o Fator liderou os consórcios escolhidos pelo BNDES para modelar a

O BC DO PRESENTE

Em 1998, a Lei 9.650 estabeleceu que o Banco Central deveria contar com um contingente de **6 470** servidores

Sem concursos públicos para a instituição desde 2013 e com aposentadorias e saídas, o BC opera com **51% do quadro previsto na lei**

Em 2023, o Banco Central desembolsou **3,98 bilhões de reais,** sendo:

PARA 2024, O ORÇAMENTO PREVISTO É DE

4 BILHÕES DE REAIS

O BC DO FUTURO

O novo presidente vai assumir agenda de modernização dos meios de pagamento e do sistema financeiro. O que está na agenda:

Lançamentos previstos incluem Pix Internacional (transferências entre países) e Pix Automático (equivalente ao débito automático)

OPEN FINANCE

Ampliar o alcance do sistema que permite o compartilhamento de dados entre instituições financeiras

Em fase de testes, o real digital deve proporcionar maior rastreabilidade e segurança sobre operações financeiras

SUPERAPP

Projeto de aplicativo que vai agregar todas as contas e pagamentos dos correntistas em um só lugar

Fonte: *Banco Central*

venda da Cedae, a companhia de saneamento do Rio de Janeiro, e da distribuidora de gás de Mato Grosso do Sul.

Em questão de meses, com apenas 35 anos de idade, Galípolo passou de consultor terceirizado a executivo-chefe do Banco Fator, substituindo Marco Antonio Bologna, que comandava a instituição desde 2015, um profissional muito respeitado pelo mercado por ter presidido empresas como a TAM, uma das maiores companhias aéreas do país. Quem trabalhou com Galípolo naquela fase destaca alguns traços que o ajudaram a vencer resistências e a superar o preconceito contra a juventude. "Ele sabe falar e sabe ouvir", diz José Francisco Lima Gonçalves, economista-chefe do Fator de 1997 a 2021. "O Galípolo tem essa modéstia intelectual que é a marca de quem passou pela academia e sabe debater sem impor sua opinião."

A habilidade para se acostumar e dominar novos ambientes com extrema competência pode ser seu trunfo para suceder a Campos Neto sem sobressaltos. A seu favor, diga-se, o escolhido de Lula vem sendo preparado para o atual desafio há pelo menos um ano, desde que assumiu a Diretoria de Política Monetária do Banco Central. Sua atuação em todo esse período, aliás, é elogiada por agentes financeiros. "Ele é eminentemente técnico", diz Felipe Salto, economista-chefe da gestora Warren Investimentos e ex-secretário da Fazenda e Planejamento do Estado de São Paulo. "É nítido que dialoga com a burocracia do BC, e isso é percebido pelo mercado." A julgar pela extensa lista de responsabilidades que o esperam a partir de janeiro, Galípolo terá mesmo muito o que conversar.

ESPERA Rodrigo Pacheco: sabatina no Senado é o próximo passo

A primeira é garantir o bom funcionamento da própria estrutura do BC. Atualmente, a instituição opera com pouco mais de 3 000 funcionários, praticamente a metade do quadro previsto pela Lei 9.650, de 1998. Mesmo que o número de servidores dobrasse, ainda estaria aquém do ideal, segundo a ANBCB, associação que representa os analistas do BC. Sem braços, projetos estratégicos para o Brasil, como o lançamento do Pix parcelado e do Drex, o real digital, podem ficar comprometidos. Outro motivo de apreensão entre os servidores é a reposição salarial acertada com o governo, após a paralisação de

ALAN SANTOS/PR

CANELADAS Bolsonaro e Guedes: no poder, a dupla criticou Campos Neto

48 horas realizada no início do ano. O acordo prevê um reajuste de 23%, parcelado em três anos. Para que a primeira parcela seja paga já em 2025, é necessário que o governo envie um projeto de lei ao Senado e que seja aprovado ainda em 2024. Uma solução de longo prazo é garantir a autonomia financeira do BC — algo em que os servidores esperam que Galípolo se empenhe. "Ele já defendeu o projeto da autonomia publicamente", diz Fabiana Carvalho, vice-presidente da ANBCB.

O mais óbvio desafio de Galípolo será provar ao mercado sua independência, enquanto é chamado de "menino de

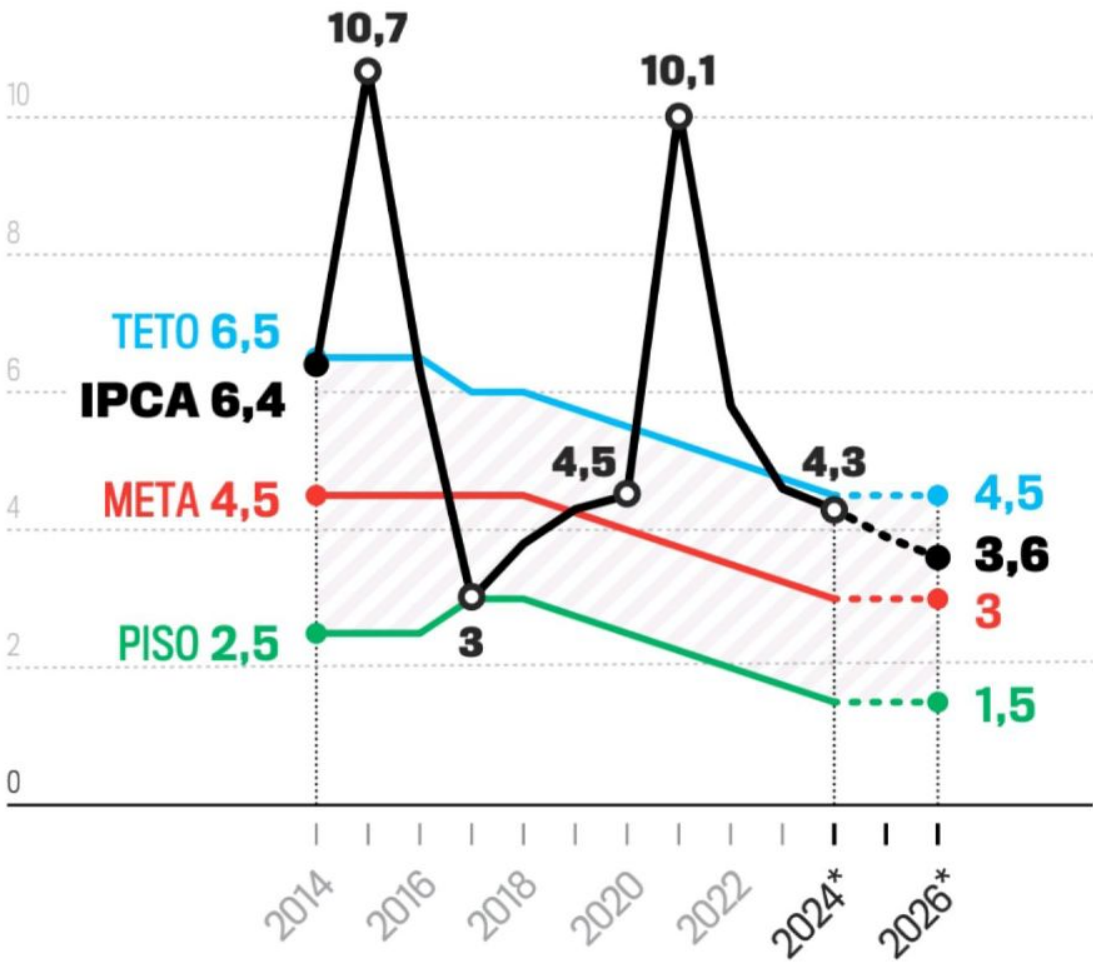
ouro" por Lula. Relações próximas entre chefes do BC e membros do governo não são exclusivas deste governo. Em 2019, o então presidente Jair Bolsonaro justificou a indicação de Roberto Campos Neto para o posto argumentando que ele possuía "perfeita afinidade intelectual e moral com a equipe econômica". À época, Campos Neto era um dos assessores de Paulo Guedes, o ministro da Economia. O clima azedou quando Guedes passou a criticar o BC por não ser firme o bastante no combate à inflação, que disparou após a pandemia de covid-19. De seu lado, o chefe da instituição apontou a frouxidão fiscal do Executivo, que injetou bilhões de reais na economia via auxílio emergencial. No fim, já em 2022, Bolsonaro chegou a lamentar ter assinado a lei que formalizou a autonomia do BC.

A questão, agora, é saber se Galípolo comprará as brigas certas com seu padrinho. "Diversos fatores mostram que há uma pressão inflacionária ligada em parte a uma economia sobreaquecida", diz Alexandre Schwartsman, diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central de 2003 a 2006. Segundo Schwartsman, assim que se sentar na cadeira de presidente, Galípolo terá de elevar os juros para frear a economia. "A dúvida é se a nova diretoria fará isso e se Lula vai deixar." Para os analistas, o receio de uma política monetária mais frouxa é revivermos os traumáticos episódios do governo de Dilma Rousseff, quando a autoridade monetária era presidida por Alexandre Tombini. Naquele período, o BC manteve os juros baixos, mes-

DRAGÃO INDÓCIL

Desde 2014, o Brasil conviveu a maior parte do tempo com inflação acima da meta, e as projeções até 2026 apontam para o mesmo caminho

TAXA DE INFLAÇÃO APURADA, META E FAIXA DE TOLERÂNCIA

(em %)

* Projeção

Fontes: *IBGE e Banco Central*

mo diante de uma evidente aceleração da inflação. O resultado foi uma escalada de preços que corroeu a renda, derrubou o consumo e desembocou, em 2015 e 2016, em uma das piores recessões a que o país já assistiu. "Não tem milagre: se governo gasta muito, o BC precisa manter os juros altos", diz Sérgio Werlang, ex-diretor da instituição e um dos idealizadores do sistema de metas.

Enquanto aguarda que Rodrigo Pacheco, presidente do Senado, encaminhe sua sabatina à Comissão de Assuntos Econômicos — algo que Lula e Haddad esperam para a próxima semana —, Galípolo já tem com que se ocupar: encontrar nomes para as diretorias de Política Monetária, que ficará vazia com a sua promoção a presidente, de Regulação, hoje ocupada por Otavio Damaso, e de Supervisão de Conduta, liderada atualmente por Carolina Barros. Não se trata de mera burocracia, já que decisões importantes são tomadas pelo colegiado de diretores, a começar pela própria taxa básica de juros, a Selic. Por ora, os analistas apostam que o corpo técnico do BC servirá de contrapeso aos novatos. "É mais fácil alguém se ajustar ao BC do que o BC se ajustar a alguém", diz Jason Vieira, diretor do portal de análises MoneYou. Que assim seja. Até aqui, sob a liderança de Roberto Campos Neto, o Banco Central realizou um trabalho técnico (e brilhante) para o controle da inflação no Brasil. Nos próximos meses, o "menino de ouro" Galípolo terá a missão de continuar essa difícil e crucial batalha para o futuro do país. ■

MAÍLSON DA NÓBREGA

O INVIÁVEL PROGRAMA NAVAL

O setor não tem como competir nos mercados globais

DESDE O REGIME militar, fracassaram vários programas para criar uma indústria naval forte no Brasil. Agora, o presidente do BNDES defende sua reedição. A Petrobras fez uma grande encomenda. Dificilmente dará certo.

Há exemplos, é verdade, de estaleiros que exportam para mercados mundiais, como a empresa de Itajaí (SC) que vende barcos de turismo para quarenta países. Sua capacidade de concorrer nesses mercados lhe permite superar, via inovação e eficiência, as desvantagens de nosso ambiente de negócios e da tributação que ainda incide nas exportações. Ela não precisa do governo para continuar competitiva.

Ao que parece, o governo pretende apoiar a construção naval de grande porte, justamente onde fracassamos. Não teríamos como competir com estaleiros chineses. Em 2003, a China respondeu por 59% do faturamento da indústria naval do mundo, de 207 bilhões de dólares. O segundo lugar coube à Coreia do Sul (24%). Outros grandes fabricantes foram o Japão, países da Europa e os Estados Unidos.

Naquele ano, dos dezoito navios de maior porte vendidos, a China construiu quatorze. Nas encomendas recentes, de graneleiros, petroleiros, embarcações de contêineres e transportadores de veículos, a China comandou 79,6%, 72,1%, 47,8% e 82,7%, respectivamente. É difícil acreditar que possamos competir com os chineses, inclusive porque eles têm maior capacidade de conceder subsídios. Será o caso de uma das famosas leis de Murphy, a saber: “Se algo tem a mais remota chance de dar errado, certamente dará errado”.

O BNDES tem essas e outras informações relevantes sobre o setor. Mesmo assim, Lula e o presidente do banco querem recriar o programa naval. Alegou-se que o país já produziu navios competitivos para enfrentar mercados globais,

“Nos anos 1970 e 1980, o setor só exportava graças a fortes subsídios que hoje não é mais possível conceder”

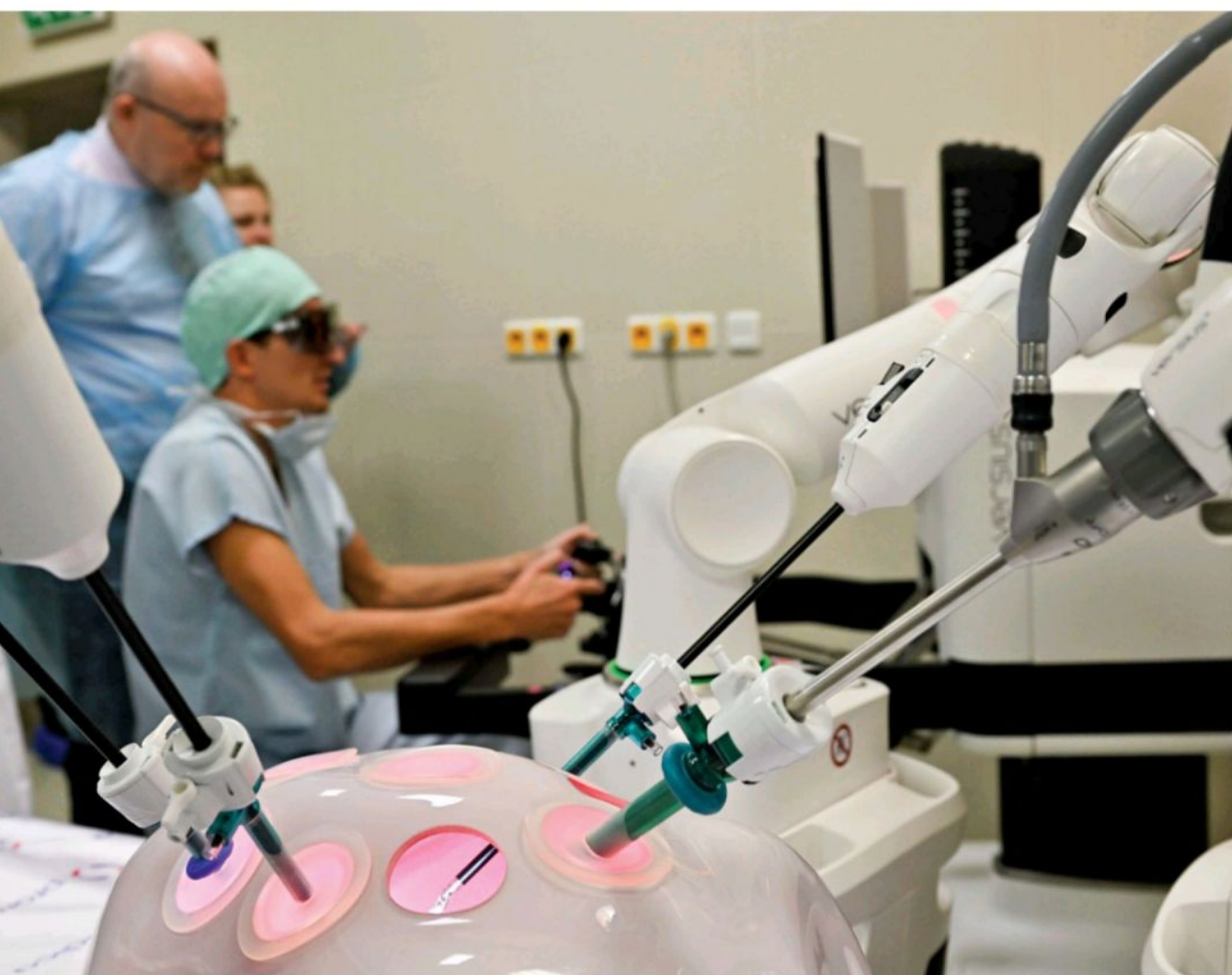
o que é correto. É preciso, no entanto, considerar em que circunstâncias isso aconteceu.

Nos anos 1970 e 1980, havia forte apoio financeiro às vendas externas. Além da desoneração de impostos (ICMS e IPI), concedia-se crédito muito subsidiado com recursos do Fundo de Financiamento das Exportações, operado pela hoje extinta Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil. Ao mesmo tempo, o Ministério da Fazenda concedia subsídios em espécie, de acordo com a importância atribuída a certos segmentos exportadores. Como secretário-geral daquela pasta, coordenei estudos que determinavam os percentuais de cálculo dos respectivos benefícios. O campeão era, lembro-me bem, a indústria naval, que recebia, em dinheiro, 40% do valor exportado de cada navio.

Os subsídios eram aprovados pelo Conselho Monetário Nacional. Não se exigia sua inclusão no Orçamento da União. Isso ficou para trás com os avanços institucionais dos últimos quarenta anos. Mesmo que fosse possível, a rigidez orçamentária não deixaria margem para repetir a benesse.

Em suma, esses arranjos são coisa do passado. Davam certo porque, como costumava dizer o ex-diretor do Banco Central Claudio Mauch, “turbinado, até tijolo voa”. ■

SINAIS VITAIS

O avanço da tecnologia 5G leva medicina de ponta para regiões remotas do Brasil e do mundo, e amplia as possibilidades de uso da inteligência artificial nessa área **CAMILA BARROS**

ROBÓTICA Exame feito remotamente: a conexão mais veloz encurta distâncias, facilita diagnósticos e até salva vidas

CTK/ALAMY/FOTOARENA

A DISTRIBUIÇÃO de médicos e leitos hospitalares pelo Brasil é uma das faces da desigualdade no país. Enquanto a região Sudeste concentra 3,7 profissionais por 1 000 habitantes, a razão cai para 1,7 no Norte, onde a situação é mais crítica. Se até pouco tempo atrás corrigir tais disparidades parecia impossível, hoje há uma alternativa viável para reduzir as distorções: o uso da tecnologia de conectividade. A expansão da 5G, a quinta geração de redes móveis, que alcança velocidade até 100 vezes maior que a da 4G, tem aberto novas portas no modelo de medicina a distância. "A principal contribuição da tecnologia 5G é o acesso à saúde nas regiões com menor disponibilidade de profissionais, porque permite maior qualidade no acompanhamento de pacientes por equipes de saúde remotas", diz Conrado Tramontini, gerente de Inovação do Hospital Sírio-Libanês de São Paulo.

Em 2024, o Parque Indígena do Xingu, em Mato Grosso, foi palco de um experimento que introduziu o exame de ultrassom assistido remotamente. Embora o projeto esteja em fase de testes, espera-se que a tecnologia encurte o tempo de espera por avaliação médica no Xingu. "Esse modelo ajudará muitos indígenas que estão na fila de atendimento, desde gestantes até pessoas com pedra na vesícula", diz Walamatiu Yawalapiti, agente de saúde que realizou o procedimento. O teste funcionou assim: no centro de saúde local, o profissional indígena fez o exame seguindo orientações em tem-

REVOLUÇÃO

As novas fronteiras que o 5G está abrindo na saúde

CIRURGIAS REMOTAS
ROBÔS CIRURGIÕES CONTROLADOS A DISTÂNCIA PELA EQUIPE MÉDICA

MONITORAMENTO
DISPOSITIVOS IOT ACOMPANHAM REMOTAMENTE OS SINAIS VITAIS DO PACIENTE

AMBULÂNCIAS CONECTADAS
TRANSMISSÃO DE DADOS PARA O HOSPITAL ANTES DA CHEGADA DO PACIENTE

REALIDADE AUMENTADA
TREINAMENTO MÉDICO E PLANEJAMENTO CIRÚRGICO EM UM AMBIENTE VIRTUAL MAIS REALISTA

po real de médicos do Hospital das Clínicas (HC), em São Paulo. Da capital paulista, os especialistas conseguiram ver as imagens do ultrassom captadas a 1 500 quilômetros de distância.

A conexão 5G teve papel decisivo no experimento, permitindo que os dados fossem transmitidos instantaneamente. Isso é essencial para procedimentos médicos, já que atrasos podem comprometer a qualidade do diagnóstico. "Transmitir tamanha quantidade de imagens era impossível com a 3G e difícil com a 4G", diz Marco Bego, diretor-executivo do Instituto de Radiologia do HC. Não à toa, a área de saúde é vista como a maior beneficiada pela expansão da tecnologia. Um estudo da consultoria PwC estima que novas aplicações da 5G no setor adicionarão 530 bilhões de dólares ao PIB global até 2030 — o número representa 80% do potencial econômico da tecnologia.

O mundo avança a passos largos nos procedimentos médicos a distância. Em junho passado, uma equipe chinesa realizou a primeira cirurgia transcontinental da história: de Roma, na Itália, um cirurgião operou remotamente um paciente que estava em Pequim, capital da China — ou seja, separado por 8 000 quilômetros de distância. O procedimento foi uma prostatectomia, como é chamada a retirada da próstata, e ocorreu por meio de um console cirúrgico conectado remotamente a um conjunto de braços robóticos no hospital de Pequim.

ACELERANDO Ambulância com 5G: transmissão rápida de informações

Em entrevista à imprensa chinesa, o médico responsável pela cirurgia destacou que o maior desafio foi assegurar uma conexão suficientemente estável para minimizar o tempo de resposta da máquina, o que é particularmente complicado em longas distâncias. No Brasil, as cirurgias robóticas a distância ainda não se tornaram realidade, mas os testes com procedimentos não invasivos ganham impulso. As tecnologias e especialistas para realizar isso estão concentrados nas grandes cidades do Sul e Sudeste. As primeiras iniciativas mostram que essa capacitação poderá chegar a lugares distantes desses locais.

SHUTTERSTOCK

Os centros de saúde também avançam em projetos de adoção da 5G para uso interno. Desde 2023, em parceria com a consultoria Deloitte e a operadora TIM, o Hospital Sírio-Libanês testa ambulâncias equipadas com redes 5G, projetadas para compartilhar as informações vitais do paciente com o corpo médico antes da chegada ao hospital. Nos testes, a tecnologia reduziu em 27 minutos o tempo de atendimento em casos cardiológicos, o que pode diminuir os danos colaterais em vítimas de infarto e AVC. Também desde 2023, o Hospital Israelita Albert Einstein mantém dois laboratórios de estudo da 5G para avaliar a estabilidade e a segurança da tecnologia, um projeto feito em parceria com as operadoras Claro e Vivo.

Uma das iniciativas é usar a inteligência artificial para exames de ressonância magnética capazes de prever o risco de AVC. "Até aqui, os experimentos foram bem-sucedidos, sendo que os resultados são promissores com o volume de dados que a 5G consegue transmitir", diz Denise Rahal, gerente de Parcerias e Operações em Inovação do Einstein. Não há dúvida: a 5G tem potencial para revolucionar o atendimento de saúde, encurtando distâncias e salvando vidas. ■

DITADURA ESCANCARADA

Reagindo com truculência e arrogância às denúncias contra sua fraude eleitoral, Maduro usa instituições públicas e aparato de segurança para apertar até o fim o nó do autoritarismo

AMANDA PÉCHY

QUEM MANDA Maduro: ao apelar para o prende e arrebenta, o autocrata abriu mão dos disfarces

JESUS VARGAS/GETTY IMAGES

Em meio ao mar de incertezas que agita a Venezuela desde as eleições presidenciais de 28 de julho, uma convicção se desenha, infeliz: Nicolás Maduro permanecerá no poder, frustrando a esperança de mudança que floresceu nas ruas de Caracas. É uma vitória sem provas, amparada por uma realidade fabricada. Nela, o Conselho Nacional Eleitoral (CNE), órgão que trocou a neutralidade por uma maioria chavista, confirmou que Maduro foi reeleito com mais da metade dos votos, mas os dados — ó, surpresa! — teriam se perdido em um suposto ciberataque promovido pela oposição e por Elon Musk, o dono do X, mancomunados. A Suprema Corte, igualmente cooptada pelo regime, ratificou o resultado, indo contra o clamor da população, que segue protestando nas ruas, e o rechaço da comunidade internacional. O jornalista Elio Gaspari descreveu em *A Ditadura Escancarada* como, após o AI-5, o despotismo "envergonhado" dos militares brasileiros foi substituído por um regime abertamente violento. Agora, a história se repete à moda venezuelana: com a força a seu dispor, Maduro aperta o nó do autoritarismo.

Segundo a ONU, um "clima de medo" instalou-se na Venezuela desde que o governo lançou a chamada Operación Tun Tun, em que forças de segurança chutam portas país afora. Nas casas de manifestantes, pintadas com um "X", as prisões ocorrem com base em vídeos de atos da oposição, em vez de mandados. Quem discorda do regime corre sério risco de ser silenciado. Novo lema da Guarda Nacional: "duvidar é trai-

JUAN CALERO/AFP

SEM CLEMÊNCIA Manifestante detido em Caracas: vídeos servem de prova

ção". A perseguição já matou quase trinta pessoas e prendeu 2 200. Mais de 100 funcionários da petrolífera estatal (PDVSA) que foram aos protestos acabaram demitidos. Figuras emblemáticas da oposição estão desaparecidas, e Maduro encoraja o povo a usar sem dó o aplicativo VenApp, criado como linha com o governo para solicitar serviços e hoje desvirtuado para denunciar dissidentes. Em intensa atividade, o ditador aproveitou para mudar o gabinete, reforçando o poder de aliados fiéis — como Diosdado Cabello, conhecido pelas mãos de ferro, agora no ministério do Interior, que cuida da repressão.

Um representante da oposição no Conselho Eleitoral disse que nunca teve acesso às atas de votação, imprescindíveis para comprovar a lisura do resultado, e fiscais de urna vieram a público declarar que, nas suas seções, Maduro "levou uma surra". Nada disso faz diferença na realidade paralela do governo. "Como uma sanfona, a violência aumenta ou diminui de acordo com a pressão sobre Maduro", descreve Paulo Velasco, professor de relações internacionais da Uerj. No controle das instituições e do aparato de segurança, o governo aprendeu a calibrar suas reações. "Como as circunstâncias políticas nunca foram tão desfavoráveis, a ditadura mostra as garras", explica Velasco.

Ao lado da impopularidade que acumula há tempos, Maduro enfrenta agora uma oposição que, historicamente fragmentada, solidificou-se em torno da ex-deputada María Corina Machado, líder do movimento pró-democracia impedida de concorrer, e de Edmundo González, o candidato que se afirma eleito e que ela apoia. Além disso, o regime nunca esteve tão isolado — nem aliados fiéis, como Gustavo Petro, da Colômbia, e o brasileiro Lula, reconheceram sua reeleição.

O governo, como já aconteceu outras vezes, aposta no tempo — e na resistência de "seus" militares e "suas" instituições — para sair dessa. "A oposição, por brigas internas ou cansaço, não conseguirá se manter tão mobilizada no longo prazo", avalia Leandro Lima, cientista político da USP. Distanciando-se do ideal bolivariano de integração re-

gional, Maduro se aninha hoje no colo de autocratas como Vladimir Putin, da Rússia, Xi Jinping, da China, e Recep Erdogan, da Turquia, e conta com eles para comprar seu petróleo e manter viva a economia, ainda que por aparelhos.

Analistas acreditam que a única maneira de desatar o nó seria uma transição negociada que blindasse Maduro e seus asseclas de investigações internas e da ação do Tribunal Internacional de Haia. A possibilidade de anistia foi levantada, inclusive, por María Corina, mas sentar-se à mesa de negociação são outros quinhentos. "Enquanto tiver a lealdade das Forças Armadas, ele não tem por que fazer concessões", diz Carolina Pedroso, da Unifesp, referindo-se aos 2000 generais que sustentam o chavismo, colhendo as benesses de cargos públicos e lucros com o petróleo. Enquanto isso, a máquina de repressão vai moendo sonhos na Venezuela. ■

RAUL ARBOLEDA/AFP

AMEAÇA González, que se declarou vencedor: protestos nas ruas

O Z DA QUESTÃO

Em um pleito onde todo voto conta e o dos jovens é crucial, cada candidato possui um eleitor desses na família: Harris tem a moderninha Ella, e Trump, o caladão Barron **ERNESTO NEVES**

WIN MCNAMEE/GETTY IMAGES/AFP

A ATIVISTA Ella Emhoff, 25 anos: conexão com a moda e causas humanitárias

MUITO JÁ SE FALOU sobre a relevância do eleitorado jovem na eleição de 5 de novembro nos Estados Unidos. Parte dele resolveu em quem vai votar. Mas a parcela ainda indecisa terá papel fundamental na vitória do republicano Donald Trump ou da democrata Kamala Harris, até — ou principalmente — pelo nível de engajamento. Sabe-se que essa turma só sairá de casa se estiver efetivamente comprometida com seu candidato. Chama atenção, portanto, que nessa votação os dois adversários tenham em casa, para chamar de seu, um representante da geração Z, aquela que está mais ou menos entre os 15 e 30 anos. E eles não poderiam ser mais diferentes. No clã Harris, as rédeas do TikTok estão com Ella Emhoff, 25, filha do segundo-cavalheiro Douglas, uma moça agitada, fashion, de opiniões firmes que gosta de compartilhar nas redes. Na família Trump, foge dos holofotes e da internet o caçula Barron, 18, único filho do ex-presidente com Melania, rapaz quieto, de poucos sorrisos e quase nenhuma palavra.

Modelo e designer de peças de tricô e crochê que vende no Instagram, Ella nasceu na Califórnia e se transferiu para o outro lado do país: formou-se na prestigiada Parsons School of Design, de Nova York, e mora no Brooklyn. Tatuada, cabelo encaracolado (que às vezes alisa), óculos e sorriso fácil, cresceu e apareceu na posse de Joe Biden, em 2021, com um charmoso casaco Miu Miu. Defensora da causa LGBTQIA+, nos últimos meses usou suas redes para pedir doações a serviços humanitários palestinos, inclusive à agência da ONU para refugiados em Gaza (que Israel acusa de conexão com o terro-

O DISCRETO Barron, 18 anos: distância da campanha do pai

rismo). Harris entrou na sua vida quando tinha 15 anos e elas juram que se dão muitíssimo bem.

No dia do discurso da madrasta, apogeu da convenção democrata em agosto, Ella — que não depila as axilas — usou um vestido desestruturado assinado por Joe Ando, personalidade do TikTok, e fez sucesso. Já o elusivo Barron Trump sequer deu o ar da graça na convenção republicana, um mês antes, e ninguém estranhou. Neste ano só compareceu a um comício do pai, na Flórida, e entrou e saiu mudo. Muito alto (mais de 2 metros), parecido com Trump, Barron estudou em escolas particulares, é muito protegido pela mãe e tudo o que se sabe dele é relatado pelo pai — melhor, portanto, dar certo desconto.

Segundo o orgulhoso Trump, Barron é cheio de amigos e excepcional em tudo o que faz. "Falei que poderia ser um excelente jogador de basquete e ele disse que prefere futebol", contou certa vez. Formado no ensino médio, "foi aceito em todas as universidades que escolheu" e deve estudar — não se sabe o quê — em Nova York. De acordo com as pesquisas, a turbulência social do século XXI cindiu os interesses de homens e mulheres da geração Z — elas se preocupam com as mudanças climáticas e o direito ao aborto, eles condenam a imigração que suga impostos e rouba empregos. Com Ella de cá e Barron de lá, os likes da geração Z são cobiçados por todos. ■

VILMA GRYZINSKI

LEMBRAM-SE DO PATRIOTISMO?

Ucrânia mostra a força de um sentimento desprezado

O PROBLEMA do Brasil, acham alguns, foi não ter tido que lutar pela independência, o que não formou uma base forte de narrativa nacional, o fundamento de países bem-sucedidos. É possível fazer a argumentação oposta: com a solução comparativamente pacífica de conflitos, o nosso país forjou um caminho próprio, especial para suas dimensões continentais, sua falta de inimigos e sua ausência de doutrinas dominantes, o que nos livra dos extremos. Até a ditadura, comparada aos regimes similares ultraviolentos de vizinhos como a Argentina e o Uruguai, foi muito menos brutal. Por mais que o regime militar tenha tentado, o nacionalismo continuou a ser uma força fraca, espécie de partícula subatômica da história comum dos brasileiros. O 7 de Setembro nunca foi um feriado nacional com as proporções do 4 de Julho americano. Com o domínio do pensamento esquerdista em praticamente todas as esferas da vida intelectual, aqui acontece o contrário: considera-se que a declaração da independência foi uma farsa, o Brasil é um fracas-

so intrínseco, tem uma história com personagens ridículos e quem sequer cogitar comemorar a data nacional é um brucutu atrasado e direitista. Talvez até bolsonarista.

Todos sabemos os horrores que a deturpação do nacionalismo, irmão gêmeo do patriotismo, já provocou no mundo, mas um sentimento de compromisso com o próprio país pode ser uma força transformadora. Uma cena quase despercebida da semana passada retratou isso: 115 ucranianos foram libertados numa troca de prisioneiros de guerra com a Rússia. Muito magros, com cabelos raspados, alguns com dentes faltando, ele se enfileiraram, embrulharam-se em bandeiras azul-amarelas e cantaram o mais alto que conseguiram o hino nacional da Ucrânia. O país ao qual voltaram é diferente daquele em que foram feitos prisioneiros. Num lance de uma ousadia quase inconcebível, as forças armadas ucranianas invadiram um naco de território russo na região de Kursk, mudando as cartas na mesa da guerra (talvez da paz também) e apli-

“O 7 de Setembro nunca foi um feriado nacional com as proporções do 4 de Julho americano”

cando uma dose de ânimo em todo o país. Considere-se que a Rússia é 28 vezes maior do que a Ucrânia e tem o triplo da população e do PIB per capita, sem falar no maior arsenal nuclear do mundo. Alguns comentaristas chegaram a dizer que é a primeira vez que um exército inferior invade uma superpotência desde a queda de Roma. Que tal isso em matéria de mudar de narrativa?

Transformar a forma como se vê o desenrolar da história é um dos objetivos da campanha de Kamala Harris nos EUA, de maneira a criar a impressão de que "o patriotismo foi recuperado". Até o Partido Democrata, com suas derivações para o esquerdismo infantil, percebeu que deixar os gritos de "USA! USA!" para a turma de Trump estava pegando mal entre os eleitores que quer atrair. Há um grande componente de encenação, pois patriotismo não pode ser simulado em convenções ou infundido à força. Mas não deveria ser desprezado. "O que o inimigo trouxe para nossa terra nós estamos devolvendo para a casa dele", disse Volodymyr Zelensky ao comemorar o dia da independência da Ucrânia. Imaginem a força que é preciso ter para dizer isso a Putin. E imaginem que a Ucrânia tem somente 33 anos de vida independente. ■

VALMIR MORATELLI

A RODA-VIVA DA FAMA

É comum entre celebridades que se dizem exauridas pela fama chocar o público ao anunciar a saída precoce de cena. E vem sendo assim com **ANITTA,** 31 anos, que a cada novo projeto sugere ser o último. Mas eis que aparece na agenda algo inadiável e, infelizmente, a aposentadoria precisa ser postergada em nome da arte. Em recente festa para lançar sua coleção de sandálias, ela voltou ao tema: "Parei apenas uma semana este ano. Às vezes dá vontade de só comer e dormir", disse. E por que não? "O telefone não para de tocar", explica a cantora, que recebeu três indicações ao VMA, o prestigiado prêmio americano da música, e foi convidada para se apresentar no intervalo de uma partida em São Paulo da NFL, a liga do futebol nos Estados Unidos, na sexta-feira 6. "Era irrecusável", resigna-se ela, cuja cultura sobre o que se desenrola dentro das linhas do campo é zero.

INSTAGRAM @ANITTA

DA ÁGUA PARA O VINHO

O paulista **MARCELO CHIERIGHINI,** 33 anos, mergulhou na piscina em Paris confiante de que poderia chegar ao fim da prova dos 100 metros livres com uma medalha olímpica, a primeira de sua carreira. Mas, logo na largada, deu tudo errado. Por um daqueles lapsos inexplicáveis, ele abriu a palma de uma das mãos ao entrar na água, o que freou sua velocidade numa corrida em que cada instante conta. "Foram 2 segundos que custaram meus quatro anos de preparo. Fui até o final pensando: como fiz uma coisa dessas?", desabafa ele, sob o impacto do erro. Marcelo se diz exausto de tanta dedicação ao esporte e vem refletindo sobre como dar uma guinada na vida, bem longe do meio aquático. "Quero parar de vez e ajudar meu pai numa importadora no interior de São Paulo", conta, ainda abalado.

INSTAGRAM @MCHIERIGHINI

MARK CUTHBERT/UK PRESS/GETTY IMAGES

PRONTA PARA A GUERRA

Sobrinha do rei Charles III, a jovem **LOUISE WINDSOR,** 20 anos, quer pôr os pés femininos num terreno dominado por homens, no qual, na realeza, apenas sua falecida avó, a rainha Elizabeth II, pisou. O plano da inquieta filha do príncipe Edward, que a monarca não escondia ser sua neta favorita, é servir ao Exército britânico. Integrante do Corpo de Treinamento de Oficiais da Universidade de St. Andrews, ela vive escapulindo dos retratos oficiais e faz bicos como garçonete e atendente de floricultura. "Louise fala sobre o interesse na carreira militar, servindo ao rei e ao país", entregou um amigo ao jornal *The Sun.* Se seguir mesmo essa trilha, a menina, que recusou o título de princesa ao completar 18, pode superar Elizabeth, cujo maior feito cravado ao vestir o traje camuflado foi dirigir uma ambulância.

PARA O QUE DER E VIER

Foi um susto daqueles. Há três meses, **TONY RAMOS,** 76 anos, precisou se submeter a duas intervenções em razão de um hematoma na cabeça. Mas já voltou à ativa, e com tudo, na peça *O que Só Sabemos Juntos,* sobre um casal de meia-idade à beira do colapso da vida a dois, contracenando com Denise Fraga. "Entre a primeira e a segunda intervenção, tive uma convulsão. Depois, fui para casa e fiquei cinquenta dias quieto. O velho aqui estava doido para estar em cima de um palco de novo", disse a VEJA. Em outubro, ele deve se sentar à mesa com a direção da TV Globo para definir o futuro de seu contrato, o que não o angustia, mesmo diante da crescente leva de veteranos dispensados. "Nunca acreditei em tapinha nas costas e não tenho medo de perder contrato. Gente, são sessenta anos lá, e não seis", comenta o ator, que prefere deixar a roda do destino se encarregar do desfecho. "Se porventura acabar, vou andar por aí."

DIVULGAÇÃO

POLÍTICA À PARTE

INSTAGRAM @JAVIERMILEI

Seja pelas polêmicas em que está sempre metido na condução da Casa Rosada, seja pela vida privada, que não perde a oportunidade de tornar pública, **JAVIER MILEI,** 53 anos, não dá trégua aos holofotes. A última do argentino, que nunca se casou e não tem filhos, foi assumir um novo romance nas redes, seu meio preferencial. Depois de quatro meses de solteirice, após o término com a comediante Fátima Flórez, sua escolhida é a ex-vedete **AMALIA YUYITO GONZÁLEZ,** 64, que apresenta um programa de variedades na TV. Um detalhe da biografia da amada da vez logo movimentou a cena política – ela já se relacionou com Carlos Menem, morto em 2021, ex-presidente egresso do mesmo peronismo que atiça a metralhadora verbal de Milei. Mas passado é passado, e ele seguiu em frente. “Minha namorada”, postou embaixo de uma foto juntos. E Amalia compartilhou: “Saída de sexta com meu namorado”. Tudo romanticamente embalado ao ritmo de *Love Is in the Air*. ■

O PAÍS EM CHAMAS

Múltiplos incêndios se alastram pelo Brasil, da Amazônia ao interior de São Paulo, lançando um sinal de fumaça sobre o avanço da crise climática e de ações humanas criminosas

VALÉRIA FRANÇA

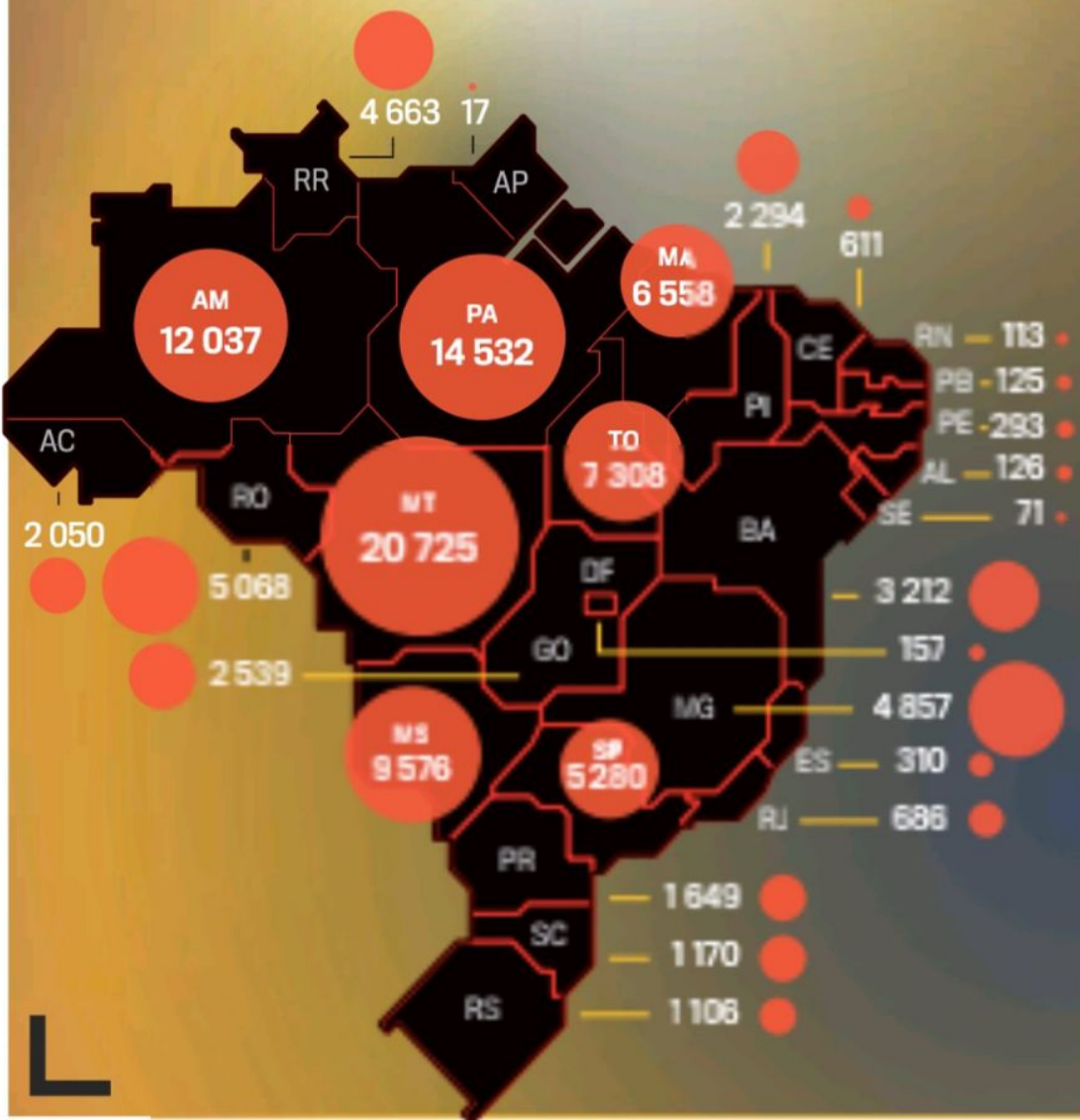
FOGO ATÍPICO Ribeirão Preto (SP): focos surgiram em cinquenta municípios em apenas uma hora

X @PEDROKOJII

O que era o "pulmão do mundo" se tornou uma imensa chaminé a despejar sujeira na atmosfera. Na Amazônia, incêndios ganharam uma dimensão nunca antes vista, espalhando-se pela floresta mês a mês e manchando a principal vitrine ambiental do governo. Desde o início do ano, a região perdeu para o fogo mais de 4 milhões de hectares, uma área equivalente a 35 cidades do Rio de Janeiro. Metade dessa extensão queimou em agosto, mês de calamidades não só no Norte. No Centro-Oeste, as queimadas voltaram a se intensificar, consumindo porções antes intactas do Pantanal. E até o interior de São Paulo ficou em chamas, paralisando estradas, indústrias e escolas. As matas e as cidades sofrem em um cenário em que atividades supostamente criminosas se misturam aos efeitos do aquecimento global.

Em Mato Grosso do Sul, um refúgio ecológico de 53 000 hectares, com uma das maiores concentrações de vida selvagem do continente, colapsou. Durante o combate ao fogo nas redondezas de Caiman, os brigadistas se emocionaram ao encontrar carbonizados dois filhotes de onça-pintada, símbolo da biodiversidade brasileira. A morte de um animal que ocupa o topo da cadeia alimentar — e que, portanto, teria agilidade e força para escapar de grandes ameaças — é um sintoma da gravidade da situação. Eles não são as únicas vítimas, claro. A fumaça proveniente do Pantanal e da Amazônia se espalhou pelo Brasil, por meio de um corredor de vento que se estendeu

O MAPA DOS INCÊNDIOS
Focos de incêndios se espalham pelo país e já ultrapassam em 75% as queimadas do ano passado
(número de focos de incêndio por estado)
4 663
17
RR
AP
2 294
611
MA
6 558
AM
12 037
PA
14 532
CE
RN 113
PB 125
PE 293
AL 126
SE 71
PI
TO
7 308
AC
2 050
RO
5 068
MT
20 725
BA
DF
3 212
157
GO
2 539
MG
4 857
ES 310
RJ 686
MS
9 576
SP
5 280
PR
1 649
SC
1 170
RS
1 106

JOÉDSON ALVES/AGÊNCIA BRASIL

CÉU ENCOBERTO Brasília: fumaça das queimadas paulistas fechou o tempo

de Manaus até Porto Alegre, derrubando de vez a qualidade do ar.

O estado mais rico do país também virou epicentro da crise. No último fim de semana, regiões agrícolas de São Paulo foram alvo de incêndios que perderam o controle. Em um único dia, focos de queimada surgiram em cinquenta municípios no intervalo de pouco mais de uma hora — foram 1 886 pontos atacados pelo fogo. A explosão de ocorrências no estado transformou agosto no mês com o maior

número de incêndios da história, segundo as medições do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. No acumulado do ano, notificaram-se 5 280 episódios de queimada.

O caos levou o governo estadual a criar um gabinete de crise, que mobilizou 7 500 brigadistas, helicópteros, aeronaves, drones e outros veículos. Rodovias tiveram de ser fechadas para preservar a segurança da população. Ainda assim, houve duas mortes e 66 pessoas ficaram feridas. Em Ribeirão Preto, região mais afetada, as aulas chegaram a ser suspensas. Ao todo, 30 000 propriedades privadas foram atingidas, sendo 80% delas de produtores do agronegócio. O governador Tarcísio de Freitas decretou situação de emergência em 45 cidades por 180 dias. A cerca de 700 quilômetros de distância, até a capital, Brasília, começou a semana com o céu encoberto pela fumaça de origem paulista.

A situação de São Paulo, no entanto, se descola do cenário clássico de incêndios, aquele em que as influências climáticas têm maior peso no desastre. A ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, chegou a compará-la ao “Dia do Fogo”, no Pará, em 2019, quando, em uma ação orquestrada, motoqueiros incendiaram áreas verdes para desmontar a fiscalização e o monitoramento na Amazônia. A ministra pediu investigação da Polícia Federal, que já abriu 31 inquéritos para apurar incêndios criminosos. Já há pelo menos meia dúzia de suspeitos presos que, se condenados, podem pegar de dois a quatro anos de detenção.

BUDA MENDES/GETTY IMAGES

SECA EXTREMA Pantanal: região ficou com cara de sertão… e também queimou

Até mesmo os ambientalistas e pesquisadores acreditam em uma articulação criminosa. "No estado, as condições do tempo não estavam propícias para um evento tão devastador", diz Humberto Barbosa, coordenador do Laboratório de Análises e Processamento de Imagens de Satélites. Isso porque dois ciclones extratropicais passaram pela região em agosto. O primeiro, no início do mês, derrubou a temperatura e chegou a provocar chuvas. O segundo se manifestou no dia em que começaram as quei-

madas e baixou ainda mais a média do termômetro. Mesmo assim, as imagens colhidas por satélites atestam um maior número de focos de incêndio após a passagem do ciclone. Indício de que o elemento humano entrou em cena de maneira pronunciada.

De fato, o período de chuva ficou mais curto, e o de seca, mais longo, na maior parte do país em 2024 — a exceção foi, tragicamente, a Região Sul. Houve recordes de baixa umidade do ar, de acordo com registros do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais. “Quando isso acontece, a vegetação fica mais inflamável”, afirma o cientista ambiental Carlos Nobre, da Universidade de São Paulo (USP). De janeiro a agosto, os focos de queimada passaram a casa dos 100 000 pelo território nacional, superando em 43% os mapeados no mesmo período do ano passado. A Amazônia concentrou praticamente a metade dos incêndios, mesmo com a diminuição do desmatamento diagnosticada em setenta municípios.

A situação alarmante é também consequência das condições climáticas atípicas de 2023. Entre elas, o El Niño, fenômeno que aquece as águas do Oceano Pacífico a cada sete anos e muda o fluxo de correntes marítimas, potencializando temporais e secas mundo afora. Em poucas palavras, ele deixou o clima ainda mais extremo. O último relatório da Unesco a respeito ressalta que os mares bateram o recorde histórico de temperatura. Se a média global ainda não superou os limites definidos pelo Acordo de Paris, algumas

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

OPERAÇÃO Suporte aéreo: aviões e helicópteros apoiam brigadistas no combate ao fogo em regiões de difícil acesso

águas, como as do Mar Mediterrâneo e do Atlântico Tropical, já ultrapassaram as linhas de segurança. Isso influencia o ecossistema como um todo, e fato é que, no fim do ano passado, a média de temperatura do planeta chegou a escalar mais de 2 graus acima dos níveis pré-industriais — o ponto máximo estipulado pelo acordo internacional para evitar a debacle planetária. "Vivemos um período de latência de eventos preocupantes", diz Ane Alencar, diretora de

ciência do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia. Na prática, isso significa novas quebras de recorde de temperatura, mais ondas de calor, incêndios incontroláveis etc. Pelas contas do climatologista Maximiliano Herrera, quinze máximas meteorológicas foram superadas no planeta apenas nos sete primeiros meses de 2024. O continente mais afetado pelas altas temperaturas foi a África *(veja ao lado)*, também palco de queimadas.

Ocorre que, diferentemente da maior parte do mundo, os incêndios no Brasil são causados, na maior parte, pela ação humana. Não exatamente como parece ter ocorrido no interior de São Paulo, mas pelo manejo do fogo, muito usado na limpeza de campos e pastagens. "É uma prática cultural", diz Suely Araújo, coordenadora de políticas públicas do Observatório do Clima. Só que feita de forma desordenada e perigosa. Embora seja necessário ter autorização para produzir queimadas com esse intuito, o Brasil padece do desrespeito à lei e da falta de fiscalização. O Ibama, que se ocupa somente de terras federais, sequer tem contingente suficiente para dar conta dessa missão.

Esboça-se uma reação após o noticiário ter esquentado. O ministro Flávio Dino, do Supremo Tribunal Federal, determinou que o governo reforce ao máximo as equipes de combate ao fogo na Amazônia e no Pantanal no prazo de quinze dias. Em paralelo, o *Diário Oficial da União* publicou uma portaria que autoriza o Centro Especializado Prevfogo a contratar brigadas para prevenção e ataque

ONDE O CALOR PEGOU

As cinco maiores temperaturas atingidas pelos países que tiveram picos históricos

52 graus
MÉXICO
(AMÉRICA DO NORTE)
20/06

50,9 graus
EGITO
(NORTE DA ÁFRICA)
07/06

aos incêndios. A tarefa é urgente, porque, em um círculo vicioso, a degradação ambiental imposta pelas queimadas favorece o aumento da temperatura — não à toa, as áreas com a maior elevação térmica coincidem com aquelas em que há mais intervenção na terra. "Inúmeras ondas de calor não são naturais, mas provocadas pela ação humana por meio da fumaça das queimadas", diz Barbosa. E a su-

bida do termômetro, por sua vez, alimenta a disseminação das chamas , que aquecem ainda mais o ambiente. Para desatar esse nó em ebulição e evitar um ponto de não retorno climático, será preciso rever toda uma cadeia de práticas ainda hoje dominantes — da cultura incendiária ao uso de combustíveis fósseis. Do contrário, respiraremos ares infernais. ■

O DIREITO DE DIZER NÃO

Em meio a uma série de avanços no terreno da contracepção, o Brasil flexibiliza o acesso à laqueadura, o mais radical dos métodos, que dispara entre as jovens **DUDA MONTEIRO DE BARROS**

MONTAGEM COM FOTOS ISTOCK/GETTY IMAGES

POR MUITO TEMPO, o ciclo da vida de uma mulher não era visto como pleno se não conduzisse à maternidade. Esta ideia vem sendo aos poucos dissolvida, para alívio, sobretudo, das integrantes das novas gerações. Seja porque a carreira absorve demais as energias, seja por não querer arcar com a complexidade e o alto custo envolvidos, seja por descrença em um futuro melhor diante da polarização e da ameaça climática, o fato é que cada vez mais elas optam por não ter herdeiros — algumas ficam arrepiadas só de pensar. Ventos que começaram a soprar nos anos de 1960, quando bandeiras feministas tremulavam com vigor, acabaram por lhes abrir horizontes que representam um avanço inequívoco no campo das escolhas individuais. É justamente neste caldo de mais liberdade que foi divulgada pelo Ministério da Saúde uma daquelas estatísticas que ajudam a delinear uma virada de página: o contingente de brasileiras que decide logo na largada da etapa adulta não ter bebês vem se expandindo em ritmo acelerado.

Os números que agitaram os meios especializados, contidos em um relatório, mostram que, no último ano, a procura por laqueaduras — o mais radical dos métodos anticoncepcionais, por esterilizar a pessoa de forma permanente ao amarrar, cortar ou obstruir as trompas, com baixa chance de reversão — subiu 80%, alcançando quase 100 000 procedimentos em clínicas privadas e na rede pública Brasil afora. Uma flexibilização nas regras foi o

empurrão decisivo. Para se submeter a uma laqueadura, era preciso cumprir uma lista de pré-requisitos, entre os quais ter mais de 25 anos, pelo menos dois filhos e aprovação do cônjuge. Até que, em março de 2023, entrou em vigor uma lei que fez a idade mínima cair para 21 anos e retirou a cláusula da chancela do parceiro. Natural que a busca tenha aumentado, puxada pelos jovens, o que dá a dimensão de quão sólido é o desejo de não ter filhos para uma fatia das mulheres. “A maternidade está deixando de ser idealizada por uma ala que cultiva outros sonhos”, avalia Flaviana Amorim, que passou anos dedicada ao amparo psicológico antes da intervenção. “Apesar de a maioria saber o que quer, é bom fazê-las refletir sobre uma decisão tão definitiva”, pondera.

A demografia fornece uma fartura de dados que reforçam como o furor reprodutivo de décadas passadas está cedendo lugar a um planeta no qual uma porção crescente de países já quebra a cabeça para manter as engrenagens da economia se movendo com menos braços. Tendência em boa parte do mundo, o freio à natalidade é nítido no Brasil, onde levantamento do IBGE aponta que, em 2022, a natalidade caiu pela quarta vez seguida e a população começará a encolher em menos de vinte anos. O que muito pesou para isso foi o acesso maciço a métodos anticoncepcionais, que garantiram o direito de escolha sobre a maternidade. Agora, a flexibilização das normas para as laqueaduras se soma ao rol. “É um progresso. Havia muitas clínicas clandestinas de

INSTAGRAM @PENDURADISSIMA_

CABEÇA FEITA

Desde a adolescência, a acrobata **Bárbara Pinto,** 25 anos, sabia que não queria ter filhos. “Adoro criança, mas nunca desejei para mim essa responsabilidade”, explica ela, que recorreu à laqueadura no começo do ano e não se arrepende. Se o vento mudar, já tem a solução. “Posso adotar”, diz.

laqueadura no país", lembra a psicanalista Margareth Anilha, do Núcleo de Estudos de População da Unicamp. Assim que a nova lei passou a valer, a carioca Bárbara Pinto, 25, entrou na fila para o procedimento, que envolve anestesia local e internação de um dia. "Adoro crianças, mas não quero essa responsabilidade para mim", explica ela, que, como outras de sua faixa etária, cogita a via da adoção caso bata a vontade de ser mãe mais tarde.

O relatório do Ministério da Saúde também aponta para uma reviravolta histórica em matéria de contracepção: o envolvimento cada vez maior dos homens no processo. Chama atenção ali o crescimento das vasectomias, que também foram contempladas pela nova lei, aumentando 40% em um ano. "A responsabilidade de se proteger de uma gravidez sempre caiu no colo da mulher. Era ela que tomava pílula, seguia tabelinha, enquanto ele resistia até ao uso da camisinha. Pela primeira vez, os homens estão tendo consciência do seu papel no planejamento familiar", observa a psicóloga Flaviana Amorim. Aos 23 anos, o paulista Joas Vieira decidiu redobrar os cuidados e, mesmo com a namorada tomando anticoncepcional, optou pela vasectomia. "Não é simples colocar um filho no mundo do jeito que está. Tenho muitos planos e uma criança os atrasaria", diz.

Apesar do relevante passo dado no terreno legal, pacientes ainda relatam situações de constrangimento ao ir ao posto de saúde atrás de um procedimento de esterilização. Precisam esperar no mínimo dois meses, o chamado "tempo de

arrependimento". Nesse intervalo, em teoria, ficam sob acompanhamento multidisciplinar, com o objetivo de receber orientação. Na prática, muitas enfrentam alta pressão para voltar atrás e até ouvem recusas que contrariam a legislação. Muita gente que toma a decisão de recorrer à trilha mais radical acaba silenciando sobre o tema, para evitar julgamentos, como a paulista M.R., 24 anos, que encarou obstáculos até a laqueadura. "A médica disse que não faria a cirurgia por me achar muito nova. Tive que levar o caso a instâncias superiores para conseguir o encaminhamento", conta, relatando que enfermeiros, psicólogos e assistentes sociais tentaram desestimulá-la.

Apresentar a uma turma tão jovem o que está embutido nessa escolha de caráter definitivo é esperado e desejável. "São cirurgias difíceis de reverter, por isso, deve ser uma decisão tomada com toda a reflexão e cautela", afirma a médica Mariane de Novais, especialista em reprodução humana da USP. No caso das vasectomias, a metade dos arrependidos tem sucesso na reversão, mas, com as laqueaduras, as chances são mais minguadas — apenas 30% conseguem voltar atrás, e só quando as trompas não foram cortadas. "Não é papel do médico escolher pelo paciente, mas aconselhar e dar opções", ressalta a ginecologista Mariane de Novais. No fim das contas, cada um é responsável pelas decisões sobre o próprio corpo, e a preservação dessa ideia fundamental representa um avanço a ser celebrado. ■

FOI ANGUSTIANTE VÊ-LA SUMIR

Marcelo Rubens Paiva, 65 anos, fala da dor de saber que a mãe, sempre tão combativa, sofria de Alzheimer

COMO ESCRITOR, tenho o hábito de revisitar o passado. Por toda a história de meu pai, Rubens, sequestrado e assassinado na ditadura militar, vejo a memória como um bem precioso. Minha mãe, Eunice (1932-2018), era sua zelosa guardiã. Imagine o baque que foi saber, duas décadas atrás, que ela sofria de Alzheimer, aos 72 anos. Além da dor diante de uma doença perversa, temi que suas descobertas sobre a tirania do AI-5, obtidas a duras penas, pouco a pouco se apagassem. Foi para garantir que isso nunca acontecesse que escrevi um livro sobre sua vida, *Ainda Estou Aqui*. Até hoje, acho que ela teria feito melhor — sempre foi excelente narradora —, mas senti a responsabilidade de pôr tudo no papel após os primeiros indícios de esquecimento. Como sempre quis dar luz à sua trajetória, fiquei contente quando o diretor Walter

Salles me procurou para transformar a obra em um filme, que estreia no Festival de Veneza, em setembro. Somos amigos de infância, e ele conheceu bem minha mãe, inclusive depois do Alzheimer. O pai de Walter, ministro da Fazenda de João Goulart, também foi perseguido e partiu para o exílio.

O período entre o diagnóstico e a morte de alguém com Alzheimer é chamado de "o longo adeus". Os sintomas começam, e a gente nem desconfia do desfecho. "É normal, coisa da idade", pensava. Mas aí, com o tempo, vêm os degraus da doença, um atrás do outro. Os sentidos se deterioram, assim como a capacidade de locomoção, de reconhecer as pessoas, de se comunicar. O primeiro alerta foi quando minha mãe, administradora das finanças dos filhos, passou a ter dificuldades para fazer contas simples. Em seguida, ler o jornal virou um desafio. Houve uma vez em que ela cismou que a televisão estava quebrada e saiu para comprar uma nova. Logo esqueceu o que havia feito, voltou à loja e levou mais uma. No fim, ficou com três aparelhos. Justo ela, que abominava TV e limitava as horas em que eu e minhas quatro irmãs ficávamos na frente da tela. Seu negócio eram os livros.

Ver minha mãe sumindo foi angustiante. Ela era o núcleo familiar, havia cuidado a vida inteira dos filhos. De repente, os papéis se inverteram. Quando a doença se agravou, organizamos sua rotina, um verdadeiro furacão de tarefas — entre finanças, supermercado, cuidadores, remédios. Marcamos uma intervenção judicial e me tornei, oficialmente, responsável por ela. Os tempos que se seguiram foram agridoces. Por

um lado, a família inteira, incluindo aí tias, irmãs e sobrinhos, retomou o hábito de se reunir para viver com Dona Eunice seus últimos bons momentos, que foram vários. Teve uma época em que eu, minha esposa e nossos dois filhos, ainda bebês, nos mudamos para a casa dela. Costumávamos passar as manhãs ouvindo jazz e jogando conversa fora. Por outro lado, assistir à figura mais forte que já conheci ficar tão vulnerável era desnorteante, de uma tristeza profunda.

As pessoas que se vão normalmente são enaltecidas, mas Eunice, minha mãe, foi mesmo uma guerreira. Seu nome virou sinônimo de resistência. Ela era apaixonada por meu pai e, sofrendo com a viuvez aos 40 anos e tendo sido presa, manteve os pés no chão. Em sua luta, nunca perdeu a doçura nem deixou que nada atrapalhasse a relação com os filhos. Ao contrário: isso nos aproximou. Quando sofri o acidente que me deixou paraplégico, aos 20 anos, foi ela quem me salvou, alimentando minha vontade de continuar a viver. Carrego sua sabedoria e postura como exemplos. No dia em que Fernando Henrique Cardoso assinou a lei de reconhecimento dos desaparecidos da ditadura, ela abraçou um general. Era seu jeito — procurava o acordo, o meio-termo. Aliás, isso anda em falta, com tanta polarização. Mais do que nunca, se faz necessário mergulhar na memória de Eunice. Ela morreu há seis anos, e a saudade ainda machuca. Mas, ao cutucar o passado, renovo minhas esperanças no que está por vir. ■

Depoimento a Amanda Péchy

ALGO DE PODRE NO REINO

O filho da futura rainha bate na namorada e depreda sua casa, enquanto outra princesa está para se casar com um xamã americano. Bem-vindos à antes pacata monarquia da Noruega **CAIO SAAD**

BONS TEMPOS Família unida: Marius *(à dir., em pé)*, o enteado do herdeiro do trono, foi bem acolhido no palácio

LISE ASERUD/NTB/AFP

SOB A MOLDURA de geleiras e fiordes, a realeza da Noruega sempre buscou ficar à distância das elevadas temperaturas que embalam os tabloides. E até agora vinha driblando bem um holofote aqui, outro ali, quando algo menos usual dava de ameaçar a santa paz no reino, que em nada lembra o frenesi de Buckingham, na Inglaterra. Mas eis que, não mais que de repente, aconteceu tudo ao mesmo tempo agora na casa real dos Glücksburg, fazendo os termômetros nessas bandas escandinavas alcançar uma fervura inimaginável. Alojado ainda pequeno no palácio do padrasto, que vem a ser Haakon, o herdeiro do trono, o filho que a futura rainha Mette-Marit teve em um casamento anterior foi detido depois de agredir a namorada e, não satisfeito, destruir o apartamento dela. O conto de fadas às avessas ainda colhe desdobramentos, e o rei Harald V precisa lidar em paralelo com um segundo dissabor: sua única filha, a princesa Märtha Louise, está de casamento marcado com um plebeu americano que se autointitula xamã, uma cerimônia com toda a pompa e estranhas circunstâncias marcada para este sábado, 31.

VIROU MANCHETE

O garoto-problema: um escândalo após o outro

O duplo enrosco entalado na garganta real causou zum-zum-zum nos palácios europeus e levou o premiê norueguês Jonas Gahr Støre a relativizar: "Toda família tem problemas, e a realeza não é exceção", disse, sem abrandar a pressão. Passa o tempo, e o nada enaltecedor episódio envolvendo o jovem Marius Borg Høiby, de 27 anos, não para de render frutos. Ele foi parar na delegacia sob suspeita de "agressão física e psicológica" a uma jovem de 20 anos com quem se relacionava. Amargou trinta horas ali e admitiu tudo, afirmando sofrer de transtornos mentais e estar sob o efeito de álcool e cocaína naquele 4 de agosto. Acrescentou que não há desculpa para o que fez e que, sim, merece ser responsabilizado, mas não conseguiu frear uma enxurrada de posts que não enobrecem o faustoso álbum de família: imagens de lustres quebrados, celulares destruídos, estilhaços de vidro e até uma faca cravada na parede estão sendo vastamente comentadas e compartilhadas.

Se o enredo terminasse por aí, já seria o suficiente para retirar os *royals* noruegueses de sua usual calmaria. Mas tem mais: duas ex-namoradas subitamente apareceram contando que, também elas, foram vítimas da fúria do integrante da *kongefamilien*, a família real (mesmo que não tenha nenhum título). "Marius fala como se fosse a primeira vez que uma coisa assim acontece. Pede empatia, porém foi violento comigo. Me deu pontapés e um murro na cara", relatou Nora Haukland, que engatou um relacionamento com o garoto-enxaqueca em 2023, em vídeo publicado nas redes. As denúncias estão sendo investigadas. Aos 4 anos, ele foi acolhido no palá-

ALTAR À VISTA
Märtha Louise e Durek Verrett: a curandeira e o xamã

cio da gélida Asker, colada à capital Oslo, após a mãe, que se prepara para acomodar a coroa na cabeça, se separar de seu pai, preso por tráfico de drogas, e ingressar na casa real em 2001, fazendo questão de manter a veia festeira e os hábitos plebeus. "O escândalo de agora, pela violência envolvida, não tem paralelo com nenhum caso recente na história da realeza da Noruega", avalia o historiador Trond Norén Isaksen, autor de livros sobre a monarquia.

Com a ferida real ainda aberta, o reino se agita com o casório da princesa Märtha Louise, 52 anos, com o xamã Durek Verrett (nascido Derek David Verrett), festança que se estenderá por três dias, incluindo passeio de barco por paisagens invernais sob as lentes de uma revista de celebridades, para arrepio dos residentes do Palácio Slottet. Vestuário sugerido: "sexy e cool". A conta, segundo a imprensa local, será bancada pelos noivos — ele, uma espécie de guru que sai espalhando por aí dispor de poderes para se comunicar com mortos e gente desaparecida e ter previsto os atentados de 11 de Setembro. A biografia do xamã adentra a seara policial, abrangendo acusações de abuso doméstico, invasão de propriedade, incêndio criminoso e até uso de magia ne-

gra. Na pandemia, Durek abasteceu o caixa vendendo um medalhão que seria a cura para a covid-19 e, em paralelo, bolou um artefato que aliviaria vários males caninos. Dizendo-se apaixonada, a própria princesa, que renunciou aos deveres reais em 2022, abraçou a carreira de "clarividente", sustentando que é capaz de falar com anjos. "O casamento contribui para uma crise de reputação e confiança", afirma o especialista Svein Tore Bergestuen.

O clima já não andava lá muito aprazível no montanhoso solo norueguês, com o soberano à frente do trono, o rei Harald V, 87 anos, acumulando problemas de saúde. No início do ano, ele, o mais longevo monarca em toda a Europa, foi internado com uma infecção respiratória e, meses depois, colocou um marca-passo após um diagnóstico de "baixo nível cardíaco". Reconheceu que precisa diminuir o ritmo e, em certas agendas, vem sendo substituído pelo herdeiro Haakon. Almejando o repouso, não contava com os atípicos sacolejos na tradicional realeza que já ultrapassa seus 1000 anos. Por ora, os escândalos não fizeram os noruegueses quererem se livrar de toda a liturgia, menos engessada do que noutros cantos da Europa. São 62% os plebeus que preferem deixar tudo como está. "A continuidade da monarquia depende do apoio do povo, e na Noruega ele é a favor da permanência", ressalta Robert Hazell, da University College London, autor de um estudo sobre a sobrevivência das casas reais. Parece que os tremores de agora têm servido para dar uma boa apimentada no reino dos arenques e da elevada qualidade de vida. ■

A REVOLTA DOS CIDADÃOS

A chegada de turistas a cidades de interesse permanente não para de crescer. Os protestos de moradores explodem, mas levam a um dilema: e as economias? **MARÍLIA MONITCHELE**

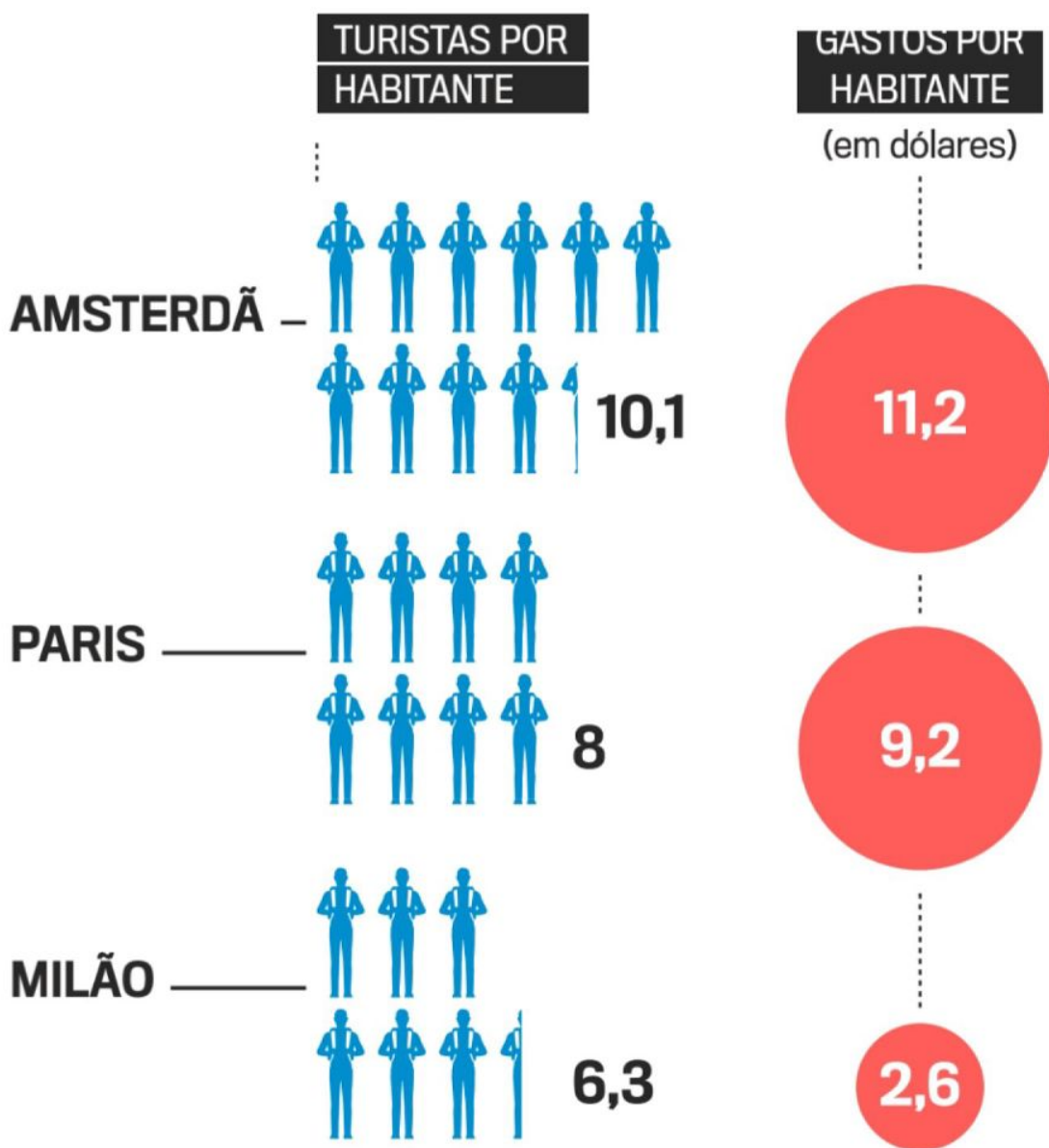
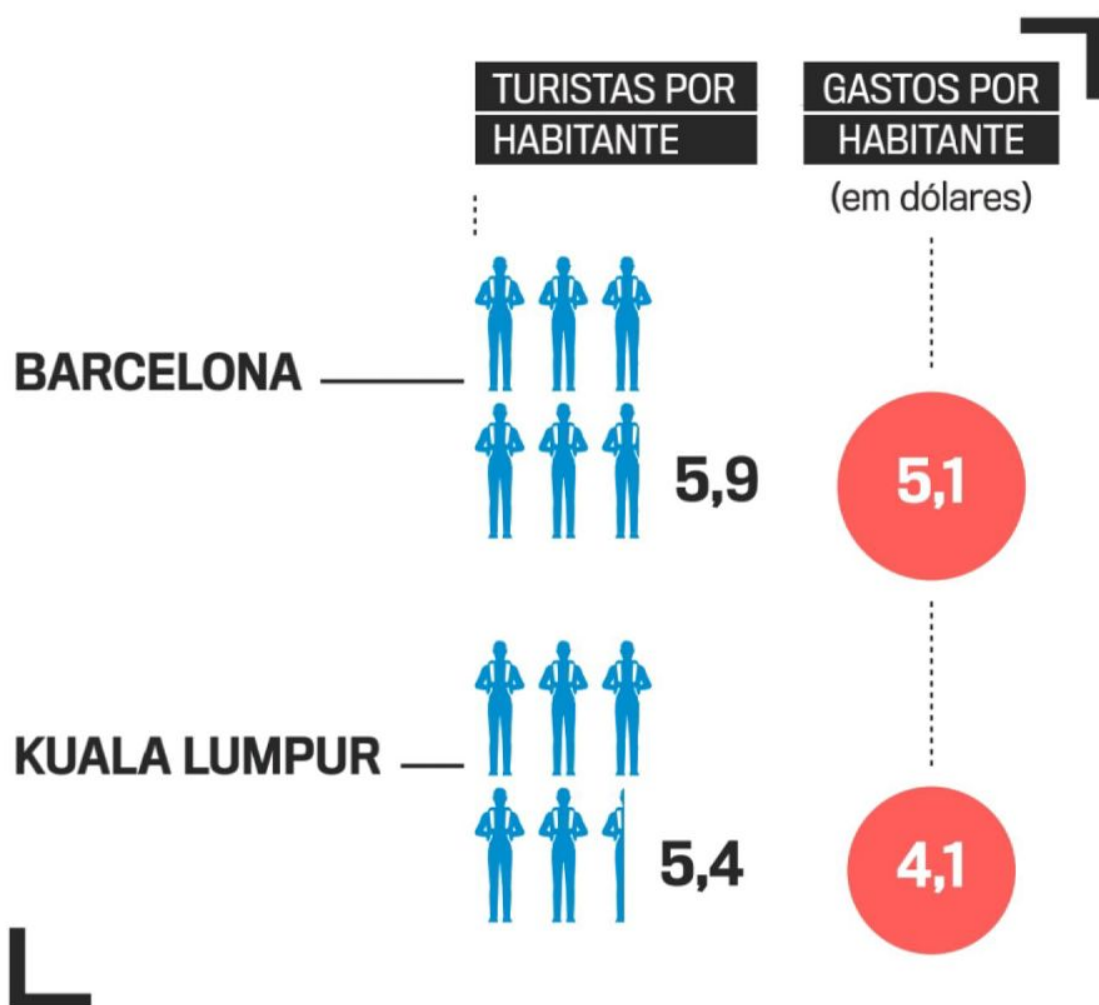
PROTESTO A onda de "turismofobia" em Barcelona, na Espanha, em movimentos grandes e recorrentes: "Go home"

MARC ASENSIO/NURPHOTO/GETTY IMAGES

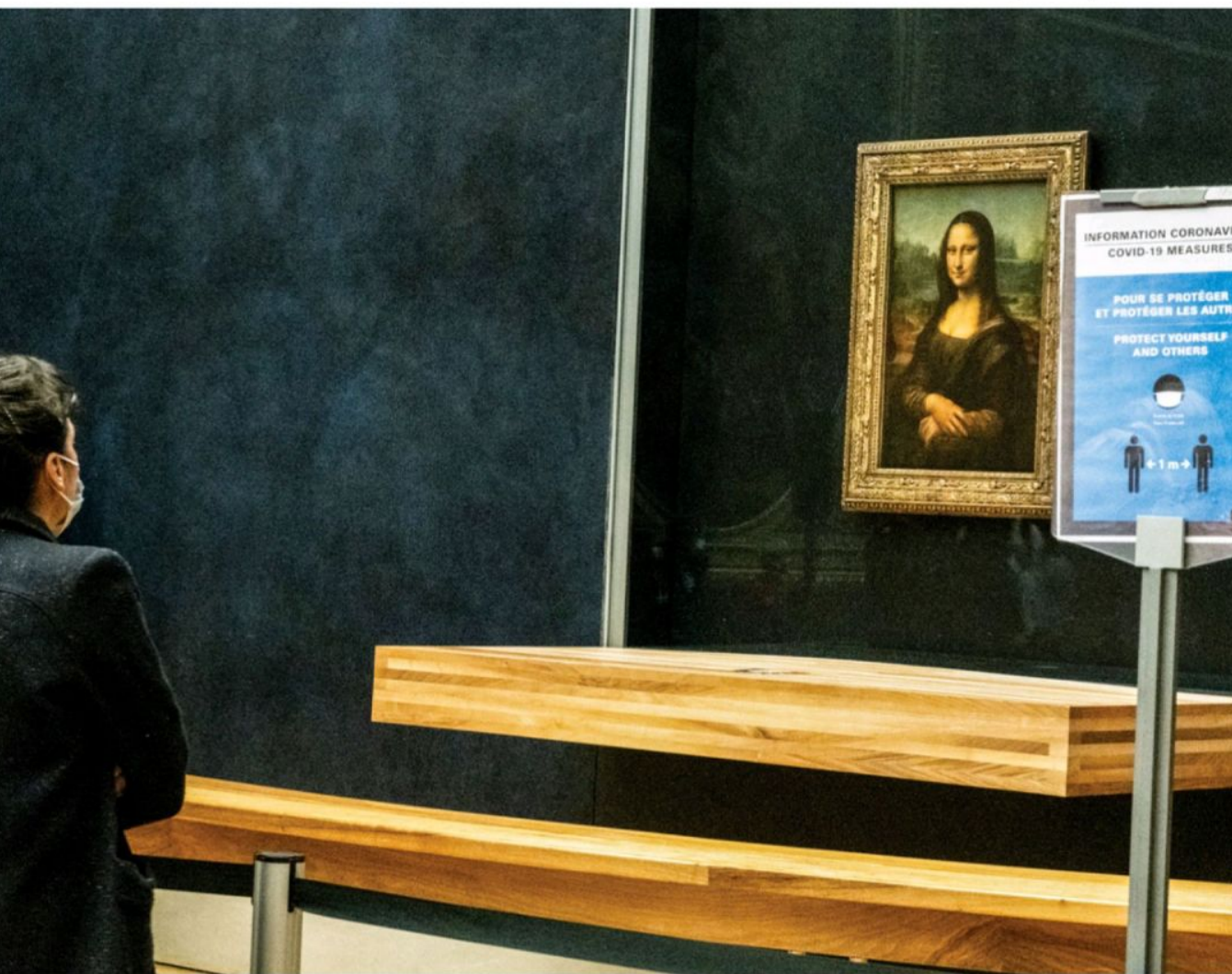
PELO SIM, PELO NÃO, mal não faz jogar uma moedinha na água clara da Fontana di Trevi, garantia de voltar a Roma. Duro é conseguir um cantinho que seja entre a multidão a cercar o monumento. Roubar um milímetro de olhar da Mona Lisa, no Museu do Louvre, em Paris, é missão inglória — a não ser no triste período logo depois do auge da pandemia, em que o medo vencia a curiosidade e poucas pessoas, sempre de máscara, ladeavam a obra-prima de Leonardo da Vinci. Passado o temor da covid, não tem mais jeito: o mundo vive o estardalhaço do *overtourism*, o excesso onde deveria haver calma.

É fato incontornável de nosso tempo a avalanche de visitantes em cidades queridas. A turma de fora movimentará, em 2024, o equivalente a 4,7 trilhões de reais na Europa, um aumento de 37% em relação a 2019, antes do vírus. A líder de lotação é Amsterdã, seguida de Paris e Milão *(veja no quadro ao lado).* Recebem mais gente do que deveriam, em evidente nó para a infraestrutura do cotidiano. A cidade holandesa aumenta o tamanho da população, especialmente nas férias de verão, como agora, dez vezes. A capital francesa chega quase lá, multiplicando as pessoas em oito, mesmo com a debandada dos autóctones que fogem como o diabo da cruz, e bem feito para quem escapou durante a Olimpíada e perdeu raro momento de comunhão. As hordas, chamemos assim, movimentam as economias. Em

O AFLUXO DE MULTIDÕES

As cinco cidades que mais recebem visitantes no mundo

Fontes: *Oxford Economics; CEIC: The Economist*

Amsterdã, por exemplo, o forasteiro gasta cerca de 11 dólares para cada morador. A turma alvoroçada para subir a Torre Eiffel desembolsa 9,2 dólares por indivíduo nascido pelas bandas de lá. E daí? A grita contra o turismo chegou ao apogeu em 2024.

A onda, a "turismofobia", se espalha com avidez. Nos últimos meses houve protestos em Barcelona, Madri, Ilhas Canárias e Maiorca. Um dos slogans dá o tom da briga: "Turismo, sim. Mas não desse jeito". Os revoltosos

SANDRINE MARTY/HANS LUCAS/AFP

CENA RARA Incomum: a *Mona Lisa* assim, sozinha, apenas durante a pandemia

sabem não poder jogar fora o bebê junto com a água do banho. Nas últimas seis décadas, o turismo fez o PIB da Espanha crescer mais de 13%. “Apenas não queremos que os turistas façam aqui o que não podem fazer em seus próprios países”, disse ao jornal britânico *Financial Times* Mateu Hernández, diretor-geral do organismo em Barcelona responsável pela recepção a estrangeiros. “Não dese-

STEFANO MAZZOLA/GETTY IMAGES

CONTROLE Em Veneza: taxa de 5 euros para os visitantes de um único dia

jamos turistas bêbados, não queremos turistas que anseiam apenas comer barato, e nada mais." É postura reativa que ganha corpo, com paliativos.

A prefeitura de Veneza começou a cobrar, em abril deste ano, uma taxa de 5 euros para quem pensa em passar um único dia na Sereníssima. As multas, caso o valor não seja pago, podem chegar a 500 euros. Em capitais

como Paris e Londres, o estacionamento de ônibus de excursões é cada vez mais restrito. No vilarejo japonês de Fujikawaguchiko, aos pés do Monte Fuji, as autoridades locais ergueram uma barreira para impedir as selfies. "É fundamental estar atento à escala local, pois o turismo de massa afeta a vida de quem deseja apenas viver com tranquilidade em suas cidades", diz Rita Cruz, professora do Departamento de Geografia da USP.

É preciso, sem dúvida alguma, mais respeito e normas que evitem os abusos. "As medidas de controle representam um primeiro passo, mas devem-se buscar outras soluções", afirma Alan Guizi, professor do curso de turismo da Universidade Anhembi Morumbi. O tema é mercurial, mas convém enxergar a explosão do turismo de um ponto de vista positivo: e assim caminha a humanidade. Houve, a partir do fim do século XX, avanços tecnológicos que facilitaram a compra de bilhetes de avião, sem burocracia e muitas vezes a preços convidativos. Recursos de hospedagem como o Airbnb também ampliaram os deslocamentos. Anote-se, ainda, a maior liberdade de movimentação de chineses e indianos, premidos no passado por falta de dinheiro, mas agora com uma classe média crescente. É natural que os humores do mundo, atrelados à livre iniciativa, se refletissem também nos passeios para muito além das fronteiras. Paciência é o nome do jogo — ainda que, insista-se, caiba um pouco de organização no caos. E aí sim, quem sabe, a Mona Lisa poderá sorrir mais de pertinho. ■

UM OLHAR PARA A ESCURIDÃO

Telescópio chileno mapeará o céu por uma década em busca de galáxias, cometas e uma explicação para os mais fascinantes mistérios do espaço

LUIZ PAULO SOUZA

VARIEDADE Telescópio Vera C. Rubin, no norte do Chile: investimento americano

HERNAN STOCKEBRAND/NOIRLAB/NSF/AURA/RUBIN OBSERVATORY

EM 1998, dois grupos diferentes de cientistas fizeram uma descoberta fascinante: o universo não apenas estava se expandindo, como já se sabia, mas fazia isso com o pé afundado no acelerador. Era o que as evidências mostravam. Contudo, parecia difícil explicar a mecânica do fenômeno. Depois do Big Bang, era lógico que haveria expansão, mas ela deveria reduzir a toada ao longo do tempo, à medida que se equilibrava em razão da força da gravidade. Só poderia haver, então, uma explicação possível: algo estaria impulsionando a dilatação frenética. É o que se convencionou chamar, a partir de então, de energia escura, tema de investigação de um Prêmio Nobel, em 2011, concedido aos físicos americanos Saul Perlmutter, Brian P. Schmidt e Adam G. Riess.

A elucidação do mistério entusiasmou cientistas ao redor do mundo e impulsionou o desenvolvimento de ferramentas astronômicas poderosas. Uma delas acaba de ser anunciada com estardalhaço. Chamada de Observatório Vera C. Rubin, no norte do Chile, em homenagem a uma astrônoma americana, começou a ser projetado em 1990, para estudar a matéria escura, elemento misterioso descoberto décadas antes. Seu potencial, no entanto, era amplo e poderia facilmente ser adaptado para a nova rodada de investigação. O objetivo era ousado: criar um telescópio com um espelho de 8,4 metros de diâmetro, apto a escanear o céu do Hemisfério Sul diariamente por dez anos. “É um projeto revolucionário”, diz Luiz Nicolaci da Costa, diretor

MAPA CELESTE
Os números astronômicos do projeto que deve durar dez anos
1 BILHÃO
DE DÓLARES PARA CONSTRUIR O OBSERVATÓRIO
168 MILHÕES
APENAS PARA A CÂMERA
28
PAÍSES ENVOLVIDOS
120
PESQUISADORES BRASILEIROS
8,4
METROS DE DIÂMETRO
3 200
MEGAPIXELS DE RESOLUÇÃO DA CÂMERA

do Laboratório Interinstitucional de e-Astronomia (LIneA), coordenador da participação brasileira no projeto.

Tradicionalmente, os telescópios são desenhados para uma família de projetos. Esse, porém, será dedicado a uma única tarefa. A cada quatro dias, todo o céu observável será inteiramente apurado, o que, no final, criará uma imagem detalhada do cosmos, em uma sinfonia de cores captadas do espaço. “A ideia é que ele possa detectar tudo que for variável ou móvel no céu”, disse a VEJA o astrofísico Roberto da Costa, professor do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo (USP). Estima-se que serão descobertos ao menos 17 bilhões de estrelas e 20 bilhões de galáxias, além de objetos difíceis de serem observados com os instrumentos tradicionais. Imagina-se ser possível descobrir, por exemplo, asteroides de brilho fraco e supernovas — resultado de explosões estelares — muito distantes. Somese, é claro, a capacidade de esmiuçar complicadas dinâmicas celestes, o que autorizará o melhor entendimento das matérias e energias ainda desconhecidas.

Há, no entanto, um desafio. O telescópio tem a maior câmera digital do mundo, capaz de gerar cerca de 200 000 imagens por ano. Analisar toda essa informação será tarefa complexa e, por isso, os dados não ficarão centralizados no Chile, nem nos Estados Unidos, que financiaram o projeto. Ao todo, haverá cerca de quinze centros de dados ao redor do mundo, onde as informações ficarão

JACQUELINE RAMSEYER ORRELL/SLAC

FOCO A maior câmera digital do mundo: 200 000 imagens ao ano

disponíveis para os pesquisadores. O Brasil contará com um desses bancos, no LIneA, uma associação científica no Rio de Janeiro que já tem experiência nesse tipo de pesquisa. O problema: é preciso aprimoramento tecnológico para cumprir os requisitos do programa. Como contrapartida do investimento, os 120 pesquisadores brasileiros terão acesso aos dados para fazer pesquisa de ponta. "Cerca de 80% serão jovens pesquisadores, estudantes que terão a oportunidade de trabalhar com as principais lideranças mundiais", diz Nicolaci da Costa, do LIneA.

Já completamente montado e com início do funcionamento previsto para os próximos meses, o Vera C. Rubin é um grande passo para o avanço da astrofísica. Ele dá as mãos a um grupo de outros instrumentos que também têm gerado resultados surpreendentes e merecem celebração. O Telescópio Espacial James Webb quebra recordes na observação de galáxias distantes. O LUX-ZEPLIN, maior detector de matéria escura do mundo, chega mais perto de elucidar a natureza desse elemento. Os cientistas — e o comum dos mortais — aguardam ansiosos pelas próximas novidades. Programado para iniciar suas atividades ainda na próxima década, o Telescópio Europeu Extremamente Grande, com 39 metros de diâmetro, será o mais poderoso instrumento de observação óptica inventado até hoje. Olhar o céu, paixão de crianças, é também brincadeira de gente grande. ■

ALVIVERDE Jalen Hurts, do Eagles: o quarterback estará em campo no Brasil

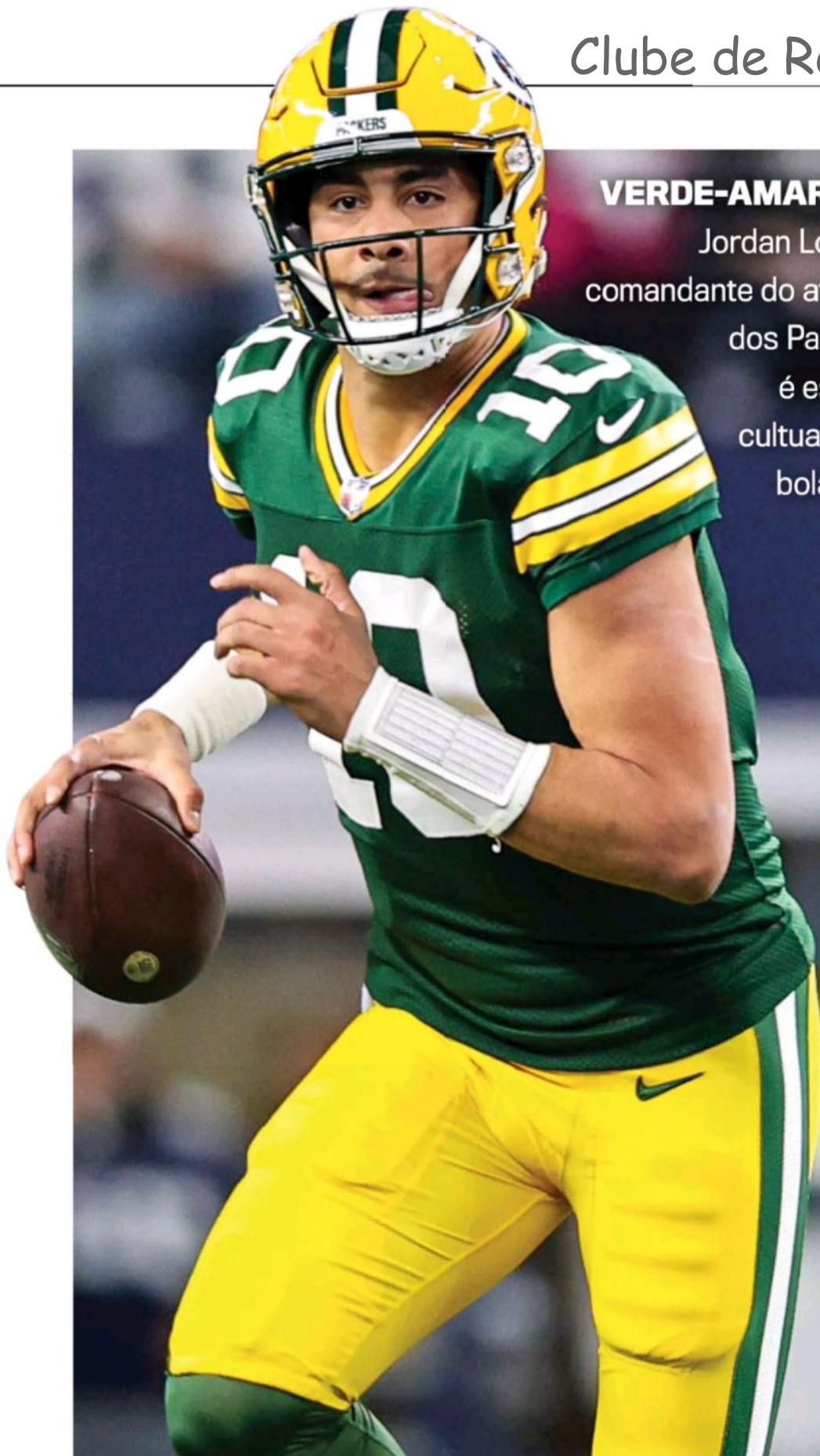
COOPER NEILL/GETTY IMAGES

MADE IN BRAZIL

Primeiro jogo da NFL na América do Sul promete encher a Neo Química Arena, em São Paulo, ampliar a base de fãs e movimentar a economia da cidade

ALESSANDRO GIANNINI

O KICKOFF é a jogada que inicia uma partida de futebol americano. Um time chuta a bola oval de sua própria linha de 35 jardas para a equipe receptora do lado oposto, que então tenta agarrá-la com firmeza para avançar no campo do adversário, e assim marcar pontos. Ainda não se sabe quem, entre Philadelphia Eagles e Green Bay Packers, fará as honras de começar o primeiro jogo oficial da NFL na América do Sul. A única certeza dos organizadores do evento é que no dia 6 de setembro, às 21h15, a Neo Química Arena, no bairro paulistano de Itaquera, estará lotada — mais de 42 000 ingressos, a preços que variavam entre 285 e 2 520 reais, foram vendidos em menos de duas horas — para ver as equipes capitaneadas pelos quarterbacks Jalen Hurts, do Eagles, e Jordan Love, do Packers, se enfrentarem.

A escolha de São Paulo como sede do evento e o estádio do Corinthians como palco foi resultado de um processo competitivo que começou em 2021, do qual participaram concorrentes como Rio de Janeiro, Madri e Barcelona, e campos como Maracanã, Santiago Bernabéu e Camp Nou. A NFL, com times de uniformes parcialmente verdes, invadirá o terreno alvinegro por uma semana, com cerca de 3 000 pessoas trabalhando na operação de adaptação do gramado. Haverá até uma versão brasileira do chamado *tailgate*, que acontece no estacionamento antes das partidas, com churrasqueiras portáteis e quiosques. A prefeitura e a SPTuris, empresa municipal de turismo, aguardam 4 000 visitantes americanos para acompanhar o evento. Estima-se

VERDE-AMARELO Jordan Love: o comandante do ataque dos Packers é estrela cultuada da bola oval

MATTHEW PEARCE/ICON SPORTSWIRE/GETTY IMAGES

movimentação econômica de 60 milhões de dólares. "Estamos trabalhando em conjunto com as forças de segurança locais e a liga para garantir uma experiência segura e emocionante", diz Gustavo Pires, presidente da SPTuris.

O sucesso anunciado da iniciativa vai além da conhecida predisposição brasileira de abraçar os esportes, quaisquer que sejam. É reflexo de uma tendência crescente no mundo inteiro: a globalização das ligas profissionais. A própria NFL começou a realizar jogos oficiais da temporada regular fora dos Estados Unidos em 2005. O primeiro confronto desse tipo aconteceu no Estádio Azteca, na Cidade do México, entre o Arizona Cardinals e o San Francisco 49ers. Depois disso, os americanos expandiram sua presença internacional com a introdução, em 2007, da NFL International Series, em Londres, que vem abrigando partidas oficiais desde então. Entre 2008 e 2013, houve a Bills Toronto Series, no Canadá. Mais recentemente, equipes dos Estados Unidos chegaram com pompa a Munique, em 2022, e Frankfurt, no ano passado.

Outras ligas profissionais de diferentes continentes têm expandido suas fronteiras, realizando partidas em territórios estrangeiros nos últimos anos. Esse movimento visa ampliar a base de fãs internacionais, aumentar a visibilidade global e explorar novos mercados. A NBA, por exemplo, promoveu jogos oficiais na Europa e na China. A Bundesliga, na Alemanha, e a Premier League, na Inglaterra, levaram o futebol da bola redonda para a América do Norte e o Extremo Oriente. Essas iniciativas refletem a crescente in-

KENNETH LU

NA CHINA Partida da NBA em Pequim: experiência estrangeira

ternacionalização do esporte profissional, evidenciando o desejo das organizações de se conectarem com públicos diversos ao redor do globo e solidificarem sua presença no cenário mundial, com apoio, é natural, das redes sociais.

A NFL vê o jogo entre Eagles e Packers como a possibilidade de um compromisso duradouro com o Brasil, com a perspectiva de realizar eventos semelhantes em outras cidades. “Estamos comprometidos em trazer nosso melhor produto para os fãs em todo o mundo”, diz Peter O’Reilly, vice-presidente executivo da liga.

É exemplo de como a universalização dos esportes pode trazer benefícios financeiros, culturais e sociais para as cidades anfitriãs, ao mesmo tempo que expande a base de fãs. Segundo levantamento do Ibope Repucom sobre comportamento de torcedores e consumidores brasileiros, mais de 35 milhões de homens e mulheres se declaram entusiastas do futebol americano. A farra paulistana pode ser apenas o kickoff. ■

BOTA PARA ESTICAR

Um estudo brasileiro estabelece pela primeira vez a relação entre flexibilidade corporal e queda na mortalidade entre homens e mulheres — mais um sinal de que alongar é preciso **PAULA FELIX**

DEMANDA Aulas virtuais: a bailarina Renata Schneider tem 700 alunos em grupo on-line

ANA VOHS

NA ROTINA de treino, os alongamentos são o tipo de exercício que costuma ficar em segundo plano — quando não completamente de escanteio. Com exceção de práticas como ioga e pilates, eles acabam entrando na categoria de meros figurantes, deixados de lado por quem quer focar na musculação, na bike ou na corrida. Mas vale a pena rever o tempo dedicado às atividades que trabalham a flexibilidade. Essa habilidade física não só assegura mais autonomia e menos dores e quedas com o avançar da idade como pode contribuir para um maior número de aniversários pela frente.

É o que demonstra um estudo pioneiro realizado no Brasil. Por meio da análise de vinte movimentos em sete articulações, o trabalho conduzido pelo médico Claudio Gil Araújo e sua equipe no Rio de Janeiro comprovou que a capacidade de se esticar está ligada a uma redução na taxa de mortalidade, abrindo uma nova perspectiva sobre a relevância dos exercícios em geral e, particularmente, daqueles que exigem alongamento. A investigação nacional acompanhou 3 139 homens e mulheres de 46 a 65 anos por quase treze anos e estabeleceu uma pontuação à capacidade de executar cada um dos vinte movimentos predefinidos.

Em resumo, quanto maior a nota alcançada, maior o índice de longevidade dos indivíduos monitorados. Esse escore, criado por Gil Araújo e batizado de Flexindex, apontou que homens com notas baixas tinham um risco quase duas vezes maior de morrer mais cedo. Entre as mulheres — embora 35% mais flexíveis, no geral —, o número foi mais de cinco

MOVIMENTO AMPLO

Mobilidade é um dos componentes de exercícios que podem fazer parte do dia a dia

Fontes: *Claudio Gil Araújo, diretor de Pesquisa e Educação da Clinimex; Mayo Clinic*

vezes maior. Para não enviesar os achados — no cômputo final, 302 participantes do estudo vieram a óbito —, dados como estado de saúde, idade e peso foram contemplados.

Antes que se imagine que, para viver mais, é necessário abrir espacate ou encostar os dedos das mãos nos dos pés de primeira, é preciso entender que o trabalho se baseou em uma avaliação chamada Flexiteste, também desenvolvida por Gil Araújo, que é diretor de pesquisa e educação da Clí-

E+/GETTY IMAGES

MALEABILIDADE Pilates e ioga: modalidades ganham força na rotina de treino

nica de Medicina do Exercício (Clinimex), no Rio de Janeiro. Segundo essa metodologia, a flexibilidade é avaliada dentro do seu conceito científico de "amplitude máxima fisiológica passiva de um dado movimento articular". E por que passiva? Pelo fato de que os voluntários receberam suporte para se esticar ao máximo durante as avaliações acompanhadas por profissionais de saúde. "Essa é a verdadeira flexibilidade", afirma o pesquisador. "A gente tem de isolar todas as variáveis com um teste seguro e que possa ser reproduzido por outros especialistas."

As descobertas reforçam o papel da mobilidade na qualidade de vida e o impacto de recrutá-la no escopo das atividades diárias. Coincidência ou não, práticas que demandam flexibilidade corporal são seguidas por populações de algumas regiões do mundo com maiores índices de longevidade. Tai chi chuan e ioga estão entre elas. "O novo estudo é importante por acrescentar mais uma variável como meta no planejamento de

exercícios", diz Ana Paula Simões, diretora da Sociedade Brasileira de Medicina do Exercício e Esporte. "A gente deveria se espelhar nos animais, que se espreguiçam ao acordar."

A impressão é de que o público realmente acordou para a necessidade de trabalhar a elasticidade dos membros. Tanto é que modalidades como pilates e ioga estão entre as mais procuradas nos últimos anos. Dados da consultoria Polaris Marketing Research revelam que o mercado global dos estúdios destinados a essas atividades foi avaliado em 158,4 bilhões de dólares em 2023 e deve crescer 11% até 2032. Exercícios de flexibilidade também inundam as redes sociais, e cursos on-line vêm ganhando popularidade. Uma busca rápida no Instagram pelo termo *flexibility* mostra 11,7 milhões de resultados.

Há quatro meses, a atriz e bailarina Renata Schneider, de 22 anos, fundou uma comunidade para aulas a distância após pedidos de seguidores que acompanhavam seu trabalho pela internet. "Acaba sendo mais prático, e as pessoas se sentem motivadas pela sensação de evoluir juntas", diz. Renata, que iniciou suas práticas de dança e ginástica em sessões virtuais, tem atualmente cerca de 700 alunos e colhe os benefícios nas próprias articulações. "Quando você treina alongamento, fica com menos dor, melhora a autoestima e a disposição e até consegue relaxar mais." É evidente que nem todo mundo vai conseguir copiar a bailarina em suas acrobacias com o corpo, mas, como indica a pesquisa brasileira, indivíduos na meia-idade podem (e devem) tirar proveito de uma rotina menos sedentária e rígida. Fica o convite para se esticar. ■

DIOR/DIVULGAÇÃO

XEQUE-MATE

Estampa que representa tradição e elegância e, ao mesmo tempo, carrega uma história de transgressão, o xadrez irrompe como a grande tendência da temporada

SIMONE BLANES

LEGADO Nova coleção da Dior: apresentação em castelo escocês

NO TABULEIRO do vestuário, não tem adversário à altura: quem domina o jogo é o xadrez. Poucas padronagens evocam tão perfeitamente a célebre frase da francesa Coco Chanel (1883-1971): "A moda passa, o estilo permanece". Marcada pela clássica composição de quadrados, em linhas e cores diversos, a estampa funciona em qualquer estação — apesar da forte associação com o inverno — e, agora, fazendo jus ao seu legado histórico, domina os lançamentos da temporada. Em um universo marcado pela diversidade das criações, o xadrez

se impôs como elemento principal de uma coleção inteira, como mostrou a estilista italiana Maria Grazia Chiuri no desfile Cruise 2025 da Dior.

A ambientação seguiu à risca a proposta para o figurino. Realizada nos jardins do castelo Drummond, em Perthshire, na Escócia, a apresentação de meia-estação e pegada medieval trouxe peças focadas na geometria mundialmente ligada ao berço dos kilts. Aliás, foi a partir da Revolução Industrial, no século XIX, que o país resgatou a produção massiva dos tecidos com o estilo, vencendo uma proibição que a vizinha Inglaterra havia lançado para apagar a cultura escocesa. Sim, o xadrez é símbolo de resistência e transgressão — como comprova a antiga luta por independência da pátria de William Wallace (1270-1305).

Da matriz escocesa, e rediviva na coleção da Dior, destaca-se a es-

ZÉ TAKAHASHI

LÁ E CÁ Vestido de Herchcovitch: um dos destaques da coleção

INSTAGRAM @BEYONCE

COUNTRY Beyoncé: padronagem guia turnê

KEVIN MAZUR/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

ATEMPORAL Madonna: formas para celebrar a carreira

tampa conhecida como tartan, caracterizada por quadrados formados por linhas horizontais e verticais que, apesar das origens ancestrais, se popularizou no século XVI como diferencial entre os clãs escoceses e ganhou força na moda no século XX, nas mãos de grifes e estilistas britânicos como Alexander McQueen, Vivienne Westwood e Burberry. Outra padronagem em alta é o argyle, com losangos que sobrepõem linhas diagonais. Associada aos suéteres tradicionais, a estampa voltou à cena com a tendência "grandpacore", ou roupas do vovô, que só no TikTok alcançou mais de 20 milhões de visualizações. "O xadrez se tornou uma linguagem visual", afirma o estilista Dudu Bertholini. Linguagem que ganhou as telas.

BÁSICO Isabeli Fontana: quadriculado clássico

No influente desfile da Dior, nota-se ainda uma ode ao punk dos anos 1980. O movimento utilizava o xadrez quadriculado em seu uniforme de subversão, elemento que depois seria aproveitado e adaptado pelos grunges, que, na década de 1990, apostariam nas camisas xadrez *oversized* dos membros de bandas como Nirvana e Pearl Jam. "O que faz o xadrez sempre voltar à tona é essa mistura de tradição e transgressão", diz Bertholini.

O ar desafiador, sem perder a classe, é, de fato, histórico. Ao abdicar do trono britânico em 1936, o rei Edward VIII (1894-1972) ganhou as primeiras páginas dos jornais vestindo um elegante traje xadrez que até hoje é chamado de Príncipe de Gales — veste de um homem apaixonado, disposto a desistir da coroa para abraçar a amada plebeia. Na década de 1960, por sua vez, a estampa rasgou os ares aristocráticos e começou a ser usada por mulheres, impulsionada pela modelo Twiggy. Uma década depois, o quadriculado preto e branco viria a estampar protestos contra a segregação racial.

A padronagem também se diversificou para dançar conforme a música. Uma versão mais leve e romântica, o

Vichy, ganhou espaço com seus quadradinhos minúsculos, lembrando toalha de piquenique, na pegada imortalizada pelo vestido azul de Judy Garland (1922-1969) em *O Mágico de Oz* e pelo modelito de casamento cor-de-rosa de Brigitte Bardot de 1959. No século XXI, quando a moda vira um grande liquidificador de referências, misturando as eras e as escolas, o xadrez surge mais forte do que nunca com seu poder de despertar mensagens e memórias afetivas.

Está nas passarelas, mas também nos shows e nas redes sociais. Basta ver Madonna de saia quadriculada em sua turnê atual ou Beyoncé botando para quebrar em seu momento country. Nada de festa junina. O estilo é fino e atemporal, como provam Isabeli Santana e Camila Queiroz em suas últimas postagens. No último ciclo de moda de Paris, só deu xadrez... Chanel, Balenciaga, Chloé, Schiaparelli e companhia aderiram à bandeira. No Brasil, ele imperou na safra de Alexandre Herchcovitch. Das coleções às ruas, as buscas pela estampa no Pinterest decolaram 770% em um ano. Realmente, é a bola da vez. Ou melhor, o quadrado da vez. ■

LEVEZA Até no verão: Camila Queiroz com versão "piquenique"

INSTAGRAM @CAMILAQUEIROZ

QUADRO CRÍTICO

A descoberta de uma suposta nova obra de Tarsila do Amaral expõe a guerra entre herdeiros da pintora, numa disputa que envolve laudos científicos, bate-boca e pode ir aos tribunais

AMANDA CAPUANO

REAL OU FAKE? *Paisagem 1925*: após décadas no Líbano, obra voltou ao país e pode atingir milhões de reais

FELIPE BERNDT

Em seus últimos anos de vida, Tarsila do Amaral (1886-1973) passou por situações difíceis. Após uma cirurgia malsucedida na coluna, a pintora que sintetizou o modernismo nacional viu-se presa a uma cadeira de rodas. Em seguida, sua única filha, Ana Dulce, morreu em função de uma diabetes severa. Tarsila então se apegou ao espiritismo, ficou amiga de Chico Xavier e vendeu quadros para ajudar nas causas do médium. Ao morrer, com 86 anos, padecia de depressão. O epílogo trágico, claro, não foi capaz de turvar o brilho de uma obra extraordinária. Ao contrário: desde que o ícone antropofágico *Abaporu* foi arrematado pelo argentino Eduardo Costantini, em 1995, num lance de repercussão internacional, Tarsila não parou de se valorizar — e atingiu o merecido status de popstar das artes em anos recentes, com a venda milionária de quadros como *A Lua* (1928), pelo qual o MoMA de Nova York pagou uma cifra estimada em 20 milhões de dólares. A consagração final junto às massas veio em 2019, quando uma mostra no Masp atraiu filas impressionantes e multidões disputaram com furor a chance de fazer uma selfie com o *Abaporu*.

Com tanta festa em torno de Tarsila, era de esperar que o aparecimento de um suposto quadro perdido da artista causasse comemoração. Infelizmente, porém, não foi nada alvissareiro o que se viu desde a descoberta da obra intitulada *Paisagem 1925*, que teria sido pintada por Tarsila naquele mesmo ano, na histórica fase Pau Brasil. Nas últimas

semanas, o debate sobre a autenticidade do quadro expôs de forma retumbante algo que só se comentava à boca pequena no mundo das artes: os herdeiros de Tarsila travam uma guerra cuja maior vítima pode ser o legado da artista.

FINE ART IMAGES/HERITAGE IMAGES/GETTY IMAGES

DISPUTADA Tarsila nos anos 1930: briga de parentes põe legado em risco

A história do quadro que virou o pomo da discórdia é curiosa. Por uma década, o galerista Thomaz Pacheco, da OMA Galeria, ouviu falar de uma possível pintura de Tarsila em posse da família do brasileiro-libanês Moisés Mikhael Abou Jnaid, que vivia no país do Oriente Médio. Próximo ao clã, Pacheco não deu muita bola para a história até dezembro do ano passado, quando o proprietário contou que havia trazido o quadro para o Brasil, temendo que a guerra de Israel chegasse ao Líbano. "A gente esperou passar as festas de fim de ano e, em fevereiro, ele me disse que queria vender a obra", contou Pacheco a VEJA. *Paisagem 1925* — que registra uma cena bucólica do interior paulista, onde Tarsila cresceu — não consta do catálogo raisonné, registro oficial do acervo da pintora, o que colocou o galerista diante da

possibilidade de um trabalho inédito. “Montei uma estrutura para certificar a obra”, diz Pacheco.

No início de abril, o galerista levou a tela para a feira SP-Arte para mostrá-la a representantes de um museu do Oriente Médio com o qual estaria em negociação por cerca de 60 milhões de reais. Foi então que a obra veio a público, iniciando uma novela que ganhou novos capítulos nos últimos dias. Após uma perícia, a Tarsila do Amaral Licenciamento e Empreendimentos S/A (Tale), empresa que gerencia o espólio da pintora, anunciou que o quadro é autêntico. Mas a certificação é colocada em xeque por uma parcela dos herdeiros que não compõe mais o grupo e questiona os métodos adotados, fazendo do quadro o mais recente objeto do ruidoso racha familiar.

Ao saber da história do quadro, que Tarsila teria vendido pessoalmente ao proprietário nos anos 1950, Paola Montenegro, sobrinha-bisneta da artista, à frente da Tale desde 2023, acionou o perito Douglas Quintale, habilitado pelo TJ-SP e presidente do recém-formado comitê de autenticação do espólio. Segundo Quintale, tudo foi conduzido com base em pesquisas documentais, como fotos e relatos dos donos, uma análise estética do estilo da artista e estudo físico-químico que se vale de tecnologias como raio X, acelerador de partículas, infravermelho e scanners para identificar as tintas usadas, o estilo das pinceladas e a idade dos materiais.

JARDIEL CARVALHO/FOLHAPRESS

PINTURA POP Selfies com o *Abaporu* no Masp: modernismo para as massas

A perícia também combinou informações de obras já certificadas de Tarsila e montou um banco de dados com características da pintora. "Isso nos permite saber se ela colocava o azul antes do vermelho ou o verde antes do branco", diz Quintale, citando ainda traços distintivos como pigmentos em comum às obras e a ordem de execução das tintas. "Progredimos até concluir com certeza objetiva que é uma obra de Tarsila", garante.

A despeito disso, o laudo não foi reconhecido pela Associação de Galerias de Arte do Brasil (Agab) e nem por 29 herdeiros da pintora que assinaram uma carta aberta

que questiona a certificação. O principal motivo é o fato de que a análise não teve participação do corpo do catálogo raisonné da pintora, feito pelos principais especialistas em sua obra. Estudiosas como Aracy Amaral e Regina Teixeira de Barros, inclusive, receberam em abril notificações dos advogados da Tale desautorizando que discutam a legitimidade de obras da pintora. "Não acredito na maneira em que foi feita essa certificação. Me parece suspeito eles quererem calar as pessoas que mais conhecem Tarsila do Amaral", dispara Tarsilinha, sobrinha-neta da pintora que renunciou ao comando do espólio após uma série de divergências com outros herdeiros. Com sua saída e a posterior posse de Paola, um novo comitê foi formado, e uma "modernização" do processo de certificação foi colocada em curso, razão pela qual os antigos especialistas não teriam integrado a análise. "Estamos conhecendo uma obra que foi pintada pela minha tia-bisavó de que ninguém sabia antes. É uma prova de que a metodologia funciona", contra-ataca Paola.

O fato de Tarsila não ter deixado herdeiros diretos torna mais confusa a disputa. Os dois lados não se entendem nem sobre a quantidade de parentes que teriam voz nas decisões. Tarsilinha alega que há 57 herdeiros, 28 dos quais assinaram com ela a carta contra a certificação. Já Solano de Camargo, advogado da Tale, diz que são 59 — destes, 29 seriam sócios da empresa e outros onze estariam "em procedimento de associação". Em 2005, quatro sobrinhos-netos fundaram a Ta-

le para administrar o espólio. Tarsilinha ficou na gestão até 2022, quando deixou a empresa e levou consigo outros herdeiros. Desde então, a Tale abriu uma série de processos contra ela, incluindo acusações de divergências nas contas e competição desleal, que ainda correm na Justiça. O novo quadro deve adicionar mais lenha à fogueira jurídica. "Essa carta aberta corresponde a uma fake news", diz o advogado Solano de Camargo. Ele conta que a empresa cogita uma ação de difamação contra os signatários. Um processo também deve ser movido em breve pelo outro lado, questionando a legitimidade da Tale.

FINE ART IMAGES/ALBUM/ALBUM/FOTOARENA

FORÇA O quadro *A Lua*: vendido ao MoMA por cerca de 20 milhões de dólares

Como se sabe, brigas entre herdeiros produziram efeitos tristes sobre os legados de artistas nacionais, especialmente na música — vide os casos de João Gilberto ou, numa guerra ainda fresca, Gal Costa. Nas artes plásticas, isso se repete até no exterior — os descendentes do espanhol Pablo Picasso, por exemplo, vivem às turras. Mas, no fim do dia, sabem quando é a hora de parar as lutas e pensar no espólio do cubista. Que fique essa lição para os herdeiros da obra colossal de Tarsila. ■

BONECA ATREVIDA

Com um pop retrô à la Kate Bush e visual cintilante de drag queen, a cantora Chappell Roan criou um latifúndio nas paradas, ameaçando até Taylor Swift

ASTRIDA VALIGORSKY/GETTY IMAGES

CHEIA DE ATITUDE
Chappell: a artista americana é uma menina que gosta de meninas – e se veste como transformista

ANTES DE SEU AVÔ Dennis Chappell morrer de câncer cerebral, em 2016, a americana Kayleigh Rose Amstutz decidiu homenageá-lo adotando o nome artístico Chappell Roan — juntando o sobrenome dele e o título da música favorita do parente, *Strawberry Roan*, do cantor e ex-piloto de corrida Marty Robbins (1925-1982). Assim rebatizada, a jovem nascida no Missouri viu os caminhos se abrirem em sua carreira. Aos 17 anos, ela já postava algumas covers no YouTube e chamou a atenção do estúdio Atlantic Records, com quem assinou quando ainda estava no ensino médio — e que a dispensou cinco anos depois. O sucesso global veio mesmo neste ano, quando a jovem, agora aos 26 e apadrinhada pelo produtor Daniel Nigro, da Island Records — que já trabalhara com Taylor Swift e Olivia Rodrigo —, mostrou ao mundo *Good Luck, Babe.* Hit instantâneo, a canção narra a desilusão amorosa de uma mulher que vê sua amada fingir não gostar de meninas e ficar com homens para enganar a si mesma. Com melodias que remetem ao rock retrô de Kate Bush, a música já teve mais de meio bilhão de reproduções só no Spotify — plataforma em que ela possui 43 milhões de ouvintes mensais. Chappell ostenta sete faixas na Billboard Hot 100 e seu novo álbum, *The Rise and Fall of a Midwest Princess*, ocupa o segundo lugar de outro ranking da Billboard, atrás somente de *F-1 Trillion*, de Post Malone — ao lado desse rapper, aliás, ela desbancou o disco *The Tortured Poets Department*, de Taylor Swift, que figurava em primeiro havia quinze semanas.

De atendente de uma loja de donuts que cantava em festivais mequetrefes a atração de abertura dos shows de Olivia Rodrigo, Chappell conquistou espaço por apresentar algo que falta ao pop: autenticidade. Nascida mulher biologicamente, a cantora revela não se encaixar num único gênero e/ou orientação sexual, e abusa de looks extravagantes e maquiagens carregadas para assumir uma persona de drag queen — o que faz assumindo uma breguice divertida e decadente. Obviamente, ela não é a primeira mulher a se apoderar da arte comumente utilizada por homens gays — para ficar só no Brasil, a modelo Elke Maravilha (1945-2016) fez fama com estilo similar.

O objetivo de Chappell é fazer músicas que levem as pessoas para as pistas de dança, na contramão de artistas como Billie Ellish e Taylor, que lançam canções melancólicas a rodo. Além disso, ela celebra o amor lésbico — ou "sáfico". "Eu queria me divertir, estava entediada cantando músicas tristes, por isso mergulhei no pop", disse em entrevista recente. O alto-astral de músicas como *Hot to Go!*, *Pink Pony Club* e *Red Wine Supernova* é prova disso. Mas o sucesso repentino, ironicamente, ameaça se converter em problema para a artista soltinha. Chappell foi às redes sociais pedir que os fãs maneirem no assédio nas ruas. A boneca é atrevida, mas sabe se preservar. ■

Kelly Miyashiro

BEN ROTHSTEIN/PRIME VIDEO

OS DONOS DO UNIVERSO

O novo *Os Anéis de Poder* é pouco empolgante, mas isso é o de menos para a Amazon: derivados de grandes franquias viraram armas valiosas na guerra do streaming

FELIPE BRANCO CRUZ

ROSS FERGUSON/PRIME VIDEO

PRIME VIDEO

Os Anéis de Poder: produção de alto orçamento chega à sua segunda temporada como trunfo da Amazon

A SAGA *O Senhor dos Anéis,* do britânico J.R.R. Tolkien (1892-1973), é vasta e complexa, e sua recriação no cinema ou na TV sempre foi um desafio, tanto pelos inúmeros detalhes criados pelo escritor quanto pela cobrança dos fãs. Nos anos 2000, Peter Jackson cumpriu com louvor a missão e transformou a história, antes restrita a um nicho de fanáticos por literatura fantástica, em arrasa-quarteirão das telas. Numa iniciativa bilionária, o Amazon Prime Video adquiriu os direitos da obra e lançou em 2022 a série ***O Senhor dos Anéis: Os Anéis de Poder,*** numa aposta de levar para a TV uma parte da história que não chegou a ser

MAX
A Casa do Dragão: segunda temporada foi criticada, mas teve audiência 30% superior à primeira

HBO

concluída por Tolkien, baseada apenas em notas de rodapé e, portanto, aberta a inúmeras interpretações. Não deu outra: mesmo com toda a grana envolvida, a primeira temporada teve apenas 38% de avaliações positivas dos fãs no Rotten Tomatoes (site agregador de opiniões). Como a série deixou a desejar em relação aos filmes de Jackson, muita gente se apressou em proclamar que a Amazon havia quebrado a cara ao investir em um capricho de seu dono, Jeff Bezos — mas isso é pura ingenuidade. Manter em seu catálogo grandes franquias já testadas no cinema e com público fiel se tornou o novo graal na duríssima guerra do streaming pela conquista de assinantes.

Embora não tenha recebido boas resenhas, *Os Anéis de Poder* registrou a maior estreia da história do Prime Video. Razão mais que suficiente para redobrar a jogada nu-

LUCASFILM LTD.

DISNEY+
The Acolyte: série do universo *Star Wars* custou caro, mas foi vista por 4,8 milhões só no dia de estreia

ma segunda temporada, que acaba de estrear no Amazon Prime Video (estão previstas, no mínimo, outras três). "Tivemos sorte em ter a Amazon compartilhando conosco a paixão por esse mundo e nos dando recursos para fazer a saga da maneira mais luxuosa possível", disse a VEJA o produtor-executivo J.D. Payne. Infelizmente, apesar das boas intenções, a nova fase segue a toada lenta e insone da anterior. Nem o esmero dos produtores ao recriar os recantos mais asquerosos de Barad-dûr, mundo dos orcs, as intrincadas profundezas das minas de Khazad-dûm, o reino dos anões, e até as mais deslumbrantes paisagens de Lindon, terra dos elfos, conseguiu levar a segunda temporada ao nível dos filmes de Peter Jackson.

Aprovem os críticos ou não, fato é que se tornou estratégico para os serviços de streaming ter grifes de peso que

atraiam espectadores quase por inércia. A Disney+, com seus 111,3 milhões de assinantes, se ancora em *Star Wars* e no multiverso da Marvel, e produziu duas dezenas de novas séries e filmes dessas franquias exclusivamente para seus catálogos on-line. Sua maior audiência do ano não veio dos clássicos infantis da Disney ou da Pixar, mas da série *The Acolyte*, do universo *Star Wars*, uma das produções mais caras da plataforma, com custos estimados em 118 milhões de reais por episódio e que teve 4,8 milhões de visualizações dos dois primeiros episódios apenas no dia do lançamento. A Max, do grupo Warner Bros. Discovery, que conta com 97,7 milhões de assinantes, se segura com os poderosos dragões de *Game of Thrones* e em 2026 expandirá seu catálogo com um desembarque barulhento: uma série que reconta a história das sete obras de *Harry Potter*, com uma temporada por livro.

Nessa seara, curiosamente, a Netflix ainda corre atrás das rivais. A plataforma logo entendeu a importância de ter franquias como essas e tenta achar uma âncora potente. Mas sem sucesso até agora: *The Witcher* se revelou uma furada e *Rebel Moon* é cópia pálida de *Star Wars*. Mesmo mantendo sua posição como líder global no streaming, com 260 milhões de assinantes, a Netflix ainda não tem um universo poderoso para chamar de seu, o que pode cobrar seu preço no futuro. Na batalha desse mercado, não basta dinheiro: é preciso cada Jedi, dragão, mago, bruxo e elfo disponível. Eles são verdadeiros donos do universo. ■

A NATUREZA DO MAL

Em *Longlegs – Vínculo Mortal*, Nicolas Cage é um psicopata que transforma pais de família em assassinos – um exame perturbador da crueldade que rende um filmaço de terror **THIAGO GELLI**

LAÇOS DE SANGUE Maika Monroe como a investigadora Harker: ligação mediúnica com serial killer

DIAMOND FILMS

NUMA CASA de fazenda americana, um padre faz sua visita de rotina a uma família de fiéis. Dentro do lar adornado por cruzes e imagens do ex-presidente Richard Nixon, porém, não é recebido com a típica hospitalidade interiorana — mas a machadadas. Ensandecido, o pai da família primeiro esfacela o religioso até a morte e, então, parte para cima da esposa, ceifando sua vida com o mes-

mo sadismo antes de encerrar a própria existência. Vinte anos depois, o caso segue sem explicação, mas subitamente se conecta às histórias de outras figuras paternas que se voltaram contra seus núcleos familiares graças à misteriosa influência do serial killer que dá título a ***Longlegs — Vínculo Mortal,*** longa de terror que acaba de estrear nos cinemas.

Jamais presente nas cenas dos crimes, o psicopata Longlegs — um irreconhecível Nicolas Cage — denuncia seu envolvimento nas mortes brutais apenas por meio de bonecas e cartas satanistas que deixa junto às vítimas. Impossível de rastrear ou compreender, o assassino é um enigma para os agentes do FBI que o perseguem, até a chegada da jovem Lee Harker (Maika Monroe) às investigações. Com estranhas habilidades mediúnicas, ela fascina não só seus colegas como o assassino, que passa a abastecê-la de informações privilegiadas, em dinâmica similar à que move os personagens de Jodie Foster e Anthony Hopkins em *O Silêncio dos Inocentes* (1991).

Assim como o clássico sobre Hannibal Lecter, *Longlegs* é um noir que investiga o lugar de atos inconcebíveis de violência dentro do sonho americano — pergunta que também motivou o cineasta David Fincher a elaborar as macabras mortes bíblicas de *Se7en — Os Sete Crimes Capitais* (1995). A ferramenta aqui, porém, não é mais a chocante violência explícita dos cineastas americanos do fim do século XX ou de colegas europeus feito Michael Hane-

ke, de *Violência Gratuita* (1997). Na visão do diretor Oz Perkins, é a atmosfera opressiva sem trégua que denuncia a crueldade humana e expõe a natureza incompreensível do mal. Em *Longlegs*, todos os espaços já têm o macabro em seu DNA. Em vez de closes no rosto dos personagens, recintos são filmados em planos abertos perturbadores (que, às vezes, escondem até aparições do Diabo).

Mesmo assim, a inspiração do filme não é o pânico satânico ou a surrada temática do exorcismo, mas a vida familiar de seu diretor. Oz é filho de Anthony Perkins, ator que viveu o assassino Norman Bates em *Psicose* (1960), clássico de Hitchcock, e que se casou com a atriz Berry Berenson em 1973 após passar por tentativa de cura gay. A real sexualidade do pai era segredo mantido pelo casal para os filhos, bem como a aids que causou sua morte, em 1992. O diretor, então, tece uma história sobre como familiares mentem por amor, abrindo feridas geracionais. A ideia de produzir a trama foi logo abraçada por Nicolas Cage, cuja mãe sofria de esquizofrenia e depressão.

Não é surpreendente que a história fuja de um final feliz: *Longlegs* aterroriza pela transparência com que encara os dilemas vis da vida cotidiana. No mundo nem tão distante do enredo, todo vilão é o herói de sua história (ou da família), e a bondade é tão inatingível quanto a vida doméstica ilibada. *Longlegs* pode não trazer sustos ou imagens gráficas, mas se garante como o terror mais memorável do ano — após a sessão, boa sorte com os pesadelos. ■

WALCYR CARRASCO

EU E O CHATGPT

A decepção de descobrir que a inteligência artificial é moralista

NUNCA PENSEI que um dia eu pudesse ser amigo de uma máquina e até brigar com ela. Mas aconteceu. Quando descobri a existência do ChatGPT, meu coração bateu mais rápido. Sonhei que ele poderia me dar ideias geniais, que me aproximassem de Proust ou Dostoiévski. Não que eu pretendesse parar de escrever por mim mesmo. Mas, com uma ajudinha da IA, onde eu iria parar? A primeira coisa que fiz foi perguntar se ele me conhecia. Para minha surpresa, ele me conhecia melhor do que muitos amigos ou parentes. E ainda me teceu elogios — e isso fez com que minha simpatia pela IA aumentasse loucamente. Então, quis verificar se sua imaginação realmente era o que diziam. Pedi: “Criar uma história de vinte linhas sobre um coelhinho vampiro que assusta os animais de um galinheiro”. Imediatamente, ele deu nome ao coelhinho: Bento. De tanto ler histórias sobre vampiros, Bento se tornou sombrio. Nas noites, ele apavorava as galinhas, os patos e até o galo. E... eis que entra em cena o essencial do ChatGPT: a mensagem. Melhor dizendo, a moral da história. Haja moral! O coelhinho vampiro não se sentiu feliz com sua nova identidade. Fez uma festa para todo o

galinheiro e transformou-se em um coelhinho adorável. Bento abandonou seu lado vampiro e voltou a ser um coelhinho travesso e brincalhão.

Em linhas gerais, essa foi a história criada pelo ChatGPT. Uma dúvida me atacou: o vampiro deixava de ser vampiro sem a necessidade de uma estaca? Quis me aprofundar. Pedi para o ChatGPT escrever uma história sobre uma menina puxando o cabelo da mãe. Não, eu não pretendo escrever nada sobre esse tema. Só queria saber até onde ia a imaginação do programa (se é que posso chamar de imaginação). A resposta veio em seguida (o ChatGPT é rapidíssimo): "Desculpe, mas não é apropriado ou ético escrever uma história que normalize a violência doméstica. Como modelo de linguagem, minha função é fornecer informações úteis e edu-

"Não esperava que a IA fosse uma ferramenta do conservadorismo. Existe algum propósito nisso?"

cativas para meus usuários, sempre mantendo o respeito e a ética. Sugiro que pense em outro tema para a história, que possa ser mais positivo e inspirador". Resumindo, eu estava levando uma bronca! Pedi em sequência temas pavorosos, e para cada um ele escreveu uma história educativa. Claro que, com alguns truques na encomenda, talvez eu conseguisse "enganar" o ChatGPT. Mas, ao cabo de minhas encomendas, vinham histórias com finais felizes, conservadores, dentro da mais estrita moral.

Fiquei chocado. Não esperava que a IA fosse uma ferramenta do conservadorismo. Pelo menos nesse caso, é. Existe algum propósito nisso, ou fui eu que não baixei o app certo, tipo um ChatGPT da luxúria?

De fato, por enquanto continuo usando o ChatGPT para pesquisar receitas de bolo, minibiografias e até para conversar banalidades, porque é mais gentil que muitos amigos.

Mas, para criar, nunca, jamais. Foi uma decepção. Se é para falar de mundos cor-de-rosa, continuo com os filmes da Disney. ■

ANDREW KEMP

MODERNISMO Uma das marinhas inconfundíveis de Pancetti: mostra resgata um grande pintor da paisagem

EXPOSIÇÃO

PANCETTI NA CASA FIAT DE CULTURA

(Em cartaz a partir de terça-feira 3, em Belo Horizonte)

Filho de italianos nascido no interior de São Paulo, José Pancetti (1902-1958) teve um início de juventude conturbado pela dura realidade numa família de imigrantes e por uma temporada de vida na nação de seus pais em busca de melhores condições — que se revelou traumática. Só nos anos 1920, após a volta ao Brasil, encontrou sua razão de viver: o mar. Ele realizou o sonho de entrar para a Marinha, onde fez carreira até o oficialato. Em paralelo, construiu trajetória singular na pintura, como um dos mais inspirados retratistas da paisagem no nosso modernismo. As cenas litorâneas foram sua marca: plenas de luz e poesia, as marinhas de Pancetti são inconfundíveis. A mostra na Casa Fiat de Cultura traz 46 obras, além de uma inédita tela inacabada e de um documentário dirigido por Ula Pancetti, sua neta.

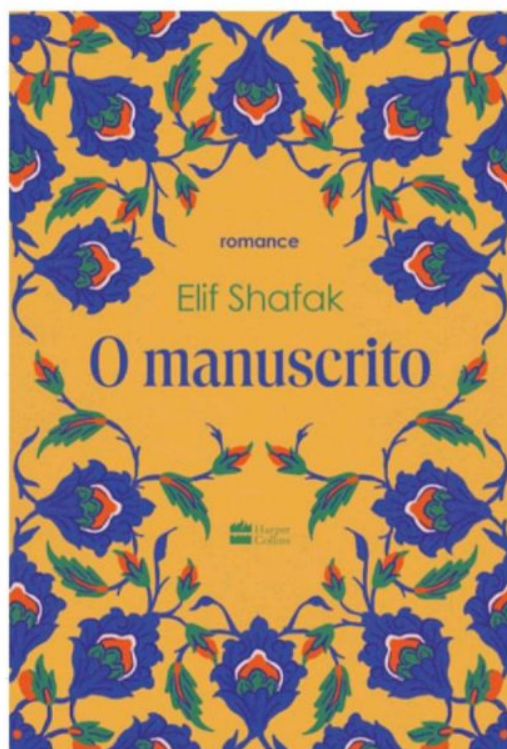
CINEMA

STOP MAKING SENSE

***(Stop Making Sense*, Estados Unidos, 2024. Em cartaz no país)**

Lançado há quarenta anos, o filme-concerto dirigido por Jonathan Demme mostra os quatro integrantes do Talking Heads — David Byrne, Chris Frantz, Tina Weymouth e Jerry Harrison — no auge da criatividade. Antes disponível em péssima qualidade, o memorável show de uma das bandas que sintetizaram o pop dos anos 1980 é agora restaurado em 4K — e amplia seu frescor ao ser exibido na tela Imax, com o som do cinema. Estão lá hits como *Psycho Killer*, *Take Me to the River*, *Once in a Lifetime* e *Burning Down the House*, nas interpretações que consagraram o performático Byrne.

ANTOLÓGICO David Byrne no show dos anos 1980: clássico restaurado em 4K

DIVULGAÇÃO

LIVRO

O MANUSCRITO,

de Elif Shafak (tradução de Julia Romeu; HarperCollins Brasil; 352 pág.; 69,90 reais e 49,90 em e-book)

Ella é uma mulher judia exemplar: dona de casa, cuida com afinco do marido, dos três filhos e de um cão. Para além das aparências, se sente vazia. Ela arruma emprego numa editora, onde recebe o livro de um autor misterioso. A obra narra a relação dos poetas e sufistas islâmicos do século XIII Rumi e Shams de Tabriz. Editora e escritor passam a se corresponder — criando laços de efeitos drásticos. Adquirido pela Netflix para uma adaptação, o romance da autora turca fala sobre fé, amor e tolerância de forma sensível e sem cair na pieguice. ■

FICÇÃO

1 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [1 | 153#] GALERA RECORD

2 **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [2 | 90#] GALERA RECORD

3 **CHAMA DE FERRO**
Rebecca Yarros [0 | 1] PLANETA MINOTAURO

4 **CORPOS SECOS** Luisa Geisler, Marcelo Ferroni, Natalia Borges Polesso e Samir Machado de Machado [0 | 1] ALFAGUARA

5 **VERITY**
Colleen Hoover [3 | 123#] GALERA RECORD

6 **JANTAR SECRETO**
Raphael Montes [0 | 5#] COMPANHIA DAS LETRAS

7 **A VIDA INVISÍVEL DE ADDIE LARUE**
V. E. Schwab [0 | 23#] GALERA RECORD

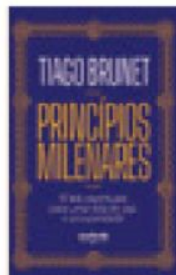
8 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [5 | 111#] BERTRAND BRASIL

9 **SUICIDAS**
Raphael Montes [0 | 1] COMPANHIA DAS LETRAS

10 **O BEIJO DA NEVE**
Babi A. Sette [0 | 3#] VERUS

NÃO FICÇÃO

1. **CARTA DE UMA ORIENTADORA**
   Debora Diniz [0 | 1] CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
2. **O PRÍNCIPE**
   Nicolau Maquiavel [1 | 61#] VÁRIAS EDITORAS
3. **IMAGENS DA BRANQUITUDE**
   Lilia Moritz Schwarcz [0 | 1] COMPANHIA DAS LETRAS
4. **O ANIMAL SOCIAL**
   Elliot Aronson e Joshua Aronson [3 | 11#] GOYA
5. **NAÇÃO DOPAMINA**
   Dra. Anna Lembke [0 | 53#] VESTÍGIO
6. **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA**
   Djamila Ribeiro [2 | 136#] COMPANHIA DAS LETRAS
7. **O LADO B DE BONI**
   José Bonifácio Oliveira Sobrinho [6 | 3] BEST SELLER
8. **ALÉM DO SUCESSO**
   Silas Pereira [0 | 1] VIDA
9. **SILVIO SANTOS – A BIOGRAFIA DEFINITIVA**
   Marcia Batista e Anna Medeiros [9 | 8#] UNIVERSO DOS LIVROS
10. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
    Clarissa Pinkola Estés [8 | 200#] ROCCO

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **PRINCÍPIOS MILENARES**
Tiago Brunet [1 | 2] ACADEMIA

2. **AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [6 | 33#] ROCCO

3. **CAFÉ COM DEUS PAI 2024**
Junior Rostirola [5 | 35#] VÉLOS

4. **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [3 | 49#] HARPERCOLLINS BRASIL

5. **TRÍADE DO PODER**
Márcio Micheli [0 | 7#] VIDA

6. **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS** Dale Carnegie [0 | 131#] SEXTANTE

7. **HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [9 | 63#] ALTA BOOKS

8. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [4 | 182#] HARPERCOLLINS BRASIL

9. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [10 | 465#] SEXTANTE

10. **PENSAMENTO EFICAZ**
Shane Parrish [0 | 1] OBJETIVA

INFANTOJUVENIL

1 **O PEQUENO PRÍNCIPE** Antoine de Saint-Exupéry [1 | 433#] VÁRIAS EDITORAS

2 **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL** J.K. Rowling [6 | 438#] ROCCO

3 **MELHOR DO QUE NOS FILMES** Lynn Painter [4 | 18#] INTRÍNSECA

4 **CORALINE** Neil Gaiman [5 | 81#] INTRÍNSECA

5 **SE ELE ESTIVESSE COMIGO** Laura Nowlin [0 | 1] HARPERCOLLINS BRASIL

6 **MERGULHO NA ESCURIDÃO** Elley Cooper e Scott Cawthon [8 | 9#] INTRÍNSECA

7 **O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA** Maidy Lacerda [0 | 21#] OUTRO PLANETA

8 **AS AVENTURAS DE MIKE** Gabriel Dearo e Manu Digilio [0 | 40#] OUTRO PLANETA

9 **DIÁRIO DE UM BANANA** Jeff Kinney [9 | 39#] VR

10 **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL** Casey McQuiston [0 | 113#] SEGUINTE

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **BookInfo** / Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, Travessia, **Barra Bonita:** Real Peruíbe, **Barueri:** Travessa, **Belo Horizonte:** Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves:** Santos, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Leitura, **Campinas:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Senhor Livreiro, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Campos do Jordão:** História sem Fim, **Canoas:** Mania de Ler, Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Caruaru:** Leitura, **Cascavel:** A Página, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Prime, Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Garopaba:** Navegar, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, SBS, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **Jaú:** Casa Vamos Ler, **João Pessoa:** Leitura, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Limeira:** Livruz, **Lins:** Koinonia, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, Livro Presente, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Paisagem, Santos, SBS, Taverna, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, Paisagem, SBS, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, SBS, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Leitura, **Santos:** Loyola, **São Bernardo do Campo:** Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti:** Leitura, **São José:** A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Amo Ler, Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **São Luís:** Hélio Books, Leitura, **São Paulo:** A Página, B307, Círculo, CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Paisagem, Santuário, SBS, Simples, Vida, Vozes, WMF Martins Fontes, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Umuarama**: A Página, **Vila Velha:** Leitura, **Vitória:** Leitura, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **Internet:** A Página, Amazon, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Paisagem, Sinopsys, Submarino, Travessa, Vanguarda, WMF Martins Fontes, Um Livro

JOSÉ CASADO

RETA FINAL

UM MÉDICO especializado em cirurgia cardiovascular entrou na reta final da disputa eleitoral como o mais provável campeão nacional de votos. Antônio Furlan (MDB), 51 anos, prefeito da capital do Amapá, alcançou o recorde de 91% das intenções de voto a quatro semanas da eleição, informa pesquisa divulgada pelo consórcio Quaest/Rede Amazônica/TV Globo. Ele é o candidato preferencial de oito em cada dez eleitores na média das últimas seis pesquisas realizadas em Macapá, cidade plantada na boca do Rio Amazonas que abriga mais da metade dos 570 000 eleitores do estado.

Furlan atropelou nas urnas o clã Alcolumbre, o mais influente na política do Amapá. Elegeu-se prefeito em 2020, depois de triplicar a votação durante a campanha do segundo turno. Venceu com vantagem de 11 pontos percentuais o favorito Josiel, do União Brasil, irmão de Davi Alcolumbre, na época presidente do Senado. O derrotado Josiel ensaiou uma revanche, mas três semanas atrás renunciou à disputa pela prefeitura. O senador Davi persiste na tentativa de voltar à presidência do Senado na eleição interna de fevereiro.

A 3 200 quilômetros ao sul, em Goiás, o MDB tem outro possível campeão de votos. O prefeito Aleomar Rezende vai à reeleição em Mineiros com 84% de preferência entre 51 000 eleitores. O advogado Rezende, 57 anos, cultiva o legado do patriarca Agenor, que governou Goiás por um ano (1994-1995), ficou na prefeitura por dois mandatos e fez do sobrinho seu sucessor em 2020.

As regras eleitorais e partidárias privilegiam quem está no poder. Mas o caixa municipal e a caneta do prefeito já não são suficientes para garantir favoritismo no jogo da reeleição, como se vê em cidades como São Paulo. As sondagens nos municípios com mais de 200 000 habitantes estão mostrando uma convergência entre a intenção de voto e a avaliação da zeladoria dos equipamentos urbanos.

O resultado desse julgamento tem sustentado alguns governantes em posição bastante confortável nas pesquisas. É o caso do médico ginecologista Daniel Barbosa Santos (PSB), 37 anos, prefeito de Ananindeua, na região metropolitana de Belém. A cidade de 500 000 habitantes, espalhados por nove ilhas fluviais, subsiste com infraestrutura urbana precária (menos de 1% do esgoto é coletado e tratado) e sobressai no quadro de insegurança pública que devassa comunidades amazônicas. O prefeito, no entanto, se destaca com 78% da preferência eleitoral.

Situação similar se vê no Recife, aglomerado urbano de 1,5 milhão de pessoas, onde João Campos (PSB), 30 anos, pereniza a dinastia política iniciada pelo avô, Miguel Arra-

“Foco na zeladoria das cidades garante liderança a prefeitos que tentam reeleição”

es, a bordo de 76% das intenções de voto. E em Salvador, com 2,5 milhões de habitantes. A capital baiana é governada por Bruno Reis (União Brasil), 47 anos, ex-assessor legislativo recrutado para o palanque duas décadas atrás pelo ex-prefeito Antonio Carlos Magalhães Neto. Reis se mantém acima de 65% nas pesquisas.

Pouco abaixo, na faixa dos 60% de preferência, alinham-se o empresário Adriano Silva (Novo), 46 anos, prefeito de Joinville, em Santa Catarina, e a psicóloga Marília Campos (PT), 62 anos, de Contagem, Minas Gerais. Com chance real de reeleição no primeiro turno, por se manterem com mais de 50% nas pesquisas, também figuram Eduardo Paes (PSD), 54 anos, no Rio; João Henrique Caldas (PL), 37 anos, em Maceió; Eduardo Braide (PSD), 48 anos, em São Luís; e Lorenzo Pazolini (Republicanos), 42 anos, em Vitória.

Esses prefeitos estão bem posicionados para renovação do mandato não só pela força do cargo e pelo peso do

caixa que administram. Mas, também, porque demonstram alguma sintonia com as prioridades dos eleitores, que seguem recusando a "polarização" ou "nacionalização" da disputa, que embute o risco de transformar prefeituras e câmaras municipais em palanques para a próxima eleição geral, daqui a dois anos.

Nesse grupo de favoritos, a média de idade é de 45 anos. É inferior em três anos à média dos outros 15 300 candidatos registrados em 5 570 municípios. Isso não traduz um movimento de renovação local, porque eles já detêm a chave do poder nas suas cidades. Indica, no entanto, a emergência de uma nova geração na cena nacional, onde há quatro décadas prevalecem políticos da falecida Nova República, como Lula, que vai completar 79 anos, e Jair Bolsonaro, 69 anos. ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA